INSTITUTO DE HUMANIDADES: HISTÓRIA DE UM EDUCANDÁRIO CEARENSE NA BELLE ÉPOQUE (1904-1914)

THIRZA MARIA BEZERRA BINDÁ

FORTALEZA – CEARÁ
DEZEMBRO – 2008.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA.

THIRZA MARIA BEZERRA BINDÁ

INSTITUTO DE HUMANIDADES: HISTÓRIA DE UM EDUCANDÁRIO CEARENSE NA BELLE ÉPOQUE (1904-1914)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito para obter o grau de mestre em Educação.

ORIENTADOR: PROF. DR. RUI MARTINHO RODRIGUES

FORTALEZA – CEARÁ
DEZEMBRO – 2008.

THIRZA MARIA BEZERRA BINDÁ

INSTITUTO DE HUMANIDADES: HISTÓRIA DE UM EDUCANDÁRIO CEARENSE NA BELLE ÉPOQUE (1904-1914)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito para obter o grau de mestre em Educação.

Aprovado em: _____/_____/_____.

Banca Examinadora

_____.
Prof. Dr. Rui Martinho Rodrigues
Orientador

_____.
Prof. Dr. Luís Távora Furtado Ribeiro
Universidade Federal do Ceará - UFC

_____.
Profª. Draª. Zuleide Fernandes Queiroz
Universidade Regional do Cariri - URCA

Naia Maria Bezerra Bindá
In memoriam

Formadora do caráter nacional, guia das nações, officina onde se burila o proceder das crianças e se lapidam, desenvolvem e aperfeiçoam idéias e consciência é a escola o templo augusto da verdade e do bem; e o professor, por conseqüência, o genitor da prosperidade social, o lapidário do futuro, o sacerdote da virtude.

Joaquim da Costa Nogueira.

AGRADECIMENTOS

À Deus pai e mestre, fonte última do ser e do saber.

Aos meus pais que no decorrer da caminhada incentivaram meu crescimento intelectual e pessoal.

Ao Alexandre Gonçalves Frota por sua amizade fraterna.

A Shaula pela amizade sincera.

Ao Professor Dr. Rui Martinho Rodrigues pela amizade sincera e diálogos acadêmicos que muito contribuíram para tecitura dessa dissertação.

Ao Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará e seus quadros docentes e servidores.

A CAPES pela concessão da bolsa de estudo durante o tempo da tecitura da dissertação.

Ao Núcleo de Pós-graduação em História e Memória da Educação.

Aos Consórcios e funcionários do Instituto Histórico Geográfico e Antropológico do Ceará, que permitiram consultar o acervo da instituição.

A Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel de forma especial ao Setor de Obras Raras por terem permitido a consulta ao acervo.

A Academia Cearense de Letras por permitir a consulta ao seu acervo.

Ao Museu da Imagem e do Som por permitir a consulta ao seu acervo iconográfico.

A Biblioteca de Humanidades da Universidade Federal do Ceará pelo acesso ao acervo bibliográfico.

Ao Prof. Ms. Fábio Delano Vidal Carneiro por sua amizade e apoio na caminhada acadêmica.

Aos Professores Syvia Elizabeth e Alan Arrais pela estimada amizade.

A Sra. Tereza Felix e Família pelo apoio e compreensão.

As professoras Dr^{as}. Isabel Ciasca e Fátima Leitão pelo carinho e atenção

Aos amigos de caminhada acadêmica Ariza Rocha, Eliane Barroso, Valéria Mello, Fátima Leitão, Simone Dantas, Francisco Sales, Gilberto Machado, Josier Ferreira, Edvar Araújo, Paula Lyra e Eliane Oliveira.

Ao apoio Espiritual da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos e Irmãs Missionárias Capuchinhas.

Aos Laços de amizades das editoras e livrarias Paulus, Paulinas, Vozes e Lua Nova.

A Max Cópia e seu corpo de funcionários pelo apoio na digitação e cópias retiradas no decorrer da caminhada acadêmica.

RESUMO

Esta dissertação apresenta a construção da história crônica do Instituto de Humanidades, educandário particular, sediado em Fortaleza – Ceará, durante sua fase de funcionamento: de 1904 à 1914, ou seja, no contexto da belle époque. Sendo o Instituto de Humanidades objeto de estudo dessa dissertação, a fonte primária que possibilitou a visualização de seu funcionamento e cultura escolar que norteava suas práticas pedagógicas foi a Revista Escolar, órgão do educandário que foi idealizada e editada pelo professor Joaquim da Costa Nogueira. As fontes primárias para este estudo foram localizadas no Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará, setor de obras raras da Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel e Academia Cearense de Letras. Frisamos ainda, que as iconografias que constam na dissertação foram rastreadas no Museu da Imagem e do Som no Ceará. Sendo a escrita dessa dissertação uma história crônica, tomamos por referência Bárbara Tuchman, com sua obra intitulada, A Prática da História. Nas leituras a respeito da História das Instituições Escolares e Cultura Escolar tomamos por base as considerações de Justino Pereira de Magalhães, Rosa Fátima de Souza, Vera Teresa Valdemarin e Franco Cambi. Nas linhas tecidas nesta dissertação percebemos que o Instituto de Humanidades, sendo um educandário particular atendia alunos oriundos da elite econômica, política e intelectual cearense, ofertando-lhes uma formação pautada pelo método de ensino intuitivo e valores cívicos-patriótico presentes no imaginário republicano vigente.

Palavras-Chave: Instituto de Humanidades, métodos pedagógicos, formação cívico-patriótica, Revista Escolar.

ABSTRACT

This dissertation presents the construction of the cronical history of the Instituto de Humanidades, private school, in Fortaleza – Ceará, during its functioning period: from 1904 to 1914, that is, in the context of the *belle époque***.** Since the object of study of this dissertation is the Instituto de Humanidades, the primary source which made possible the analysis of the studied school's work and also the analysis of the school culture that backboned its pedagogical practices, was the "Revista Escolar", periodical that was part of the Insituto de Humanidades itself ant that was devised and edited by the Principal Joaquim da Costa Nogueira. The primary sources of this study were found in the "Instituto Histórico e Geográfico do Ceará", in the rare book sector of the "Biblioteca Pública Governador Menexes Pimentel" and in the "Academia Cearense de Letras". We must point that the iconographical material were traced in the "Museu da Imagem e do Som do Ceará". Since the writing process of this work encompasses that of a cronical history, we have adopted Barbara Tuchman as reference, mainly from her work – "The historical practice". Concerning the study of the history of the school institutions and those on School culture we have based our work in the texts of Justino Pereira de Magalhães, Rosa Fátima de Souza, Vera Teresa Valdemarin and Franco Cambi. In the lines of this dissertation we may realize that the "Instituto de Hmanidades", being a private institution, educated students from the highest economical, political and intelectual class level, offering them an education based on the method of intuitive teaching and on patriotic values that were present in the republican imagination at that time.

Key-words: Instituto de Humanidades, pedagogical methods, civic-patriotic education, School magazine

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 10

2. OS PERCURSOS DA BELLE ÉPOQUE 16
   2.1. A belle époque mundial: da sagração a insensatez da hecatombe 16
   2.2. O espírito do belle époque no Brasil e a Educação 42

3. INSTITUTO DE HUMANIDADES: GÊNESE, TRAJETÓRIA E FUNCIONAMENTO 59
   3.1. O processo de criação do Instituto de Humanidades 59
   3.2. Considerações pedagógicas, organização escolar, programas de ensino e manuais escolares 64
   3.3. O Instituto de Humanidades e seus métodos pedagógicos renovadores 79
   3.4. Perfis docentes, discentes e colaboradores 89
   3.5. A formação cívico – patriótica dos discentes 99

4. MATERIAIS PEDAGÓGICOS EM CONSTRUÇÃO: A REVISTA ESCOLAR DO INSTITUTO DE HUMANIDADES 109
   4.1. Salve 14 de julho! Nasce a fulgente Revista Escolar 109
   4.2. A tinta no papel: escritas de docentes, discentes, colaboradores e editor 118

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS 127

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 129

FONTES 134

ANEXOS 135

1 – INTRODUÇÃO

A nossa concepção de história selecionada para tecitura da escrita dessa dissertação intitulada, Instituto de Humanidades: História de um Educandário Cearense na Belle Époque (1904-1914), foi a história narrativa, ou seja, crônica. Termos tomado por referência esse estilo de escrita da história, deriva-se do fato dele não sofrer a corrosão do tempo, mas sim, conservar sua força na interpretação significativa, de acordo com cada momento histórico. Autores que escreveram obras clássicas ao estilo de crônicas como Heródoto, Polibio, Xenofonte, Tucídes, Cícero e Flávio Josefo[1], são sempre atuais e partilhados por gerações diversas, por não terem pretendido teorizar a respeito das ações humanas na sociedade, mas apenas, descreveram os fatos deixando ao leitor a livre interpretação. Nesse sentido, o cronista ao narrar os fatos ainda, com um estilo erudito, sabe que deve primar por transmitir uma linguagem simples e concisa, como se estivesse conversando com seu público leitor. Segundo Tuchman:

> Quando se trata de linguagem, nada mais satisfatório do que se escrever uma boa frase. Não é agradável escrever de maneira desorganizada, desinteressante, numa prosa com a qual o leitor tem de lutar como areia molhada. Mas é um prazer realizar, quando se pode, uma prosa clara e coerente, simples e ao mesmo tempo alheio de surpresas. Isso não acontece por acaso. Exige habilidade, trabalho árduo, um bom ouvido e prática constante, tal como é necessário a Jascha Heifetz para tocar violino. As metas como já disse, são a clareza, o interessante é o prazer estético. Sobre a primeira, gostaria de citar Macaulay; grande historiador e grande escritor, que escreveu certa vez a um amigo: "Como é pouco estudado hoje a importantíssima arte de tomar o sentido claro! Quase nenhum escritor popular, exceto eu, pensa nele"[2]

A tecitura da narrativa histórica ao estilo de crônica possibilita ao historiador uma maior valorização das fontes primárias, não utilizar conceitos teóricos atuais para analisar fatos mais recuados no tempo, evitando assim anacronismos, conservação de plasticidade da obra e maior dinâmica de interpretação pelo público leitor. A narrativa dos fatos torna possível a ruptura com a domestificações ideológicas presentes no gesso das teorizações. O caráter descritivo da narrativa não deixa de ter sua cientificidade, pois, para realiza-lo o historiador necessita via leitura das fontes primárias, estabelecer os critérios necessários para dar sentido as ações humanas no tempo e espaço. Na escrita desta dissertação, portanto,

---

[1] Para maior visualização das crônicas escritas por esses autores verificar em Pereira, Maria Helena da Rocha. **Estudos de História da Cultura Clássica. II Volume – Cultura Romana.** Lisboa. Edições Calouste Gulbenkian, 2002; Finley, M.I. **Uso e abusos da história.** São Paulo, Martins Fontes, 1989.

[2] Tuchman, Bárbara W. **A Prática da História tradução Waltensir Dutra.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1991 p.41.

seguimos as considerações da historiadora e jornalista norte-americana Bárbara Tuchman, que em sua obra, A Prática da História, afirma ser a história cronológica e não a visão retrospectiva da mesma, o fio condutor que aproxima o fato histórico daquilo que ele realmente foi. Nesse sentido o percurso teórico-metodológico da escrita sobre a história do Instituto de Humanidades e sua cultura escolar, seguiu as considerações de Tuchman quando afirma:

> Quanto a estrutura, minha forma pessoal é a narrativa, que não é a de todos os historiadores, posso dizer – na verdade, é antes vista com desconfiança hoje pelos acadêmicos avançados, mas não me importo porque ninguém poderia persuadir-me que contar uma história não é coisa mais desejável que um escritor possa fazer. A história narrativa não é tão simples, nem tão direta, quanto poderia parecer. Exige organização, composição, planejamento tal como a pintura – a vigília noturna, de Rembrant, por exemplo. Ele não organizou todas aquelas figuras, algumas em primeiro plano e outras atrás, é a luz caindo sobre elas de determinada maneira, sem muita tentativa de erro, e inúmeros desenhos preliminares. Dá-se a mesma coisa ao escrever-se a história. Embora o resultado final possa parecer ao leitor natural e inevitável, como se o autor tivesse apenas de seguir a seqüência dos acontecimentos, não é tão fácil assim. Por vezes, para prender a atenção, o fato crucial e as circunstâncias que causaram tem de ser colocados em ordem inversa – o fato primeiro e a causa depois, como em O telegrama Zimmermann. Temos de jogar com o tempo.[3]

Nas últimas décadas a produção historiográfica sobre o campo da história da educação ampliou-se, apontando caminhos aos pesquisadores para desenvolvimento de trabalhos sobre instituições escolares. Dentre os possíveis caminhos que os pesquisadores da historia da educação podem trilhar ao volver seu olhar para a história das instituições escolares, estão os aspectos físicos, administrativos e sócio-cultural presentes no cotidiano das escolas. No aspecto físico é possível considerar toda uma leitura pedagógica sobre a arquitetura escolar e seus espaços, quanto ao plano administrativo torna-se interessante compreender a gestão, relações professor-aluno, funcionários, concepções didático-pedagógicas inseridas no cotidiano escolar e por fim, no aspecto sócio-cultural considerar a produção de saberes, propagação de cultura escolar, métodos e formação pedagógica. Nesse sentido, tendo sido o Instituto de Humanidades, uma instituição escolar, tomamos por base para visualizar seu funcionamento as considerações discursivas de Justino Pereira de Magalhães, sobre a História das Instituições Educativas:

> Torna-se necessário conhecer e caracterizar os órgãos de gestão, direção; explicar como se efetua a comunicação interna e externamente, conhecer e caracterizar as relações de poder, as hierarquias e as instâncias com capacidade de decisão; conhecer e caracterizar os corpos docentes, administrativo e auxiliar; conhecer e avaliar as formas de participação por parte dos diversos autores, a título individual, grupal ou de representação; conhecer a relação e a participação

[3] Idem p.41

> da comunidade envolvente, as relações com o poder central e com os poderes regionais e locais.[4]

No decorrer da narrativa da história do Instituto de Humanidades após termos situado-o no contexto histórico mundial, nacional e local da Belle Époque, consideramos em seu funcionamento os três aspectos, ou seja, físico, administrativo e sócio-cultural enfatizados por Justino Pereira de Magalhães, no físico dissertamos quanto sua localização, movimento de matricula dos alunos, programas, condições de pagamento; quanto ao administrativo mencionamos o corpo docente, discente, direção, funcionários, colaboradores, relação com famílias, já no sócio-cultural narramos métodos pedagógicos, livros e materiais escolares, comemorações, prêmios, e formação cívico-patriótico. Nosso interesse em pesquisar o Instituto de Humanidades enquanto instituição escolar deriva do fato de tornar conhecido a cultura escolar posta em prática na formação do corpo discente que compunha seu espaço educativo. Consideramos ainda ser importante desenvolver esse estudo, por ser necessário maiores pesquisas sobre o funcionamento de instituições escolares privadas no âmbito educacional cearense no inicio do século XX. Até o presente momento por meio de levantamentos bibliográficos, detectamos que o Instituo de Humanidades, é mencionado apenas nas obras de estudiosos como Plácido Castelo (1970), Raimundo Girão (1985), João Hippólito Oliveira (1966); Itamar Espindola (1991); Celeste Cordeiro (1996) e Ercília Braga de Olinda (2005) que teceram breves considerações sobre o educandário na formação da mocidade cearense, no período de seu funcionamento. O recorte temporal de pesquisa situou-se de 1904, quando o educandário abriu suas portas à 1914, quando encerra suas atividades, devido ao assassinato de José Mendonça Nogueira, filho único do diretor do Instituto de Humanidades, Joaquim da Costa Nogueira. Visamos com a escrita desta dissertação contribuir para o campo da história das instituições escolares cearenses, possibilitando assim, pesquisas vindouras.

Este estudo realizado sobre a história do Instituto de Humanidades, enquanto instituição escolar, levou em consideração ao longo da pesquisa as seguintes inquietações:

1) Como ocorria o funcionamento do Instituto de Humanidades durante a década que manteve suas portas abertas?
2) Qual o perfil discente, docente e colaboradores que estavam inseridos no cotidiano educativo do Instituto?

---

[4] Magalhães, Justino Pereira de. Breve apontamentos para a história das instituições educativas. In: J.L. Sanfelice; D. Saviani; J.C Lombardi (orgs) **História da Educação Perspectiva para um Intercâmbio Internacional.** Campinas; autores associados, 1999 p.71.

3) Quais métodos pedagógicos, materiais didáticos, ritos festivos que norteavam a formação do alunado do Instituto de Humanidades?

Além de Bárbara Tuchman e Justino Pereira de Magalhães outros autores que nortearam a escrita da dissertação foram: Franco Cambi, Rosa Fátima de Souza, Vera Teresa Valdemarin e Rui Martinho Rodrigues. Franco Cambi com sua obra História da Pedagogia (1999), nos ofertou uma ampla visualização sobre a história das idéias pedagógicas que se fizeram presentes no contexto educacional de finais do século XIX e inicio do século XX, ou seja, apresentando os pensamentos de Basedow, Pestalozzi, Fröebel, Herbart, dente outros. A escola neste período segundo Franco Cambi "...se considera como instituição delegada a formar o cidadão como homem e o homem como cidadão..."[5], através da obra Templos de Civilização: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1890-1910) de Rosa Fátima de Souza (1998), nos possibilitou compreender como as idéias de modernidade e civilização eram presentes no cotidiano escolar, através de ritos escolares como passeatas cívico- infantis, instrução militar, declamação de poesias e hinos, materiais didáticos e método pedagógicos, sob a ótica de Souza, a escola então sobre a influência do imaginário republicano "...adquire uma finalidade cívica, moral e instrumental. Para cumprir tão elevado designo era preciso fundar uma escola identificada com os avanços do século, uma escola renovada nos métodos, nos processos de ensino, nos programas, na organização didático-pedagógico; enfim, uma escola moderna em substituição à arcaica e precária escola de primeiras letras existente no Império"[6]; Vera Teresa Valdemarin em sua obra, Estudando as Lições de Coisas: análise dos fundamentos filosóficos do método do ensino intuitivo (2004), ao demonstrar como os manuais didáticos podem refletir a cultura escolar posta em prática em uma época, para os corpos docentes e discentes, nos permitiu identificar como a revista escolar do Instituto de Humanidades, enquanto material didático propagou em suas páginas a cultura escolar presente no educandário. Segundo Valdemarin, a leitura do manual didático "...é fundamental para a compreensão da história das idéias pedagógicas que, explicitando os objetivos da educação em determinados períodos ou contextos pretende ser também um sistema para orientação de novas práticas, embora dependa para isso de uma série de mediações e da criação de diferentes dispositivos (entre eles, os manuais) para serem

[5] Cambi, Franco: **História da pedagogia.** Trad. Álvaro Lorencini. São Paulo: UNESP, 1999, p.487.
[6] Souza, Rosa Fátima de.**Templos de civilização: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo.** (1890-1910). São Paulo: UNESP, 1998 p.28 - 29.

efetivados".[7] Sendo a revista escolar fonte primária para escrita dessa dissertação que teve como objeto o Instituto de Humanidades, sua sistematização leva em consideração as linhas de Rui Martinho Rodrigues quando menciona " a seleção é inevitável, salvo nos possíveis casos de investigações voltadas para objeto muito restrito ou pioneiro, ainda assim, o estudante poderá ser surpreendido pelo volume de textos, os motivados podem tentar"[8]
Periódicos, como revistas e jornais, tem sido um importante suporte material, que tem auxiliado pesquisadores a visualizar melhor o funcionamento das instituições escolares, por trazerem dados sobre a vida cotidiana de seus atores, como diretores, docentes, discentes, funcionários e colaboradores. Nesse sentido, realizamos nossa pesquisa sobre o Instituto de Humanidades, por meio das páginas da revista escolar que foi vital na vida do educandário, por divulgar a cultura escolar do mesmo, para além dos seus muros. A revista escolar apresenta seções cujos conteúdos podem ser destacados como: programas de ensino, lições pedagógicas, echos escolares, concursos, prêmios, jogos de espírito, boa leitura, médias mensais, ano letivo, amigos do instituto, cousas históricas, efemérides, dentre outros. As revistas escolares enquanto fontes primárias foram rastreadas no Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará, setor de obras raras da Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel e Acadêmica Cearense de Letras. Os tomos do periódico escolar que possibilitaram a narrativa dessa dissertação foram as brochuras referentes a:

- Revista Escolar do Instituto de Humanidades de 1906 (Jan a Dez.)
- Revista Escolar do Instituto de Humanidades de 1907 (Jan a Nov.)
- Revista Escolar do Instituto de Humanidades de 1908 (Jan a Nov.)
- Revista Escolar do Instituto de Humanidades de 1911 (Jan a Out/Nov)
- Revista Escolar do Instituto de Humanidades de 1912 (Jan a Out/Nov)
- Revista Escolar do Instituto de Humanidades de 1914 (Jan a Junho/Julho)

Outras fontes que possibilitaram maiores informações sobre o Instituto de Humanidades foram a Revista Escolar de 1925-1926, o Livro Ano Escolar de 1921, o Ceará Intelectual de 1910 e por fim o Anuário Cearense para 1912. Depois de termos localizado, catalogado e sistematizado as informações contidas nas seções pedagógicas da revista escolar, por meio do diálogo com a mesma e apoiados nas considerações de Bárbara

[7] Valdemarin, Vera Teresa. Interfaces de pesquisas sobre manuais didáticos. In: Bencostta, Marcus Levy (Org), **Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos**. São Paulo: Cortez, 2007 p.310.
[8] Martinho Rodrigues, Rui. **Pesquisa acadêmica: como facilitar o processo de preparação de suas etapas**. São Paulo: Atlas, 2007 p.20.

Tuchman, desenvolvemos as linhas que compõem os capítulos dessa dissertação. Cinco são os capítulos:

Capítulo 1 – Corresponde a Introdução, onde tecemos as considerações gerais sobre a dissertação e mostramos o percurso teórico – metodológico do trabalho.

Capítulo 2 – Os Percursos da Bella Époque. Neste capítulo discutimos o contexto da Belle Époque mundial, nacional e local junto com idéias de modernidade, civilização e progresso que nortearam as instituições, desse período dito de ouro, como a saber, a educação.

Capítulo 3 – O Instituto de Humanidades: gênese, trajetória e funcionamento. Por meio desse capítulo abordamos a criação do Instituto de Humanidades, condições de seu funcionamento, os métodos e idéias pedagógicas, perfis dos corpos docentes, discentes e colaboradores e por fim a formação cívico-patriótica do alunado influenciada pelo imaginário republicano vigente.

Capítulo 4 – Material pedagógico em construção: a Revista Escolar do Instituto de Humanidades.

No decorrer desse capitulo abordamos a criação da Revista Escolar enquanto material didático do Instituto de Humanidades destacando ainda, as seções nas quais escreviam docentes, discentes, colaboradores e editor.

Capítulo 5 – Considerações Finais. Breve panorama sobre as idéias contidas nessa dissertação.

Portanto, com a tecitura dessa dissertação sobre a história do Instituto de Humanidades, buscamos mostrar possibilidades de pesquisas sobre instituições escolares, cultura escolar, história da criança, história das disciplinas escolares, reformas do ensino dentre outros assuntos, que possam colaborar para história da educação cearense.

2 – OS PERCURSOS DA BELLE ÉPOQUE

2.1 A Belle Époque mundial: da sagração à insensatez da hecatombe

> A ação e o comportamento deviam ser interpretados em função dos mesmos princípios. Esse amortecedor, entre pensamento e ação, um código moral positivo, desintegrou-se no século XX, e desse modo, no colossal romantismo e irracionalismo de nossa era, a imaginação e ação caminham juntas e até se fundiram.
>
> **Modris Eksteins**

Na perspectiva do historiador Modris Eksteins, a expressão Belle Époque simboliza a euforia que marcou o mundo a partir da segunda metade do século XIX, até a primeira década do século XX. Esse período, dito de ouro, permitiu que a Europa, Estados Unidos e Brasil adquirissem um imaginário impulsionado pelo progresso, aumento da produção industrial, avanço tecnológico, urbanização de cidades e proliferação de novas tendências nas artes, educação e costumes. Era a sagração da Belle Époque mundial. Mas, apesar de toda essa conjuntura voltada para o progresso, esse período foi marcado pela insensatez oriunda das políticas voltadas para o nacionalismo, revanchismo entre as grandes potências, corridas armamentistas e protestos, que se faziam sentir na pintura, na escultura, na dança, no teatro e na literatura. Tudo isso contribui para fragmentar os sonhos de ordem e progresso, que foram dissolvidos com o eclodir da Primeira Guerra Mundial.

A Segunda Revolução Industrial ou Revolução Científico-Tecnológica[9], ocorrida na Inglaterra, atingiu o seu ápice em 1870, contribuindo para que o mundo europeu conhecesse transformações na sua sociedade, economia, política e cultura. A nova face da industrialização significou aumento de produção, fontes de energia, novos transportes, ampliação dos mercados, meios de comunicação mais eficientes e recursos médicos que, aplicados no combate às epidemias, prolongavam as expectativas de vida. Na aurora do século XIX, a Inglaterra já possuía uma próspera economia, uma vez que, já não adotava os

---

[9] A denominada Revolução Industrial iniciada no século XVIII, possuiu duas fases: a primeira fase, situada entre 1780 e 1850, correspondendo à era do carvão e do ferro; e, a segunda fase, entre 1850 e 1914, correspondendo à era do aço e da eletricidade. O processo de industrialização européia, que teve a Inglaterra como propagadora, não atingiu a todas as nações de forma homogênea, mas, ao nascer o século XX, poucos eram os países que não haviam adentrado na industrialização. SCHNERB, Robert. **O século XIX: o apogeu da civilização européia (1850-1914)**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1961.

No mundo atual vivenciamos a terceira revolução industrial que propaga as novas tecnologias, como a saber, da informação e automação. **GRIFO NOSSO.**

princípios do mercantilismo, possuía uma forte indústria têxtil e bons lucros provenientes de suas minas de carvão. Esses fatores contribuíram para que a Inglaterra surgisse no cenário econômico, político e industrial como uma grande potência. Na afirmação de Castro podemos perceber a dinâmica dos negócios ingleses:

> Em meados do século XIX, o capitalismo inglês já havia ultrapassado suas fronteiras de um lado, intensificavam-se as relações comerciais com outros países; de outro tomava impulso a grande expansão ferroviária internacional financiada por capitais ingleses. Paralelamente, operava-se uma profunda mudança na política inglesa: o liberalismo finalmente se impunha sobre as posições mercantilistas pretéritas. Os episódios culminantes da campanha da "Liga do Livre Comércio" seria a revogação das "Corn Laws" dos "Navigation Acts", e uma importante reforma tributária interna que substituiu as taxas sobre os fluxos do comércio exterior por impostos sobre os lucros e sobre o consumo.[10]

A nova fase da industrialização conheceu uma nova dinâmica com o aço, o petróleo e a energia elétrica, que tornaram possível a construção de máquinas, ferramentas, trilhos, edifícios e produtos químicos. No ano de 1852, Sr, Henry Bessemer (1813-1898) inventou o processo de fabricação do aço, que consistia em permitir deixar passar uma corrente de ar sobre o ferro em estado de fusão. É o denominado "Processo Bessemer". Novas pesquisas com o aço foram realizadas, trazendo, com isso, um melhor desempenho nos campos da metalurgia e siderurgia: era o fim da hegemonia do ferro.

No ano de 1859, o coronel Edwin Drake (1819-1880)[11] descobriu, na região da Pensilvânia, uma nova fonte de energia, o petróleo, que passou a ser considerado importante para obtenção de gasolina e abastecimento de motores, fato que impulsionaria a indústria automobilística no mundo, a partir de 1886. As luzes da Segunda Revolução Industrial acenderam-se no ano de 1879, quando Thomas Alva Edison (1847-1931), após ter estudado importantes teorias, como as de Faraday[12], consegue criar uma lâmpada, onde, após passar por um filamento, a energia elétrica transforma-se em luz. O cotidiano da vida urbana modificou-se, pois, a utilização da luz substituiu o lampião a gás, acionou motores industriais, impulsionou as comunicações e iluminou ambientes de lazer, como por exemplo, os teatros. Thomas Edison contribuiu, ainda, criando o microfone, o fonógrafo e a primeira central elétrica, em 1882, nos Estados Unidos da América. O potencial criativo e empresarial de Thomas Edison é destaque em Yergin:

---

[10] CASTRO, Ana Célia. **As empresas estrangeiras no Brasil (1860-1913)**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979, p.21.

[11] Para maiores informações, verificar a obra de Daniel Yergin. **O petróleo: uma história de ganância, dinheiro e poder**. São Paulo: Scritta, 1992.

[12] Michael Farady (1791-1867), membro da Instituição Real de Londres, desenvolveu importantes pesquisas nos campos da física e da química. Entre suas pesquisas é possível destacar os estudos sobre os efeitos elétricos, casos de isomerismos e a descoberta da indução eletromagnética. MASON, S.F. **História da ciência:** as principais correntes do pensamento científico. Rio de Janeiro: Globo, 1962, pp.391-397.

> (...) se voltou em 1877 para o problema da iluminação elétrica. Em dois anos tinha desenvolvido o bulbo de luz incandescente resistente ao calor [...] Edison imediatamente se aplicou à questão da comercialização do seu invento e, ao fazê-lo, criou a indústria de geração elétrica. Ele trabalhou com todo o cuidado para que a eletricidade pudesse ter um preço bastante competitivo – exatamente o mesmo do gás urbano: 2,25 dólares por 30,48 metros cúbicos. Edison elaborou um projeto de demonstração no baixo Manhattan, cujo território, por acaso, incluía Wall Street. Em 1882, de pé na sala de seu banqueiro, J. P. Morgan, ele moveu um interruptor, acionando a usina geradora e abrindo a porta, não apenas para uma nova indústria, mas para uma inovação que transformaria o mundo.[13]

Os rastros de expansão da Revolução Científico-Tecnológica possibilitou a formação de companhias que, atuando no comércio, ferrovias, indústrias, bancos, navegação, dentre outros, geravam impressionantes somas de lucros que ofertavam um rosto mais dinâmico ao capitalismo. Os negócios desses novos tempos teriam à frente os bancos que, através de habilidosas estratégias financeiras, passariam a atuar de maneira cosmopolita. Banqueiros, como os Rothschild, Péreire, Morgan e Mauá emprestaram importantes somas de dinheiro aos governos do Brasil e Uruguai, para que, assim, pudessem sanar os déficits das finanças públicas e propiciar o desenvolvimento das ferrovias, companhias de navegação, iluminação, comunicação, dentre outros. Os negócios brasileiros, a partir de 1860, passaram a conviver com as seguintes casas bancárias: o London and Brazilian Bank, London and River Plate Bank, British Bank of South América, Brazilian and Português Bank, London, Brazilian and Mauá Bank, Banque Brasiliènne Françose e Banco Alemão Brasileiro. A proliferação de investidores estrangeiros em solo brasileiro é, na perspectiva de Castro, um ato de determinação.

> Partiremos da premissa de que as características assumidas pelo investimento estrangeiro no país são o resultado da dupla determinação: de um lado a expansão das economias centrais passava, necessariamente, pela exportação de capitais; de outro lado, o crescimento e diversificação da economia brasileira propiciavam oportunidades atraentes, que seriam aproveitadas por investidores alienígenas.[14]

O capitalismo financeiro oriundo da Segunda Revolução Industrial possibilitou que a sociedade humana, em sua política, economia e cultura, adentrasse em um moderno estilo de civilização que, priorizando investimentos nas ciências, técnicas, educação e saúde, reduziriam a mortalidade, elevariam as taxas de natalidade, incentivariam o cosmopolitismo e trariam melhores condições para a vida urbana.

---

[13] YERGIN, Daniel. **O petróleo: uma história de ganância, dinheiro e poder**. São Paulo: Scritta, 1992, p.67.
[14] CASTRO, Ana Célia. **As empresas estrangeiras no Brasil (1860-1913)**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979, p.11

Nas considerações estabelecidas pela pesquisadora Ana Célia Castro[15] a Grã-Bretanha, na transição do século XVIII para o XIX despontava, no cenário mundial, como uma potência política e econômica. O apogeu britânico atingiu o seu ápice quando subiu ao trono a Rainha Alexandrina Vitória (1819-1901), que, governando de 1837 a 1901, elaborou códigos morais, conquistou novos territórios na África, Ásia e Índia, ofertou apoio para o desenvolvimento da indústria, permitiu o funcionamento dos sindicatos, assegurou o direito à greve, incentivou a importação de mercadorias e assegurou a obrigatoriedade do ensino primário gratuito.

A hegemonia inglesa, no ano de 1871, era notada na força de seu comércio internacional, produção de carvão e aço e prestígio de sua frota naval. A ascensão do chanceler Benjamim Disraeli (1804-1881), como Primeiro-Ministro, consolidou ainda mais a influência britânica, pois, propagou a superioridade inglesa, expandiu o colonialismo, principalmente na Índia e fez frente a nações adversárias, como França, Alemanha e Rússia. No solo indiano, os ingleses obtiam algodão, minérios e vendiam seus tecidos. Após a Guerra dos Cipaios (1857-1859)[16], foi permitido que os indianos ocupassem cargos públicos, estabeleceu-se o combate a catástrofes climáticas e foram elaboradas propostas políticas para irrigação e trabalho. Com todas essas ações, o ministro inglês Disraeli proclamou a rainha Vitória como “Imperatriz da Índia”. Schnerb destaca o perfil colonizador dos ingleses:

> Onde quer que haja uma enseada segura, uma acostagem fácil, um ponto de passagem, o britânico está presente. Procura as ilhas e até ilhotas nos estreitos. Nelas estabelece bases navais, onde suas frotas se reabastecem de água, víveres e combustíveis, e onde aprisiona os navios estrangeiros. Engancha aí seus cabos telegráficos. Parte daí, em caso de necessidade, para encetar a exploração dos continentes próximos. Serve-se delas como bases de operação no mar e mesmo na terra.[17]

As ações do Império Britânico foram presentes também no Egito e no Sul da África. Em 1869, com a abertura do Canal de Suez, pelo engenheiro francês Ferdinad Lesseps, a Inglaterra tornou-se uma das principais acionistas da Companhia Marítima do Canal de Suez, consolidando, com isso, a presença em solo egípcio, considerado um importante entreposto de passagem, de Suez para a Ásia. Na África do Sul, a descoberta do ouro e diamante

---

[15] Verificar obra de CASTRO, Ana Célia. **As empresas estrangeiras no Brasil (1860-1913).** Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

[16] Revolta de nacionalistas indianos contra o colonialismo britânico, que, mesmo sufocada, contribuiu para a extinção da Companhia das Índias Orientais e possibilitou que indianos fizessem parte da administração do país. SCHNERB, Robert. **O século XIX: o apogeu da civilização européia – 1850-1914.** São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1962, pp.195-209.

[17] SCHNERB, Robert. **O século XIX: o apogeu da civilização européia – 1850-1914**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1962, p. 206.

despertaram os interesses ingleses em regiões como Cabo, Kimberley, Sudão Egípcio, Rodésia e Uganda. Os ingleses enfrentaram grandes tensões na tentativa de obter as regiões de Orange e Transvaal, que pertenciam aos descendentes de holandeses, denominados Böers. A disputa entre os dois lados gerou, de 1899 a 1902, a denominada Guerra dos Böers[18], que culminou com a supremacia britânica e um tratado de paz que possibilitou a criação, em 1903, da República Sul-Africana. O comércio inglês foi estabelecido, também, com a China, na compra e venda de chá e ópio. A comercialização em grande escala do ópio levou o governo chinês a proibir a circulação do produto, despertando, com isso, o estopim da Guerra do Ópio (1840-1842). Os ingleses, vitoriosos, conseguiram obter Hong Kong e a livre circulação de seus produtos.

A Inglaterra, visando manter sua influência marítima, bélica e comercial exercia um olhar cauteloso sobre o movimento de nações adversárias, como França e Alemanha. A chegada da frota alemã no porto de Agadí, no Marrocos, sobressaltou os ingleses, que passaram a interrogar, se a marinha estava preparada para um confronto direto com os germânicos.

Wiston Churchill[19], assumindo o posto de primeiro lorde do almirantado, em 1911, direcionou todos os esforços para empregar o uso da energia petrolífera na armada britânica, pois isso garantiria vantagens nas manobras de guerra. No dia 4 de agosto de 1914, os navios de guerra ingleses, abastecidos com o óleo negro, estavam preparados para a I Guerra Mundial.

A Idade Vitoriana, além de um forte desenvolvimento urbano e industrial, exportou ainda a identidade nacional inglesa com o florescimento de costumes morais, de literaturas que abordavam o cotidiano londrino, de sociedades científicas que visavam mapear as possessões britânicas e uma educação que atendesse às exigências do surto industrial. Ekstein sintetiza o espírito sócio-cultural da época vitoriana da seguinte forma:

> Sem remontar à conquista romana ou ao campo de batalha de Hastings, pode-se afirmar que a realidade insular da Grã-Bretanha, a centralização gradativa da autoridade política, especialmente nos séculos XVII e XVIII, a disponibilidade de canais de comunicação moderadamente bons por mar e por uma rede de rios

[18] Conflito ocorrido entre os britânicos e descendentes de holandeses nascidos na África pelo domínio das regiões ricas em ouro. SCHNERB, Robert. **O século XIX: o apogeu da civilização européia** – 1850-1914. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1962, p. 192.

[19] Winston Churchill (1874-1965), filho do Lorde Randolph Churchill e Jennie Jerome Churchill entra para o Parlamento Inglês, em 1901, passando a desempenhar importante papel nas políticas e estratégias do Império Britânico durante as duas grandes Guerras Mundiais. Em 1911, Churchill é escolhido como Primeiro Lorde do Almirantado, ocupando o mais alto posto civil da Armada Real Inglesa. YERGIN, Daniel. **O petróleo: uma história de ganância, dinheiro e poder**. São Paulo: Scritta, 1992, p.16-147.

> navegáveis, e a importância de Londres como centro da autoridade política, econômica e cultural, tudo isso encorajava o surgimento de um sentimento nacional de identidade. Quando os sistemas de comunicação se aperfeiçoaram – com o advento da ferrovia, do telégrafo e do navio a vapor – e quando a urbanização se expandiu, este sentimento de identidade se estendeu a segmentos mais amplos da população. Mas, talvez, a influência mais importante no desenvolvimento de uma visão de ordem social baseada em valores comumente aceitos tenha sido o crescimento do protestantismo e da leitura da Bíblia, especialmente depois do grande movimento de revivecimento religioso no começo do século XIX. Por volta do final daquele século, uma visão compartilhada da ordem social já vigorava num amplo espectro da sociedade.[20]

O saber geográfico exerceu considerável influência junto a coroa inglesa: cientistas, viajantes, industriais e missionários, por meio do mapeamento das possessões britânicas podiam obter resultados mais eficientes sobre os recursos naturais e etnias existentes. A partir disso, foram criadas as sociedades geográficas, grupos de estudos sobre a África e conferências, onde se discutia quais meios deveriam ser utilizados para integrar aos costumes da civilização ocidental os habitantes de outros continentes. Entre os viajantes incumbidos pelo governo inglês de investigar regiões estratégicas destacaram-se Richard Francis Burton (1821-1891), John Hannig Speke (1827-1864), David Livingstone (1813-1873).

Richard Burton, membro da Real Sociedade Geográfica de Londres, traçou planos para desvendar a nascente do Nilo, comandou expedições à Somália, esteve ainda na Índia e, como recompensa pelos serviços prestados à rainha Vitória, obteve o cargo de Cônsul no Brasil. John Speke, companheiro de viagem de Burton, afirmava ter encontrado a fonte do Nilo, conquistando, com isso, o respeito da coroa e comandou uma expedição até as cataratas do Rippon, na África, em 1862.

David Livingstone, pioneiro em realizar expedições, serviu de modelo para aqueles que pretendiam investigar a África Central e Oriental e contribuiu para a Geografia, com suas anotações sobre o rio Nilo, Congo e Zambeze. Os viajantes ingleses apresentavam interesses em conhecer nações situadas nos Trópicos, como por exemplo, o Brasil, onde buscavam estabelecer comércios, indústrias, bancos, dentre outros. Já familiarizados com o cotidiano do novo ambiente, os ingleses procuravam demonstrar todo o seu requinte cultural. Na obra "Mau: empresário do império", Caldeira destaca os costumes ingleses no Brasil:

> Os grandes comerciantes instalados nessas casas que ingressavam tinham, é claro, hábitos em nada semelhantes aos nativos. Como valorizavam a vida ao ar livre, em geral aproveitavam as manhãs para praticar equitação, com toda a leva de acessórios que trouxeram para os trópicos: selas inglesas, botas de montar, redingotes, casacas e cartolas. Depois de voltarem para casa, trocavam de roupa

[20] Eksteins, Modris. **A sagração da primavera: a grande guerra e o nascimento da era moderna**. Rio de Janeiro: Rocco, 1991, p.172.

> para o almoço – introduziram o rosbife, a carne de carneiro e as batatas assadas nos cardápios brasileiros – e saíam à tarde em suas carruagens para conferir, numas poucas horas, o andamento dos negócios. De noite, davam jantares e bailes em casa. Nos fins de semana, reuniam-se em chácara de algum camarada, de preferência bem longe da cidade. Passeavam a cavalo, disputavam partidas de vários jogos, refrescadas com fartas doses de cerveja inglesa, jantavam quando o sol começava a cair, e descansavam antes de fazer a viagem de volta.[21]

Os britânicos conseguiram, ainda, propagar com mais intensidade sua cultura, por meio de sua língua e letras. A língua seria utilizada em suas possessões territoriais dentro das escolas, repartições governamentais e comerciais. A literatura teve um alcance universal na pena de escritores como Lewis Caroll (1832-1898), com "Alice no país das maravilhas" (1865), obra infanto-juvenil que retrata as expectativas das pessoas sobre aceleração do tempo a partir da segunda metade do século XIX; Robert Louis Stevenson (1850-1894), com "Ilha do tesouro" (1883) e "Dr. Jekyll e Mr. Hyde" (1886), romances, sendo o primeiro escrito para um parente e o segundo abordando um caso de personalidade dupla; no Brasil, esta obra foi traduzida como "O médico e o monstro". Charles Dickens (1812-1870), com as obras "David Copperfield" (1850) e "Nicholas Nickleby" (1839). No primeiro livro, dizem que traçou sua autobiografia, e no segundo estabelece críticas aos métodos pedagógicos londrinos; Samuel Smiles (1812-1904), com o livro "Self-help" (1859), onde retrata o espírito vitoriano. A concepção da era vitoriana do escritor Smiles é mencionada em Eksteins:

> O inimitável vitoriano Samuel Smiles resumiu esse anseio numa fórmula expressiva: "Um lugar para cada coisa e cada coisa no seu lugar". Este era um anseio que não era menos forte na Grã-Bretanha depois da virada do século do que antes. O livro básico de Smiles, guia para a retidão moral e o sucesso, Self-help, publicado em 1859, vendera mais de duzentos e cinqüenta mil exemplares por volta de 1900.[22]

Era costume na Londres vitoriana que os cidadãos se reunissem em clubes, como por exemplo, o tradicional White's, fundado em 1693, onde debatiam assuntos literários, políticos, religiosos, teatrais, esportivos e educativos. Estes cidadãos eram pertencentes à nobreza e à burguesia e recebiam uma educação adequada à posição social a qual ocupavam. A educação britânica, com o advento da Segunda Revolução Industrial ou Revolução Técnico-Científica, ganhou impulso, pois era necessário um ensino que primasse por desenvolver, nos educandos, conhecimentos práticos e utilitários relacionados com o intenso desenvolvimento tecnológico. Essa educação seria de caráter liberal, priorizando as ciências

---

[21] CALDEIRA, Jorge. **Mauá: empresário do império**. São Paulo, Companhia das Letras, 1995, p.112.

[22] Eksteins, Modris. **A sagração da primavera: a grande guerra e o nascimento da era moderna**. Rio de Janeiro: Rocco, 1991, p171-172.

naturais, como a química, o ensino de história e o aprendizado de línguas estrangeiras, como o francês e o alemão. As academias científicas britânicas, como a Associação Britânica para o Progresso da Ciência (1831)[23] e a Sociedade de Química (1840) exerceram, na segunda metade do século XIX e início do século XX, importante papel na consolidação de financiamentos para a educação científica.

Os pensadores que mais contribuíram para a educação inglesa, nesse período, foram Hebert Spencer (1820-1903), Thomas H. Huxley (1825-1895) e Alexander Bain (1818-1903). Hebert Spencer, autor da obra "Educação intelectual, Moral e Física", afirmava que o educando deve receber um preparo para uma vida completa. Viver uma vida completa era estar apto para auto-conservação, adquirir bens materiais, manter a família, respeitar a ordem social e política e, por fim, conhecer as letras e as artes. Thomas Huxley considerava que a educação deveria preparar o indivíduo para exercer uma vontade firme sobre as paixões, amar a beleza da natureza e da arte e respeitar ao próximo. A educação sob a perspectiva spenceriana é delineada nas linhas de Cambi:

> Um particular cuidado é dedicado por Spencer ao tratamento da educação física, mostrando-se nesse caso ligado à tradição pedagógica empirista, de origem lockiana, além dos pressupostos naturalistas do positivismo. O princípio que governa a educação spenceriana durante todo o curso da idade evolutiva é o da "utilidade", que corresponde exatamente o tipo de educação solicitada pela sociedade atual, dinâmica e industrial, científico e comercial. Isso leva, também no ensino, a revolucionar o método.[24]

Outros educadores que contribuíram para o pensamento educacional inglês, no século XIX, foram Andrew Bell (1753-1832) e Joseph Lancaster (1778-1838). Bell, retornando da Índia, propôs o método de ensino mútuo[25] para a educação de crianças, sem gastos vultuosos. Lancaster, visando a educação de crianças, na cidade de Londres, acaba por adotar as idéias de ensino mútuo, proposta por Bell. Essas idéias ficaram conhecidas como Método Lancaster ou Ensino Mútuo que, ainda no século XIX, chegariam em países como a França, Uruguai, Espanha, Brasil, dentre outros. As escolas públicas e privadas, na

---

[23] Fundada em 1831, tendo como primeiro secretário Vernon Harcourt, tinha como objetivo propagar o desenvolvimento das ciências e o intercâmbio cultural entre cientistas das mais diversas nações. Essa associação possuía recursos para financiar pesquisas nas áreas de física, matemática, botânica, zoologia, antropologia, geologia, química, engenharia, fisiologia, psicologia, economia, geografia, educação e agricultura. MONSON, S.F. **História da ciência: as principais correntes do pensamento científico**. Rio de Janeiro: Globo, 1962, p.364.

[24] CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. São Paulo: UNESP, 1999, p.471.

[25] Ensino Mútuo ou Sistema Monitorial: método de ensino originário da Índia que serviu de base para os trabalhos de educadores, como Andrew Bell e Joseph Lancaster. Sob essa perspectiva tornou-se possível criar escolas que atendessem os menos favorecidos, utilizando alunos monitores mais adiantados no acompanhamento dos conteúdos escolares. CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. São Paulo: UNESP, 1999, p.471.

Inglaterra, seguindo o exemplo da Escola do Rugby[26], recebiam os filhos da elite, que tinham uma formação pautada por jogos, esportes, ciências, línguas e práticas de boas maneiras. Essas escolas contavam, ainda, com o apoio de doadores, que concediam bolsas de estudo para alunos, por meio de concurso. Charles Dickens, em sua obra "David Copperfield", menciona aspectos da formação propiciada por uma escola privada inglesa:

> O colégio do Dr. Strong era excelente e parecia-se tão pouco com o de Mr. Creakle como a noite com o dia. Era dirigido com muita ordem e respeito, de acordo com os melhores métodos; nas ocasiões oportunas apelava-se para honra e para a boa fé dos alunos, com a firme intenção de se levar em conta, da parte deles, essas qualidades, enquanto não dessem prova do contrário. Esta confiança produzia os melhores resultados. Percebíamos todos que tínhamos a nossa parte na direção do estabelecimento, e que a nós competia manter-lhe a reputação e a honra. Deste modo éramos todos dedicados à casa; posso garantir isso por mim e por todos os meus camaradas.
> Estudávamos com toda a aplicação, a fim de honrarmos o doutor. Divertíamo-nos muito no recreio e gozávamos da mais ampla liberdade; apesar disso desfrutávamos de boa reputação na cidade e nossos modos e conduta raramente prejudicavam a fama do Dr. Strong e de sua instituição.[27]

A educação inglesa também se faz presente no livro "Ordem e Progresso", de Gilberto Freyre, que menciona as cartas de Emílio Cardoso Ayres, aluno do Saint Joseph's College, em Londres, para sua mãe:

> Em carta dirigida a "mamãe" e datada de 21 de outubro de 1904, escrevia Emílio, falando também pelos irmãos: "Há dias que estou aqui no colégio. Estou muito satisfeito e nada me falta. O quarto de dormir é muito bom e tem tudo que é preciso. Papa hoje esteve aqui para ver se nós estávamos bem. Ele me deu três postais seus que muito me deram prazer. A comida é boa e muito farta. Às 8 horas temos o pequeno almoço, com pão, manteiga e café com leite. Ao meio-dia o almoço com sopa, dous pratos e sobremesa. Depois temos o chá e o jantar que também são bons [...]. A classe é boa e esperamos em pouco tempo fazer algum progresso [...]. Comecei a estudar piano hoje e amanhã meu mestre de pintura deve vir. Por hora [sic] só estudo Inglês e quando compreendê-lo bem irei então para uma classe onde possa seguir todos os estudos em Inglês. O Diretor é muito bom [...] os outros padres são agradáveis, que eles continuem desse modo é o que desejo [...]. Todos os dias vamos à missa na capela do colégio que é muito bonita". Pede à mãe que abrace tias e primas; mas também Mademoiselle, isto é, a governanta francesa da família.[28]

No despertar do século XX, a Inglaterra já contava com a instrução obrigatória consolidada, estando o Estado em condições de incentivar a educação primária e secundária.

---

[26] Tendo Thomas Arnold como diretor, buscou ministrar, no ensino secundário, uma formação baseada na moral cristã e serviu de modelo para as *public schools*. RENÉ, Humbert. **História da pedagogia**. São Paulo: Editora Nacional, 1967, p.105-106.
[27] DICKENS, Charles. **David Coopperfield**. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, s/a, p.147).
[28] FREYRE, Gilberto. **Ordem e progresso**. São Paulo: Global, 2004, pp.753-754.

Nesse momento também funcionavam as Escolas Novas Inglesas[29], idealizadas por Cecil Reddie que, em 1889, funda a Escola de Obbotsholme.

O desenvolvimento industrial, urbanístico, social, econômico e educacional obtidos pela Inglaterra durante a Idade Vitoriana, chamavam a atenção de Luís Bonaparte[30] (1808-1873), que, ao assumir o trono francês, colocou em prática o processo de remodelação da cidade de Paris. De 1853 até 1870, Luis Napoleão Bonaparte, trabalhando em conjunto com o Barão Hasussmann[31] (1809-1891), iniciou uma série de reformas urbanísticas com o objetivo de inserir Paris na modernidade. Essas reformas consistiram em substituir ruas escuras e estreitas por outras bem traçadas e iluminadas que ligavam o centro de Paris a outras localidades; instalações de bulevares e praças que facilitavam o fluxo de pessoas que circulavam na cidade, com destaque para Place d'Étoile, Place de la Republique, Place de La Nation e Observatoire.

A onda reformista prosseguiu com Haussmann descartando ainda bairros insalubres, aliviando, com isso, os congestionamentos e purificando o ar da cidade, eliminando, assim, os focos de epidemia. A estética visual da "Cidade Luz" também foi levada em consideração com as instalações de grandes edifícios, monumentos, jardins, regatos, grutas e cascatas. O processo de reurbanização na "Cidade Luz" ocorria dando ênfase na memória da tradição nacional francesa, conforme destaca Needell:

> A Paris do Segundo Império era ao mesmo tempo extraordinariamente simbólica e cuidadosamente prática. Os bulevares não arrebatavam a pessoa valendo-se de um monumento burguês moderno isolado, seguindo de outros, para corroborar as conquistas das classes médias; em vez disso, levavam em conta a tradição, eram mais heróicos, mais intencionais. Projetavam a pessoa em direção aos monumentos à glória passada e presente dos franceses, enquanto articulavam a grande metrópole

[29] As Escolas Novas, na Inglaterra, foram impulsionadas por Cecil Reddie, que criou a Escola de Abbtsholme, em 1889, com o intuito de ministrar uma educação pautada pelos parâmetros da modernidade, ou seja, o ensino deveria priorizar as línguas vivas e as ciências. Sob essa perspectiva, a formação do alunado deveria ser completa, privilegiando a inteligência, vontade, habilidade manual, força física e agilidade. As idéias pedagógicas de Reddie influenciaram Haden Badley, que fundou, em Bedales no Sussex, uma escola-internato que priorizava a co-educação e auto-governo. CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. São Paulo: Unesp, 1999, p.515.

[30] Sobrinho de Napoleão Bonaparte, foi eleito Presidente da República Francesa, aproveitando para estabelecer um golpe de estado, que o tornava imperador. Sob o título de Napoleão III estabeleceu metas para remodelação da cidade de Paris, travou conflitos bélicos como o Franco-Prussiano, no qual foi derrotado na Batalha de Sedan e feito prisioneiro para o exílio na Inglaterra, onde terminou seus dias de vida. **Ensino Renovado de Biografias. São Paulo: Editora Formar Ltda., 1971, p.797-798.**

[31] Prefeito e Senador francês, responsável pelos planos de remodelação da cidade de Paris. (NEEDEL, Jeffrey D. **Belle époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p.49-52).

> industrializada. Desta unidade Pereira Passos e outros engenheiros brasileiros iriam se lembrar.[32]

No reinado de Luís Bonaparte, a França adentra no industrialismo, ganha estradas e ferrovias, os trabalhadores ganham seguros trabalhistas e as cooperativas recebem auxílio. As ações externas da política francesa nesse ínterim, são percebidas com a anexação da Argélia, a guerra da Criméia[33] (1853-1856), intervenções no México, apoio ao Papado no combate aos exércitos de Garibaldi, que buscavam a Unificação Italiana[34] (1848-1870), e, por fim, a guerra contra a Prússia, que revelou ser uma campanha desastrosa. A guerra Franco-Prussiana (1870-1871) teve seu estopim deflagrado quando Luís Napoleão enviou ao rei Guilherme I da Prússia, um comunicado exigindo que nenhum membro da Casa de Hohenzorllern ocupasse o trono espanhol. Aproveitando a chance, Bismarck[35] promove hostilidades contra a coroa francesa. A França, enfrentando contradições internas, como a falta de entendimento entre republicanos e conservadores, e com o exército desorganizado, não foi capaz de resistir ao sólido marchar dos batalhões prussianos, que, em 1870, cercaram Paris. Em 1 de setembro de 1870, ocorre a Batalha de Sedan, na qual sucedeu a captura de Luís Napoleão. Nesse mesmo ano, inicia-se, na França, a República. A vitória prussiana atinge seu ápice em solo francês, quando Guilherme I é coroado Imperador do II Reich Alemão, no Palácio de Versalles (1871). A Terceira República Francesa, que ganhou legitimidade por meio da Assembléia Nacional de 1875, foi marcada, ainda, por diversas tensões internas e estabelecimentos de acordos com outras nações. No plano interno, os

---

[32] NEEDELL, Jeffrey D. **Belle époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p.52.

[33] Ação bélica anglo-francesa para impedir que a Rússia ganhasse espaço no ocidente através do mar Mediterrâneo. Uma das marcas do conflito foi a resistência de Sebastopol aos assaltos desferidos pelas duas potências aliadas. SCHNERB, Robert. **O século XIX:** o apogeu da civilização européia 1815-1914. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1962, p.105-108.

[34] A Unificação Italiana foi um movimento de cunho nacionalista que combateu importantes poderes da época, a saber a Igreja Romana, que detinha o controle da Península Itálica, o Império Austríaco, que ocupava o norte e o Reino de Nápoles, situado ao sul e governado pelos Bourbon. A tentativa de estabelecer um Estado Nacional soberano na Itália contou com o apoio de patriotas revolucionários, como Guiseppe Mazzini e Giuseppe Garibaldi, que atuavam em sociedades secretas, como a maçonaria. O movimento de unificação consolidou-se sobre as ações políticas de Camilo Cavour, ministro de Vitor Emanuel II. No ano de 1870, Vitor Emanuel II, já havia sido proclamado rei da Itália, incorporando Veneza e Roma ao Reino. Para maiores informações sobre a Unificação Italiana, verificar a obra de Lampeduza, G. Tomasi Di. **O Leopardo**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1963.

[35] Otton Von Bismark (1815-1898). Estadista prussiano denominado "Chanceler de Ferro", foi nomeado Primeiro-Ministro pelo rei Guilherme I, em 1862, desenvolvendo, a partir de então, campanhas bélicas contra a Dinamarca, Áustria e França. Nos anos de 1870-1871, torna-se arquiteto da unificação alemã, após derrotar a França na Batalha de Sedan, na qual anexou os territórios da Alsácia-Lorena. Com a unidade alemã assegurada, Bismarck estabeleceu alianças com imperadores, participou de corridas expancionistas e após ascenção de Guilherme II, retirou-se do cenário político. Verificar na obra de EKSTEIN, Modris. **A sagração da primavera: a grande guerra e o nascimento da Era Moderna**. Rio de Janeiro: Rocco, 1991, p.81-120.

franceses vivenciaram crises como o Boulagismo[36] (1886-1889), o Caso Dreyfus (1890)[37], o choque com a Igreja Católica, devido a instituição do ensino laico, gratuito e obrigatório (1881-1882) e a separação entre a Igreja e o Estado. Na política externa, a França estabeleceu acordos com a Rússia e a Inglaterra. As tensões que envolviam Paris nas últimas décadas do século XIX ganharam vida nas considerações de Eksteins:

> Paris e toda a França se viam cada vez mais absorvidas nestas contradições, enquanto o século se aproxima de seu fim. Depois da estarrecedora derrota do Segundo Império de Louis Napoleon em 1870-1871 frente os prussianos e da desastrosa guerra civil travada em Paris, o tradicional senso de grandeza e preeminência francesa na Europa deparou-se com a memória recente do desastre. Uma consciência paralisante de declínio, junto com uma controvertida busca das raízes do mal, impregnou a vida francesa na Terceira República. Procuravam-se inimigos dentro e fora: as cicatrizes da guerra eram freqüentes; os escândalos públicos pareciam multiplicar-se, acompanhados por uma grande quantidade de atentados anarquistas, sendo o mais divulgado, embora fosse o que tivesse custado menor número de vidas humanas, o que ocorreu na Câmara dos Deputados em 9 de dezembro de 1893; e o caso Dreyfus, que rachou todo o país na última década do século, foi simplesmente o símbolo mais sensacional da fraqueza do turbilhão.[38]

A França Republicana, tendo que ceder a região da Alsácia-Lorena e pagar vultusas quantias de indenização à Prússia, não esmoreceu o ânimo, pois, buscou ganhar espaço por meio da corrida imperialista. Sob a perspectiva de anexação de novos territórios os franceses adentraram na Argélia, Tunísia, Marrocos, Congo, Senegal, Ilha de Madagascar, parte do Sudão, Indochina, Guiana e Ilhas do Caribe. O expansionismo francês não ocorreu sem lutas, pois, na Argélia enfrentou reações por parte da população que procurava a sua independência; por pouco não entrou em ação belicosa contra a Inglaterra, devido as disputas de ambas pelo Egito e para evitar um conflito frontal com a Alemanha, aceitou um acordo na partilha da África Equatorial. Até o momento de eclosão da Primeira Guerra Mundial a França mantinha considerável influência nos territórios que anexou. No entanto, os franceses, apesar de terem anexados novos territórios e influenciado, por meio de sua cultura, outras nações, não esqueciam a derrota de 1870-1871, procurando propagar, nos cidadãos franceses, um espírito nacionalista carregado de revanchismo contra a Alemanha.

---

[36] Movimento político organizado pelo general e deputado francês Georges Boularnger, que agitou a Terceira República Francesa. O ideal de tal movimento era a reinstauração da monarquia. Verificar obra de EKSTEINS, Modris. **A sagração da primavera: a grande guerra e o nascimento da Era Moderna**. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

[37] Refere-se à condenação do capitão de origem israelita, Alfred Dreyfus, membro do Estado-Maior do Exército Francês, que sofreu a acusação diante do Conselho de Guerra de haver transmitido segredos militares ao representante do governo Alemão, em Paris, Maximiliano Von Schwartzkoppen. Condenado, o capitão Dreyfus é enviado para a Ilha do Diabo, na Guiana. Verificar obra de EKSTEINS, Modris. **A sagração da primavera: a grande guerra e o nascimento da Era Moderna**. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

[38] EKSTEINS, Modris. **A sagração da primavera:** a grande guerra e o nascimento da Era Moderna. Rio de Janeiro: Rocco, 1991, p.71.

Paris, vivenciando sob a Terceira República tensões nacionalistas que afetavam os setores econômicos e políticos, não deixou de resplandecer como a capital dos costumes refinados, das artes e da cultura, atraindo para o seu convívio artistas, literatos, cientistas e políticos que passavam a vivenciar os ares da modernidade[39].

O refinamento dos hábitos parisienses eram percebidos na moradia, moda e festas. As residências passaram a revelar, no seu interior, a presença de pianos, candelabros, bibelôs, lustres, talheres de prata, louças ornamentadas, sala de jantar e dormitórios aconchegantes, que seguiam o estilo Luís XV. Tornou-se comum que a burguesia e a nobreza ofertassem jantares onde discutiam investimentos e bailes à fantasia, mostrando, com isso, os privilégios que desfrutavam. A proliferação de clubes e magazines também causaram sensação nos momentos de lazer dos parisienses. O vestuário era outra maneira que homens e mulheres encontravam para mostrar sua elegância. Os homens usavam fraque, cartola, claque, gravata, monóculo, polainas, bengalas e esmeravam o trato das suíças, barbas e bigodes. As mulheres buscavam aproveitar todos os caprichos expostos pelos magazines, adquirindo vestidos, chapéus, luvas, xales, bolsas, véus, leques, jóias, perfumes, botinas e sapatos baixos. O uso de automóveis, passeios de bicicleta e as práticas de esportes, possibilitaram deslocamentos mais velozes e uma saúde mais robusta. Os costumes e cultura vivenciados na "Cidade Luz" exerceram influências em outras nações, como destaca as linhas traçadas por Broca:

> Mas não seria de admirar que vivêssemos, vestíssemos e escrevêssemos pelas receitas parisienses, se era bem poderosa igualmente a sugestão de Paris sobre o mundo europeu e ocidental nessa época, tornando-se o centro de atração da humanidade, o maior empório de prazer do planeta. Auferir da existência tudo quanto ela nos podia dar de belo, de bom, era uma receita que então só se aviava no bulevar [...] A obra de Zola, de Maupassant, de Verlaine e de Rimbaud, dos naturalistas, dos simbolistas, dos impressionistas, de toda plêiade magnífica de intelectuais e artistas, projetando, pelo mundo, o livro francês, a moda francesa, o gosto francês, e Paris ditando figuras e fórmulas seduzindo povos com o feitiço de uma cortesã, tudo isso constituía uma espécie de desforra, ou pelo menos, uma inebriante compensação para o golpe de 1870.[40]

---

[39] Modernidade é um conceito amplo e complexo que permite várias abordagens. No caso em estudo é possível mencionar que o papel da modernidade influenciou a objetividade da ciência, a moralidade, leis universais e a própria cultura e arte. A ciência deveria possibilitar o domínio da natureza, a organização da sociedade, emancipação humana e o domínio sobre as calamidades naturais e sociais. Vale frisar que esse processo de modernidade na esfera humana e social era considerado como irreversível e traria uma ruptura com os mitos, superstição e a religião. EKSTEINS, Modris. **A sagração da primavera: a grande guerra e o nascimento da Era Moderna**. Rio de Janeiro: Rocco, 1991. Também foi consultado SILVA, Halina Vanderlei; SILVA, Manuel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 2006.

[40] BROCA, Brito. **A vida literária no Brasil 1900**. Rio de Janeiro: José Olympio/Academia Brasileira de Letras, 2005, p141-142.

A nova sociedade francesa conheceu três importantes movimentos literários, durante os séculos XIX, denominados Romantismo[41], Realismo[42] e Simbolismo[43]. A literatura romântica francesa recebeu influências de Madame de Stöel (1766-1817) que, vivendo no início do século XIX e conhecendo o pensamento rousseauniano, escrevia sobre a natureza, os costumes de diversos povos, as convenções sociais e os conflitos interiores humanos. Entre as suas obras destacam-se: "Da Alemanha" e "Corina".

Outro nome importante para o romantismo francês foi François René Chateaubriand, que escreveu obras como "O gênio do cristianismo", "Atála" e "Os mártires".

Chateaubriand, em sua escrita, envolve os personagens em uma atmosfera de misticismo. Victor Hugo (1802-1885), poeta, dramaturgo e romancista exerceu influência considerável na literatura francesa. Entre suas obras destacamos: "Os miseráveis", "O corcunda de Notre Dame" e "Napoleão, o pequeno". Na sua célebre obra, "O corcunda de Notre Dame", Hugo mostra o drama vivenciado entre o corcunda e a cigana Esmeralda, interrogando ao leitor se mais importante são bens perecíveis, como a beleza, riqueza e poder ou o valor espiritual da alma humana.

O romancista Alexandre Dumas (1803-1870) foi um dos mais populares literatos franceses, buscando, por meio do conhecimento histórico, tecer a escrita de suas obras, que a saber, são: "O Conde de Monte Cristo", "Os três mosqueteiros", "O colar da rainha" e "A dama das Camélias". A obra "Dama das camélias" serviu como inspiração para tecitura da famosa ópera de Guiseppe Verdi[44] (1813-1901), "La traviata" (1853). A literatura Realista francesa representa uma ruptura com o Romantismo, pois, procura detalhar, de maneira científica, as crises sociais e os comportamentos humanos. Na plêiade de literatos adeptos

---

[41] Consistiu em uma estética que, se opondo ao neoclassicismo setecentista, influenciou a civilização ocidental durante o século XVIII e a segunda metade do século XIX. Esse movimento literário prioriza a imaginação, o sentimento, a emoção, a sensibilidade e a natura. Verificar obra de COUTINHO, Afrânio. **Introdução à literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Distribuidora de Livros Escolares Ltda., 1972. p.139-178.

[42] Movimento literário que se opõe ao romantismo, uma vez que, centraliza seu foco no que a realidade apresenta, ou seja, retrata a obscuridade, a beleza, a feiura, a rudeza de homens e mulheres do povo. O realismo surge na França, em 1857, quando Gustavo Flaubert publica "Madame Bovary". Verificar COUTINHO, Afrânio. **Introdução à literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Distribuidora de Livros Escolares Ltda., 1972,. Pp.177-199).

[43] Movimento literário que surge na França, em 1880, propondo, em oposição ao rigor do parnasianismo, e fatalismo do naturalismo, uma estética baseada em subjetividade, mistério e vagas sugestões. A obra "Flores do Mal", de Charles Baudelaire inicia este movimento na França. Verificar COUTINHO, Afrânio. **Introdução à literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Distribuidora de Livros Escolares Ltda., 1972,. p.207-230.

[44] Compositor italiano que exerceu intensa atividade como organista e dirigente de sociedades de música. Suas obras são marcadas por um vigor de patriotismo. Entre elas é possível destacar "Otello", "Falstaff", "Dom Carlos" e "O trovador". **Enciclopédia Prática Visum**. São Paulo: Verbo Lisboa, 1974, vol.10, p.252.

dessa corrente Realista destacam-se Honoré de Balzac (1799-1850), Gustave Flaubert (1821-1880), Hippolithe Taine (1844-1898), Émile Zola (1840-1902), Anatole France (1844-1924).

Balzac pode ser considerado um dos mais importantes escritores da corrente Realista, escrevendo com intensidade 97 volumes, aos quais denominou "A comédia humana". No interior de suas linhas menciona o comportamento social de sua época, por meio de seus personagens, que são apresentados como avarentos, corrompidos, fracos e sem virtudes.

Flaubert consagrou-se com a obra "Madame Bovary", que abalou a sociedade retratando o adultério feminino. Suas obras apresentam como características o psicologismo, as minúcias de detalhes e beleza de estilo. O historiador e literato Taine estabeleceu reflexões sobre a literatura inglesa e filosofia da arte. Escreveu as obras "As origens da arte" e defendia a influência do meio, da raça e do momento histórico sobre o indivíduo.

Literato e jornalista, Zola escreveu suas obras delineando o perfil psicológico de seus personagens. Entre suas obras estão "Germinal" e "Taberna".

Anatole France Thibault, cujo nome literário era Anatole France, autor da obra "Lê lys rouge", tem sua escrita marcada pelo esteticismo. Em 1909, esteve em solo brasileiro, passando pelo Rio de Janeiro e São Paulo. No Rio de Janeiro foi recebido pelos membros da Academia Brasileira de Letras, visitou a Biblioteca Nacional e almoçou no Itamarati, com o Barão do Rio Branco[45] (1845-192). A passagem do escritor francês por São Paulo é mencionada na obra de Broca:

> Em São Paulo, Anatole visitou escolas, Museu do Ipiranga, instituições culturais, tendo sido recebido pelo presidente do Estado, Albuquerque Lins. Na Escola Normal, saudo-o, com um pequeno discurso em francês, a aluna Martha Puech. Na Faculdade de Direito, disse das irmãs Patureau, as únicas mulheres, parece, a fazerem então o curso acadêmico, que eram *lês perures de l'Académie*. Ao contemplar o panorama da cidade, do mirante da avenida Higienópolis, num suave pôr-do-sol, quando acendiam as primeiras luzes, mostrou-se encantado, deixando escapar esta exclamação: "Mias c'et beau!" Alfredo Pujol, que o acompanhava, ter-lhe-ia objetivado:Como podia achar bela a paisagem paulistana, depois do esplendor do Rio? Ao que o escritor respondera: "O Rio é bonito e grandioso demais. Para o meu temperamento este é o tipo de paisagem que convém".[46]

[45] José Maria da Silva Paranhos Júnior graduou-se na Faculdade de Direito do Recife, foi professor de História do Colégio Pedro II, membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e representante diplomático do Brasil em diversas nações, como Inglaterra e Estados Unidos. Em 1902, no governo Rodrigues Alves, retorna ao Brasil para assumir a pasta de Ministro das Relações Exteriores. Para saber mais detalhes, verificar a obra BURS, E. Bradford. **A aliança não escrita: o Barão do Rio Branco e as relações do Brasil com os Estados Unidos.** Rio de Janeiro; EMC, 2003, p.39-77.

[46] BROCA, Brito. **A vida literária no Brasil 1900**. Rio de Janeiro: José Olympio/Academia Brasileira de Letras, 2005, p.235.

A poesia Simbolista francesa tem o seu ápice com as obras de Charles Baudelaire (1821-1867), Stéphane Mallarmé (1842-1898), Paul Verlaine (1844-1896), Arthur Rimbaud (1854-1891). Baudelaire prepara os rumos da poesia moderna, sendo precursor das idéias simbolistas e sua principal obra é "Flores do mal". Mallarmé é outro expoente da poesia simbolista, sendo suas obras delineadas por insinuações, sugestões e metáforas. Escreveu "Herodiade" e "Divagações". Verlaine escreveu "A boa canção"; suas poesias são marcadas por um lirismo sonoro e sutil. Antes de romper com a estética parnasiana, colaborou na "Revista Parnase Contemporain". Rimbaud buscou criar uma nova maneira de expressar a realidade, ao utilizar versos livres em seus poemas. Sua principal obra é conhecida por "Iluminações". A cisão literária oriunda do simbolismo é retratada em artigo de Teles, na Revista Littera[47]:

> Os principais pontos de ruptura literária no mundo ocidental, durante o século XIX e posterior ao romantismo, podem ser documentados a partir das experiências de Poe, Whitman, Baudelaire, Lautréamont, Rimbaud e Mallarmé, cujas obras assinalam esses processos individuais de ruptura estética e temática que somados e desenvolvidos, motivaram o aparecimento de algumas tendências coletivas, como decadentismo, o simbolismo, o romantismo, e o unimismo. Esses movimentos mais ou menos coletivos, centralizados em Paris, refletiam as três grandes tendências culturais do final do século XIX: o otimismo construtivista da "Belle époque", o pessimismo destruidor do "Fim de siécle" e, em atitude conciliadora, a preocupação neoclássica e ordenadora do romantismo, que procurava reconduzir a França pelos caminhos de suas tradições Latinas. Havia, assim, um certo equillíbrio entre as forças de integração e as de desintegração cultural, repartidas entre uma visão macrocósmica e uma visão microcósmica da realidade, como se pode ver nas teorias sociológicas de Durkheim e Tarde, no pensamento filosófico de Nietzsche e Berson, nas teorias lingüísticas de Saussure e nas concepções literárias de Jules Romains, fundador do unanismo.

A literatura que proliferou em solo francês durante o século XIX[48], possibilitou ainda a propagação do nacionalismo nas escolas, por meio dos livros escolares, criticou a república, denunciou as intenções bolangistas e as arbitrariedades do caso Dreyfus. Todavia, é importante lembrar que os pintores franceses, por meio de seus quadros, buscavam representar o espírito moderno, ao pincelar cafés, paisagens, mulheres, festas, dentre outros. Estes gênios do pincel e da tinta congregaram-se em movimentos como Impressionismo, Pós-Impressionismo e Cubismo.

---

[47] Revista para professor de Português e de Literaturas de Língua Portuguesa. Ano II, n.5, maio/agosto. Rio de Janeiro: Grifo, 1972, p.7-8.

[48] Para compreender melhor a propagação da literatura francesa, verificar o artigo de MOLLIER, Jean-Yves. Quando o impresso se torna uma arma no combate político: a França do século XV ao século XX. In.: DUTRA, Eliane de Freitas; MOLLIER, Jean-Yves (Orgs.). **Política, nação e edição: o lugar dos impressos na construção da vida política do Brasil, Europa e Américas nos séculos XVIII-XX**. São Paulo: Annablume, 2006, p.259-274.

Originário da França, o Impressionismo tendia apresentar o que os sentidos captavam e os seus adeptos buscavam inspirações nos campos e florestas, seguindo os movimentos das luzes e sombras. Dentre os expoentes desse movimento estão Edouard Monet (1832-1883), que pintou “O rapaz das cerejas”; Claude Monet (1840-1926), que pincelou “A estação de São Lázaro”; August Renoir (1841-1919), que coloriu “O café”. Como reação ao Impressionismo surge o Pós-Impressionismo, que defendia a representação de figuras sólidas e moldadas na pintura. Paul Cézanne (1839-1906), o precursor dessa maneira de pintar criou a tela “Os jogadores de cartas” e influenciou Paul Gauguin (1848-1903), do qual encontramos a obra “Mulheres na praia”, dentre tantas outras.

O Cubismo expressou seu ideal de pintura tomando por referência as formas geométricas dos objetos. Nota-se, com isso, resquícios das influências de Cézanne. O pintor e escultor Henri Matisse (1869-1954), filiado a essa linha, pintou “As odaliscas” e “Peixes encarnados”.

A arte francesa conheceu nomes de brilho nos campos da escultura, arquitetura e teatro. August Rodin (1840-1917) esculpiu “O pensador” e “Os burgueses de Calais”; August Perret (1874-1954) inovou, ao projetar a arquitetura do “Téâtre dês Champs-Élysées”, a partir do aço e do concreto, entre os anos de 1911 a 1913. Sarah Bernhart (1844-1923), atriz de destaque internacional, iniciou sua carreira em 1862, incluindo, em seu repertório, as peças “Hamlet”, “Théodora” e “Cleópatra”. Referência ainda no teatro foi Jean Cocteau (1889-1963), que escreveu “Antígona” e “A voz humana”. Exerceu atividade profícua como poeta, romancista, dramaturgo, coreógrafo, pintor e cineasta.

As atividades culturais em Paris conheceu o seu ápice quando foi apresentado o balé “A sagração da primavera”, em 29 de maio de 1913, que recebendo elogios e críticas do público, tinha por autor Igor Stravinsky, direção de Sergei Diaghilev e encenada pelo bailarino russo Romola Nijinsky. Modris Ekstein, em seu livro “A sagração da primavera”, tece linhas sobre a mensagem transmitida pelo balé:

> O tema não tinha um objetivo moral prontamente identificável. O homem primitivo, pré-ético, pré-individual era retratado na natureza. Renascimento, vida e morte eram descritos sem qualquer comentário ético evidente, sem “molho” moral, para tomar emprestada a analogia tipicamente francesa de Jacques Rivière. Nessa representação de continuidade da vida, fundamental, brutal e trágica, indo além do destino individual, não trazia sugestão de sentimento. A vítima não era lamentada mas glorificada. A virgem escolhida participava do rito automaticamente, sem sinal de compreensão ou interpretação. O tema era básico e, ao mesmo tempo, brutal. Se

> havia esperança, ela estava na energia e fertilidade da vida, não na moralidade. Para um público afeito a seus requintes civilizados, a mensagem se revelava chocante[49].

A arte francesa em voga naquele momento mostra o ponto de ebulição no qual se encontrava a sociedade contemporânea, marcada por conflitos, transformações velozes e fragmentação da condição humana. A segunda Revolução Industrial em solo francês possibilitou que várias descobertas e invenções contribuíssem para impulsionar a ciência, trazendo para o homem moderno uma condição de vida mais prazerosa e confortável. No cenário de nomes científicos franceses destacaram-se Claude Bernard (1813-1878), Louis Pausteur (1825-1895), Antoine Becquerel (1852-1909), Madame Curie (1867-1934), dentre outros. Claude Bernard elaborou duas importantes obras: "Lições de Fisiologia Experimental Aplicada à Medicina" e "Introdução ao Estudo da Medicina Experimental", na qual defende que a medicina deve basear-se em leis; e estudou, ainda, a função glicogênica do fígado. Físico e químico, Louis Pausteur desenvolveu experimentos, conseguindo obter êxito no isolamento dos bacilos, que azedavam e fermentavam o vinho. Dedicou-se, ainda, a desenvolver trabalhos que combatesse os germes causadores de doenças, obtendo, com isso, o isolamento dos bacilos que provocavam o carbúnculo no gado; criou uma vacina contra a raiva canina e defendeu a anti-sepsia e a desinfecção nos procedimentos cirúrgicos. Antoine Becquerel conseguiu provar, em Paris, a existência da radioatividade, provando, com isso, que os elementos químicos apresentavam semelhança quanto a origem. Com seus experimentos, Madame Curie consegue descobrir, em 1900, novos elementos radioativos, como o rádio, que poderia ser decomposto em elementos mais simples. A passos largos caminhavam, também, o mundo das invenções, ampliando as opções de diversões e permitindo que acontecimentos cotidianos fossem registrados. A fotografia foi um elemento vital, permitindo a preservação da memória e o conhecimento de várias localidades que passaram a ser vistas através de cartões postais. A fotografia tem como precursor o francês Jacques Daguerre (1757-1851), que conseguiu reproduzir imagens utilizando uma placa de cobre, vapores de mercúrio e hiposulfito de sódio, originando, com isso, os primeiros daguerreótipos. A projeção dos movimentos por meio de uma sucessão de imagens torna-se possível quando os irmãos Louis e Auguste Lumière constroem um aparelho denominado cinematógrafo. No ano de 1895, os irmãos Lumière registram o seu invento na cidade de Lyon e exibem, no "Grand Café", em Paris, a primeira sessão de projeção de filmes.

---

[49] EKSTEINS, Modris. **A sagração da primavera: a grande guerra e o nascimento da era moderna**. Rio de Janeiro: Rocco, 1991,p.75.

O cinema transformado em grande espetáculo ampliou os espaços de convivência, disputando o público com os teatros, óperas e circos. Grandes indústrias cinematográficas foram criadas, a saber: Méliès, Pathé e Gaumont. O cinema e a fotografia tornaram-se o símbolo das novas práticas culturais da sociedade moderna. As nações visualizaram a "Sagração da Belle Époque" com todo seu arsenal de descobertas científicos-tecnológicas durante a Exposição Universal, de 1900, em Paris. No livro "No tempo das certezas", Costa e Schwarcz mencionam os ares na Exposição Universal de 1900:

> Não é a toa que os grandes símbolos desse momento sejam a luz e a velocidade. A luz elétrica, grande vedete na Exposição Universal de Paris – também conhecida como "festa eletricidade" – aberta em 14 de abril de 1900. Nos panfletos, especialmente produzidos para a ocasião, essa imensa manifestação preparada durante anos era apresentada como "o fim de um século prodigioso no plano científico e econômico, de uma era em que os sábios e os filósofos profetizaram a grandiosidade e na qual a realidade superou, sem dúvida, os sonhos de nossa imaginação" [...] A "festa eletricidade" abria-se com um palácio monumental, totalmente iluminado por 12 mil lâmpadas. Além disso, uma gigantesca estrela iluminava o topo do "Pavilhão da Eletricidade", que surgia como emblema de uma humanidade marcada por inovações tecnológicas.[50]

A disseminação da modernidade na França fez-se presente na educação, sob um modelo laico e científico. Esse modelo pedagógico era compatível com as mudanças provenientes da Segunda Revolução Industrial e pautou-se pela filosofia positivista de Auguste Comte (1798-1857), que escreveu a obra "Curso de Filosofia Positiva". A perspectiva positivista de educação levava em consideração que a formação do indivíduo deve ser baseada no conhecimento das ciências, da experimentação e indução.

Entre os adeptos do positivismo, na França, estavam Edouard Séguin (1812-1880) e Emilé Durkheim (1855-1917). Séguin estudou a educação de crianças deficientes, afirmando que deveriam conviver em espaços mais livres. Sua obra denominou-se "Tratamento moral, higiênico e educação dos idiotas e de outras crianças retardadas". Para Durkeheim, o processo de educação está intimamente ligado com o mundo social e possibilita, ao indivíduo, absorver e transmitir a cultura à qual pertence. Entre seus escritos destacam-se: "Regras do método sociológico", "Educação e sociologia" e "Evolução pedagógica na França". Com a Terceira República, a educação francesa, entre os anos de 1881 a 1886, torna-se gratuita, obrigatória e controlada pelo Estado.

---

[50] COSTA, Ângela Marques; SCHWARCZ, Lilia, (1890-1914). **No tempo das certezas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 15-16.

Finalizando o século XIX, os cidadãos franceses poderiam encaminhar sua prole para os Liceus[51] e Escolas Novas. Edmond Demolins (1852-1907) foi o principal incentivador da instalação das Escolas Novas francesas. Em seu livro "A educação nova" mencionava ter a intenção de criar uma Escola Nova aliando métodos renovados e tradicionais. Essa escola ele denominou de "École des Roches". Entre aqueles que incentivaram a inovação pedagógica na França estava Célestin Freinet (1896-1966), que, iniciando suas atividades de educador em Bar-Sur-Lowp desenvolve métodos ativos para a formação da criança. Os métodos da pedagogia de Freinet são imprensa escolar, texto livre, jornal escolar, correspondência inter-escolar, livro da vida, jornal-mural, fichário escolar cooperativo, estudo do meio, aula passeio, biblioteca, fichário autocorretivo, planos de trabalho, cantos de atividades e complexo de interesse. A imprensa escolar possibilitava que os alunos produzissem e editassem seus próprios textos, elaborados após as aulas passeios. Sampaio menciona os resultados obtidos por Freinet e seus alunos com o uso da imprensa escolar:

> Alimentando o interesse das crianças pela composição e impressão, que já começavam a dominar, Freinet, com a ajuda de pequenos truques que inventava para facilitar o trabalho, fez com que a produção de textos aumentasse cada vez mais. O aumento de interesse por parte das crianças foi uma surpresa até para o próprio Freinet. Elas queriam logo ver seus textos impressos e mostrá-los aos pais e amigos. Era incrível, as crianças não se cansavam nunca![52]

A educação francesa, assim como a literatura, moda e pintura, tornou-se sinônimo de bom gosto atraindo para seus bancos escolares alunos de diversas nacionalidades. A França "que festejou a si mesma"[53] durante a Exposição Universal de 1900, viu-se mergulhada na hecatombe de 1914, quando adentra na Primeira Guerra Mundial ao lado da Inglaterra e conseguindo ao final do conflito retomar os territórios da Alsácia-Lorena que havia perdido em 1870, para a rival Alemanha.

Os ares da Belle Époque não se fizeram presentes apenas no solo das nações européias como França e Inglaterra, mas adentraram também nos Estados Unidos da América. Após cinco anos de guerra civil[54] a nação americana adentrou em um processo de

---

[51] Verificar o artigo COCUR, Marc Lê. Os liceus na cidade: o exemplo parisiense (1802-194). In: BENCOSTTA, Marcus Levy Albino (Org.). **História da educação, arquitetura e espaço escolar**. São Paulo: Cortez, 2005, p.48-94.

[52] SAMPAIO, Rosa Maria Whitaker. **Freinet: evolução histórica e atualidades**. São Paulo: Scipione, 2002, p.22-23.

[53] EKSTEINS, Modris. **A sagração da primavera:** a grande guerra e o nascimento da era moderna. Rio de Janeiro: Rocco, 1991, p.35.

[54] Guerra Civil Norte-Americana ou Guerra de Secessão (1861-1865) foi um conflito ocorrido nos Estados Unidos da América devido a rivalidade existente entre os Estados do Norte, industrializados e os Estados do

industrialização que fortificou sua economia; incentivou a obtenção de matérias-primas, como ferro e aço; permitiu a expansão de estradas de ferro, como a Transcontinental; incentivou a criação de novos territórios, como por exemplo, Nebraska e Wyoming; fortaleceu a agricultura, principalmente a produção de algodão; impulsionou o setor petrolífero e ofertou a proliferação de institutos de pesquisa e escolas. O crescente desenvolvimento industrial norte-americano possibilitou a criação de grandes conglomerados financeiros que tinham à frente nomes como Andrew Carnegie (1835-1919) e John Rockefeller (1839-1937), dentre outros. Carnigie tornou-se o magnata do aço, conseguindo ultrapassar a produção inglesa, a partir de 1890; fundou a Union Iron Mills e Carnegie Trust, com sede nos Estados Unidos e filial na Inglaterra. Atuou como pacifista, criando o Tribunal Internacional de Haia e destinou dinheiro para fundações filantrópicas. Rockefeller, um dos principais capitães do petróleo, fundou a Standard Oil Company e organizou um eficiente sistema de distribuição do óleo negro, com a intenção de ultrapassar a concorrência. No livro "O petróleo", Yergin descreve o papel de Rockfeller na indústria petrolífera norte-americana:

> Rockfeller foi a figura mais importante da formação da indústria do petróleo. O mesmo pode ser dito com relação ao seu lugar na história do desenvolvimento industrial dos Estados Unidos e da ascensão da moderna corporação. Admirado por alguns como um gênio da administração e da organização, ele também chegou a ser o homem de negócios mais odiado e insultado dos Estados Unidos – em parte, por ser tão implacável e em parte por ter alcançado tanto sucesso. O duradouro legado seria intensamente reconhecido, por sua profunda influência sobre a indústria do petróleo e sobre o próprio capitalismo, do permanente impacto de sua vasta filantropia – mas também em termos das obscuríssimas imagens e das sombras que ele sempre projetou na mente do público.[55]

As indústrias nos Estados Unidos abriram suas portas para milhares de imigrantes, principalmente europeus, como italianos e irlandeses que procuravam melhores condições de vida. Os Estados Unidos com sua indústria consolidada passa a buscar espaço externo com o intuito de adquirir matérias-primas e garantir mercado para seus produtos. A anexação de novos territórios, como por exemplo, Havaí, Filipinas, Porto Rico, Ilhas Guam e Cuba tornaram-se inevitáveis. Ganhando novos territórios, os Estados Unidos fortaleceram sua posição política e econômica, na América, adotando a política do *Big Stick*[56], que teve como um dos principais representantes o Presidente Theodore Roosevelt.

Sul, agrários. As divergências econômicas, políticas e os problemas referentes à escravidão negra foram os motivos que levaram ao conflito no qual o Sul, saindo derrotado, aceitou a abolição da escravidão. SCHNERB, Robert. **O século XIX: o apogeu da civilização européia 1815-1914**, São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1962, p.105-108.

[55] YERGIN, Daniel. **O petróleo: uma história de ganância, dinheiro e poder**. São Paulo: Scritta, 1992, p.21.

[56] Política expansionista norte-americana defendida com intensidade pelo Presidente Theodore Roosevelt entre 1901-1909. (Op. Cit., p.85-103).

Ao iniciar a Primeira Guerra Mundial, a máquina bélica, econômica, industrial e política norte-americana já havia ganho importante influência em assuntos internacionais. O progresso industrial possibilitou, ainda, o surgimento de invenções que facilitaram a vida cotidiana da sociedade norte-americana, como o telefone, o fonógrafo, a máquina de costura, a luz elétrica e o telégrafo Morse. Entre os nomes de inventores americanos, temos: Alexander Graham Bell (1847-1922), Thomas Edison (1847-1931) e Samuel Morse (1791-1872). Bell, de origem escocesa, criou o telefone, que facilitou a comunicação de informações e desenvolveu pesquisa de educação dos surdos, ganhando, com isso, uma cátedra na Universidade de Boston. Edison criou a lâmpada incandescente e o fonógrafo. Morse desenvolveu o telégrafo de eletroímã, contribuindo, com isso, para o sistema de comunicação militar.

No século XX, o desenvolvimento das ciências nos Estados Unidos foi impulsionado por cientistas estrangeiros, como Albert Einstein (1789-1955)[57], que criou a Teoria da Relatividade Geral e Restrita. Na vida cultural, os Estados Unidos conseguiram destaque na literatura, poesia e cinema. A produção literária conheceu nomes como James Feninmore Cooper (1789-1851), que escreveu “O último dos moicanos”, Hermam Melville (1819-1891), autor de “Moby Dick”, Harriet Beecher Stowe (1811-1896), escreveu sobre “A cabana do pai Tomás” (1851) e Mark Twain (1835-1910), que produziu “Aventuras de Tom Sawyer”.

A poesia conheceu, no simbolista Edgar Alan Poë (1809-1849), um dos seus principais nomes, com trabalhos publicados no livro “Tamerlane and other poems”. O cinema desenvolveu-se bastante, com a realização de superproduções sobre filme de Western e contou, ainda, com atuação de atores estrangeiros, como Charles Chaplin (1889-1979), que produziu filmes como “Charlot nas trincheiras” e “O garoto de Charlot”, dentre outros.

A veloz expansão industrial, econômica e política nos Estados Unidos influenciou a organização do sistema educacional, que, no currículo, priorizou o método do ensino intuitivo[58] e as ciências.

---

[57] Nasceu na Alemanha e naturalizou-se norte-americano. Formado pelo Instituto Politécnico de Zurique, publica, no ano de 1905, suas pesquisas sobre a Teoria da Relatividade, que revolucionaram os conceitos de tempo, matéria e energia. Nos Estados Unidos lecionou no Instituto de Matemática da Universidade de Princeton. Para compreender melhor suas teorias, ler MASON, S.F. **História da ciência:** as principais correntes do pensamento científico. Rio de Janeiro: Globo, 1962, p.448-453.

[58] “O ensino intuitivo pode ser simplesmente o ensino pelas coisas, pelo exercício dos sentidos, a partir do concreto [...] E é ao mesmo tempo, o ensino que, procedendo do conhecido para o desconhecido, do fácil para o difícil, leva as crianças, pelo encadeamento das questões, a descobrir as conseqüências de um princípio, as aplicações de uma regra”. LEIF, J; RUSTIN, G. **Pedagogia geral:** pelo estudo das doutrinas pedagógicas.

A importância das ciências nas escolas elementares, secundárias e superiores norte-americanas ganhou maior ênfase a partir do século XIX. Na escola elementar, as disciplinas de destaque eram a geografia, fisiologia e ciências da natureza influenciadas pelas idéias de Pestalozzi[59]. Inicialmente, o ensino secundário contou com as disciplinas de geometria, trigonometria e astronomia, acrescentando, a partir de 1870, botânica, química, física e zoologia. Nos cursos superiores era comum os estudos de mineralogia, geologia, química, eletricidade e magnetismo.

Nos Estados Unidos, o método de ensino intuitivo adquiriu preponderância ao longo das décadas de 1860 e 1880, influenciando o ensino nas escolas e a elaboração de manuais escolares. Norman Allison Calkins (1822-1895) foi um dos propagadores dos princípios de Pestalozzi, por meio de seu livro "Primeiras lições de coisas", publicado em 1861 e editado em países como Argentina, Japão e Brasil. Sobre o conteúdo da obra de Calkins, Valdemarin expõe:

> No prólogo de sua obra, Calkins expõe os princípios fundamentais das lições de coisas, afirmando serem os sentidos o principal instrumento da aprendizagem, justificando assim o ensino pelo aspecto, pela intuição, pelo exercício reflexivo dos sentidos e pelo cultivo da capacidade de observação. O autor afirma pretender dar primazia aos fatos, criando as condições para a observação e para a experiência, num processo ascendente de compreensão, que tem início nas operações dos sentidos. Os exercícios devem priorizar a observação, criando as condições para que sejam desenvolvidos o raciocínio, a linguagem e a escrita, sempre tendo os sentidos humanos como instrumentos postos a serviço da produção do conhecimento.[60]

A educação pública nos Estados Unidos desenvolveu-se ao final da década de 1830, em localidades como Pensilvânia, Indiana, Nova York, Nova Jersey e Michigan. No sistema escolar público, o ensino elementar durava, em média, noves anos e o ensino secundário, quatro anos. As Escolas Novas proliferaram, também, na educação norte-americana, baseadas no ensino experimental e pragmático, sendo a primeira do gênero a "University Elementar School", que funcionava na Universidade de Chicago. Entre os educadores que contribuíram

---

São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1968, p.250-251. Outra obra que permite a compreensão do método intuitivo foi escrita por CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. São Paulo: UNESP, 1999.

[59] Johan Heirich Pestalozzi (1746-1827) nasceu em Zurique, Suíça, sendo influenciado pelo pensamento de Jean Jacques Rousseau e aspectos do movimento romântico, como a saber, o cultivo da imaginação. Seu pensamento pedagógico estabelece considerações a respeito da educação segundo a natureza, família e ética. O educador suíço é considerado, ainda, como um dos principais propagadores do método de ensino intuitivo, tendo publicado, ainda, obras como "Leonardo e Gerturde", "Os serões de um solitário", "Gertrude instrui seus filhos" e "Canto dos cisnes", dentre outros. Sua atuação como educador ganhou repercussão internacional após ter fundado, em Yverdon, um instituto de educação organizado de acordo com princípios do método de ensino intuitivo CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. São Paulo: UNESP, 1999, p.416-420.

[60] VALDEMARIN, Vera Teresa. **Estudando as lições de coisas: análise dos fundamentos filosóficos do método do ensino intuitivo**. Campinas-SP: Autores Associados, 2004, p.119-120.

para a consolidação das Escolas Novas estavam John Dewey (1859-1952) e William Kilpatrick (1871-1954). Dewey criou, em 1896, a University Elementar School e escreveu a obra "Democracia e educação", onde defende o pragmatismo e experimentalismo nos processos educacionais. Kilpatrick, adepto das idéias pragmáticas de Dewey, criou o método de projetos, no qual defende a motivação intelectual e o experimentalismo. O pensamento pragmático e experimental da educação norte-americana influenciou outros países europeus e americanos, como o Brasil, a partir da década de 1920.

A inserção dos Estados Unidos na mentalidade industrial modernizadora foi apresentada nas três exposições mundiais que realizou nas cidades de Filadélfia (1876), Chicago (1893) e Louisiana (1904)[61]. Esta última exposição denominou-se Exposição de St. Louis, onde foi enfatizada com proeminência o papel da educação, como sendo vital para o progresso econômico, social e cultural de uma nação. O Palácio da Educação, na referida exposição, retratou os seguintes tópicos: escola primária, educação secundária, educação superior, educação especial em belas artes, educação especial em agricultura, educação especial em comércio e indústria, educação de deficientes e formas especiais de educação, destacando livros textos, aparato e mobiliário escolar e equipamentos escolares. Entre os países participantes da Exposição St. Louis estavam França, Inglaterra, Alemanha, Japão, México e Brasil.

O educador brasileiro Oscar Thompson[62], que dirigiu a Escola Normal do Estado de São Paulo e a Diretoria Geral do Ensino de São Paulo, visitou a Exposição de St. Louis, adquirindo livros escolares e materiais pedagógicos que seriam utilizados nas escolas paulistas. As milhares de pessoas que circularam na Exposição St. Louis, em 1904, puderam vislumbrar que os Estados Unidos da América estavam preparados para disputar, com as nações européias, a supremacia ténico-industrial. Os Estados Unidos mantinham, ainda, as portas de suas instituições de ensino abertas para alunos de outros países. No caso do Brasil, as famílias que pretendiam enviar sua prole aos educandários norte-americanos contavam com o apoio do "Brasilian Guardian Institution", que tinha representações no Rio de Janeiro,

[61] Sobre a Exposição de St. Louis, verificar artigo de Warde, Mirian Jorge. Oscar Thompson na exposição de St. Louis (1904): a exhibit showing "machinery for making macines". In: FREITAS, Marcos Cezar de; KUHLMANN Jr., Moysés (Orgs.). **Os intelectuais na história da infância**. São Paulo: Cortez, 2002, p.409-458.

[62] Educador paulista que dirigiu a Escola Normal de São Paulo e a Diretoria Geral do Ensino de São Paulo, contribuiu com a educação paulista, ao oficializar o método analítico de leitura e criando o Laboratório de Pedagogia Experimental. WARDE, Mirian Jorge. Oscar Thompson na Exposição de St. Louis (1904): a exhiti showing machinery for making machines. In: FREITAS, Marcos Cezar de; KUHLMANN Jr., Moysés (Orgs.). **Os intelectuais na história da infância**. São Paulo: Cortez, 2002, p.410.

São Paulo, Belo Horizonte, Belém e Fortaleza, por meio do professor Joaquim da Costa Nogueira, diretor do Instituto de Humanidades. A Revista Escolar do Instituto de Humanidades, dos meses de junho e julho de 1914, trazem a propaganda do Brasilian Guardian Institution:

> Estados Unidos da América do Norte.
>
> Brasilian Guardian Institution.
> (Brazilian Bureau of American Education)
> Instrucção e Educação dos jovens brasileiros nos Estados Unidos da América do Norte.
> Esta instituição destina-se a facilitar aos jovens brasileiros os excepcionais meios educativos norte-americanos, como sejam excellentes instituições de educação e ensino.
> Colloca-os em escolas, collegios e universidades mais adequadas aos seus intentos, conveniências e necessidades, acompanha os estudos, fiscaliza os seus progressos, e incumbe-se de providenciar, em nome e por conta dos paes ou responsáveis, sobre tudo o que fôr necessário.
>
> Director:
> Professor M. Cyridião Buarque
> 17, State Street, 17 – Room-515 – New York.
>
> Informações:
> Athur Thiré – Rua Oito de Dezembro, 77 – Rio de Janeiro
> Dr. J. da Rocha Bressante – Rua de S. Bento, 27 – São Paulo
> Prof. Luiz Pessanha – Rua Aymorés, 1009 – Bello Horizonte
> Prof. J. da C. Nogueira – Rua Senna Madureira, 113ª - Fortaleza
> Prof. J. de Almeida Benú – Escola "Aurora" – Belém (Pará)[63]

Os Estados Unidos da América, no decorrer da Primeira Guerra Mundial, conseguiu consolidar sua influência na política internacional, ao negociar armas, gêneros alimentícios e empréstimos de grandes somas de dinheiro aos países que estavam envolvidos no conflito. Dentro da febre de festas e novidades trazidas pela Belle Époque o mundo viu nações do período disputando territórios de influências para garantir negócios lucrativos, mercados em livre expansão e energia acessível para mover suas indústrias. Este otimismo que proliferava no mundo europeu conviveu com as disputas, elaboração de pactos de ajuda mútua e corrida armamentista. As potências européias iniciaram, então, o processo de expansão do seu poderio, através do imperialismo[64], buscando adentrar na África, Ásia e América. Dessa maneira, proliferou o neocolonialismo, ou seja, impérios coloniais nos continentes já mencionados que forneceriam matérias-primas e mercados consumidores para Alemanha,

[63] Revista Escolar do Instituto de Humanidades. Ano XI, n^{os} 115 e 116, Fortaleza, junho e julho de 1914.

[64] No sentido utilizado nesse estudo, imperialismo refere-se ao período situado entre 1870-1914, no qual as potências como Inglaterra, França, Alemanha, Estados Unidos e Japão, visando adquirir matérias-primas para suas indústrias, expande suas influências políticas, econômicas e culturais rumo à África, Ásia e América. SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique (Orgs.). **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 2006, p.218-221.

Inglaterra, França, Itália e Estados Unidos da América. Esse imperialismo e neocolonialismo foi um dos fatores que permitiu a eclosão da Primeira Guerra Mundial (1914-1918)[65], pois os choques de interesses entre os países industrializados tornaram eminente o confronto. Outros motivos foram as insatisfações de nações como Alemanha e Itália, que chegaram tarde na partilha da África e Ásia, desencadeando choques como a Questão Marroquina[66], em 1905 e o sentimento nacionalista dos povos da Europa que, ao longo do século XIX, travaram lutas com a intenção de fortalecer suas tradições. Esse nacionalismo ocorreu com a especificidade cultural de cada região. Na França, a espinha dorsal foi o revanchismo contra a Alemanha, devido a derrota de 1870, com forte propagação em escolas, imprensa e igrejas.

A Alemanha adotou o pangermanismo, que visava reunir, sob um só governo, os povos da Europa que tinham raízes germânicas. Nos Bálcãs, as etnias e culturas dos povos eram diversificadas, sendo formadas por eslavos, turcos, búlgaros, croatas, dentre outros. Essas etnias tinham como motor móvel de seu nacionalismo a vontade de derrubar o Império Turco-Otomano sob o qual viviam. A espada de Damôcles, que reacendeu o forte nacionalismo dos povos dos Bálcãs, foi a anexação da Bósnia-Hezergovina pelo Império Austro-Húngaro, que causou descontentamento aos sérvios, que tinham os olhos voltados para o mencionado território, e foi o rastro de pólvora que provocou o assassinato do arqueduque austríaco Francisco Ferdinando e sua esposa, quando visitavam Sarajevo, na Bósnia. Com isso, estava deflagrada a Primeira Guerra Mundial, que fragmentou o ideal de harmonia, luzes e progresso propagados na Exposição Universal de 1900, em Paris. Conforme Tuchman, o mundo vivenciou a marcha rumo a insensatez:

> Quando a guerra finalmente terminou, foram muitas as conseqüências que ficaram dela, uma das quais dominava e transcendia todas as outras: a desilução. “Todas as

[65] Conflito travado por potências européias como Alemanha, França, Inglaterra, Itália e Rússia. Além do assassinato do Arqueduque da Áustria Francisco Ferdinando, entre os motivos que desencadearam o confronto estavam a disputa por mercados coloniais, corrida armamentista, políticas de aliança entre as potências, tensões na região dos Bálcãs e desentendimentos de fronteiras. Os países beligerantes estavam aliados em dois blocos, a saber: Tríplice Aliança, que unia Alemanha, Áustria e Itália e Tríplice Entente, aglutinando França, Rússia e Inglaterra. Esse entrechoque foi marcado pelas guerras de trincheiras e avanço tecnológico, que gerou novas armas de combate. No dia 11 de novembro de 1918, a Alemanha, com sua fúria bélica sufocada, se rende, assinando o armistício denominado Tratado de Versalles, que lhe obrigava a abrir mão de seu armamento, entregar todas suas colônias e pagar pesados tributos às nações vitoriosas. Para compreender, de forma mais detalhada esse conflito, ler a obra de TUCHMAN, Bárbara W. **Canhões de agosto**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1994 e, ainda, sobre o assunto, a mesma autora escreveu **“O Telegrama Zimmermann como os Estados Unidos entraram na Primeira Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.

[66] Disputa ocorrida entre França e Alemanha pela posse do Marrocos, que foi solucionada por meio de Conferências Internacionais, que determinaram a concessão de pequena faixa de terra para a Alemanha. HOBSBAWM, Eric. J. **A era dos impérios 1875-1914**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p.442-443.

> palavras grandiosas foram anuladas" para essa geração, escreveu D. H. Lawrence num resumo simples, dirigido a seus contemporâneos. Se algum deles, como Emile Verhaeren, recordava com um assomo de dor "o homem que eu costumava ser", era por saber que as obras grandiosas e as grandes certezas de antes de 1914 jamais seriam restauradas.[67]

A Belle Époque, com seu imaginário de beleza, luxo, progresso e insensatez, cruzou Londres, Paris e Estados Unidos da América, rumo ao Brasil, provocando mudanças econômicas, políticas, sócio-culturais e educacionais, no cotidiano de cidades e Estados, como Rio de Janeiro, Manaus e Ceará.

2.2 O espírito da Belle Époque no Brasil e a educação

O Brasil, na segunda metade do século XIX, vivenciou transformações como o desenvolvimento da cultura cafeeira, instalações de indústrias, abolição da escravidão, trabalho assalariado e, por fim, a Proclamação da República. O rei café pode ser considerado como o principal produto que acelerou as modificações políticas, econômicas e sociais, uma vez que, a sua produção e exportação gerou lucros que foram aplicados no estabelecimento do trabalho assalariado, na expansão industrial e urbana. O Rio de Janeiro foi o foco de expansão da cultura do café, tendo como regiões produtoras a floresta da Tijuca, Parati e Angra dos Reis. A região de São Paulo foi outro reduto de forte expansão da lavoura cafeeira, em lugares como o Vale do Paraíba, São Sebastião, Ubatuba, Sorocaba, Jundiaí, Itu, dentre outros.

Durante os primeiros anos da República, o café continuou a gerar fortes rendas para o País, sendo alvo, portanto, de políticas de incentivo[68], como por exemplo, a proteção cambial. Novas oportunidades de lucros surgiram com a instalação de bancos, agências de seguros, ferrovias, companhias de navegação e iluminação a gás, que estavam nas mãos de investidores estrangeiros e brasileiros. Entre os estrangeiros destacaram-se os ingleses que, com todo rigor, expandiram a construção de ferrovias e companhias de gás, como The Rio de

---

[67] TUCHMAN, Bárbara W. **Canhões de agosto**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1994, p.510.

[68] Denominação dada às tentativas de valorizar e defender o café. O maior exemplo das tentativas para valorização do café foi o Convênio de Taubaté, ocorrido em São Paulo, em 1906, que propunha manutenção do preço mínimo no mercado interno, diminuição da oferta, visando, com isso, elevar os preços no mercado externo. Para cobrir juros dos capitais investidos no convênio deveria existir sobretaxa sobre cada saca de café exportada, criação de uma caixa de conversão, que emitiria papel moeda com câmbio baixo e pedido de empréstimos. O Convênio de Taubaté beneficiou a cafeicultura paulista. TREVISAN, Leonardo. **A república velha**. São Paulo: Global, 1985, p.27-31.

Janeiro Gaz Co. Ltd., The Nicteroy Gaz Co. Ltd., São Paulo Gaz Co. Ltd., entre outras. O nome pioneiro na criação da indústria nacional foi Irineu Evangelista de Sousa, denominado Barão de Mauá, que empreendeu negócios como Companhia de Iluminação a Gás do Rio de Janeiro, Companhia de Navegação a Vapor do Amazonas, ferrovias como a Rio-Petrópolis e Banco Mauá e Cia., com filial na Inglaterra.

Apesar do esforço para consolidar a indústria nacional, Mauá, tendo que enfrentar a oposição da coroa, forte pressão estrangeira e pesadas políticas tarifárias, acabou abrindo falência. Caldeira delineia o perfil empreendedor de Mauá:

> Essa mistura de persistência nas dificuldades e otimismo infantil nos acertos marcava não só os métodos do pai mas também os do empresário. Se era duro e forte na hora das dificuldades, Irineu também incluía uma farta dose de sonhos gloriosos em seus projetos – e os usava a seu favor. Quando começou a construir a ferrovia, não tinha uma idéia completa do que viria pela frente, apesar de toda sua prudência com dinheiro e estudos técnicos. O entrave mais óbvio para levar os trilhos até a margem do rio São Francisco era bem visível para qualquer carioca que olhasse para oeste: entre o Rio de Janeiro e Minas Gerais havia o paredão de oitocentos metros da serra dos Órgãos, e naquela época ainda não se sabia como fazer para que trens subissem grandes montanhas. No entanto, para aquele otimista incurável, isso era apenas um detalhe. Contratou engenheiros para percorrerem a Europa e Estados Unidos, com ordens para acompanhar as tentativas de desenvolvimento tecnológico que estavam sendo feitas nos Alpes e nas Montanhas Rochosas e tocou a obra como se aquele fosse um pormenor insignificante.[69]

A nação brasileira, que pretendia inserir-se nas vias dinâmicas da modernização, ou seja, ser vista como civilizada, torna extinta em 1888, a escravidão. Tal fato ganhou incentivo por parte da imprensa, de cafeicultores do oeste paulista e intelectuais, como Joaquim Nabuco[70] (1849-1910) e José do Patrocínio[71] (1853-1905). A abolição da escravatura acelerou a proliferação do trabalho assalariado que, para os cafeicultores do oeste paulista, possibilitou a modernização do sistema de produção e obtenção de maiores lucros. A mão-de-obra nos cafezais passou a ser composta por imigrantes, como italianos, alemães, dentre outros, que vinham para o Brasil em busca de melhores condições de vida.

O crescimento da indústria no Brasil intensificou o trabalho assalariado nas áreas urbanas, onde a mão-de-obra dos imigrantes era preponderante. O desenvolvimento da

---

[69] JORGE, Caldeira. **Mauá:** empresário do império. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1995, p.283-284.

[70] Diplomata brasileiro que representou o Brasil em Washington, Deputado pelo Recife e participante do Movimento Abolicionista. Dentre outras ações, fundou o Jornal do Brasil, exerceu atividades diplomáticas em Londres e escreveu obras, como: "Um estadista no império" e "Minha formação". **Ensino Renovado de Biografias**, São Paulo: Editora Formar Ltda., 1971, p.795-796.

[71] Jornalista, orador e político brasileiro, realizou sua formação inicial no Colégio Aquino, no Rio de Janeiro; formou-se em Farmácia; dirigiu a Gazeta da Tarde; foi um dos criadores da Academia Brasileira de Letras, onde ocupou a cadeira nº 21 e uma das principais figuras da luta pela abolição dos escravos. **Ensino Renovado de Biografias**, São Paulo: Editora Formar Ltda., 1971, p.851-852.

indústria e o crescente número de trabalhadores assalariados ampliou o processo de urbanização em cidades como o Rio de Janeiro e São Paulo, que conseguiram elevar o número de comércios, casas bancárias, educandários e opções de lazer. O Governo Imperial não conseguiu acompanhar o surto de modernidade pelo qual estava passando o País e acabou por receber o golpe de misericórdia, ao enfrentar a Questão Militar[72], Questão Religiosa[73], e Abolição da Escravidão[74].

O 15 de novembro de 1889 marca a égide Republicana no cenário político brasileiro, tendo como adeptos intelectuais, banqueiros, comerciantes, cafeicultores, clero e Exército. Instituída a República, foram tomadas uma série de medidas que podem ser consideradas como rupturas com a Monarquia. Dentre elas encontram-se o fim do Conselho de Estado e do Senado Vitalício, separação entre Igreja e Estado e a instituição do casamento civil. O Exército e os cafeicultores que divergiam quanto aos rumos que a República deveria seguir, foram os dois grupos que, entre 1889 a 1930, estiveram à frente do governo da nação brasileira. Os militares que estiveram à frente da República da Espada (1889-1894) desejavam fortalecer o Exército, centralizar o Poder Executivo e conduzir os ideais políticos por meio da doutrina positivista, cujo maior expoente é o lema "Ordem e Progresso", que estampa a Bandeira Nacional Brasileira, criada a 19 de novembro de 1889. Os presidentes que integraram esta fase foram os Marechais Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto. Deodoro da Fonseca (1827-1892) exerceu um governo marcado por crises, devido a corrupções, atritos com o poder legislativo, decreto de Estado de Sítio e censura à imprensa. Tais fatores contribuíram para o desgaste da figura de Deodoro que, não conseguindo reverter pressões civis e militares, acaba por renunciar em novembro de 1891. Floriano Peixoto (1842-1895), designado por alcunha "Marechal de Ferro", governou de 1891 a 1894, com o apoio das elites agrárias e do congresso. Exerceu um governo marcado por tensões políticas

[72] Vitorioso na Guerra do Paraguai, o Exército passou a questionar a autoridade do trono, ao defender a abolição, o republicanismo e exigindo o mesmo tratamento que era ofertado para a Marinha e Guarda Nacional. CALÓGERA, J. Pandiá. **Formação histórica do Brasil**. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1957, p.366-399.

[73] Desentendimento ocorrido a partir de 1873, quando o episcopado brasileiro resolveu estabelecer críticas ao padroado e ao beneplácito que submetiam a Igreja ao Estado, transformando membros do clero em funcionários do governo. O cerne do conflito ocorreu quando o Bispo de Olinda e o de Belém resolveram colocar em prática a Bula Syllabus, estabelecida pelo Papa Pio IX, em 1864, proibindo relações entre católicos e maçons. O Governo Imperial reagiu contra a decisão dos Bispos, que foram condenados a 4 anos de prisão. Tudo isso, abalou as relações entre Trono e Igreja, que passou a apoiar o movimento republicano. Idem, p.328-365.

[74] Campanha que marcou o cenário político brasileiro, a partir dos anos de 1870, influenciada pela participação do negro na guerra do Paraguai, pressões do Exército quanto a escravidão, interesses do comércio e indústria, tendência dos cafeicultores do oeste paulista de adotar a mão-de-obra assalariada e pressões anti-escravistas internacionais como a Inglaterra. Essa campanha teve participação ativa de Joaquim Nabuco, Silva Jardim, José do Patrocínio, dentre outros. Idem, ib idem, p.366-399.

como a Revolta da Armada[75] e a Revolução Federalista[76]. O Marechal de Ferro promoveu, no seu governo, políticas de empréstimos aos industriais, combateu especuladores, construiu casas populares e estabilizou os preços de gêneros alimentícios. A imagem de Floriano como consolidador da República é destaque nas linhas de Freyre, em sua obra "Ordem e progresso":

> Reagindo de modo áspero contra as tentativas no sentido de restaurar-se no Brasil o sistema monárquico de governo, Floriano o "consolidador da República" como que em função de uma constante brasileira estabelecida pelo Império: a constante da ordem nacional, inseparável da mística brasileiríssima de unidade, essencial, aliás ao progresso americano em que os republicanos pretendiam o País de modo mais rasgado, considerando alguns que o medo de Pedro II aos excessos de progresso material talvez representasse temor ao americanismo republicano.[77]

O qüinqüênio no qual se situou a República da Espada, caracterizou-se como um período de transição e consolidação do novo regime. Com o término do governo Floriano Peixoto, ascendeu na política nacional o segundo grupo, composto por cafeicultores que defendiam o regime Republicano Federativo, ou seja, a autonomia dos Estados e uma política econômica que privilegiasse a produção cafeeira. Essa nova fase da República denomina-se como República do Café-com-Leite, uma vez que, os presidentes eram oriundos dos Estados de São Paulo e Minas Gerais, sendo o primeiro grande produtor de café e o segundo responsável pela produção do leite. Até 1914, os nomes que conduziram a Nação foram Prudente de Morais, que enviou militares com o intuito de por fim a epopéia de Canudos; Campos Sales dedicou-se a sanar as finanças e criou a política dos governadores, por meio do qual o poder federal e estadual cooperavam entre si; Rodrigues Alves estabeleceu a modernização e saneamento do Rio de Janeiro, capital federal; Afonso Pena apoiou a industrialização e buscou fortalecer o Exército; Nilo Peçanha, que enfrentou momentos de tensão entre São Paulo e Minas Gerais, que não entraram em acordo quanto a sucessão

---

[75] Ocorrida em 1893, quando Custódio de Melo conseguiu sublevar a Marinha contra o Presidente Floriano Peixoto, que reagiu ao bombardeio da cidade do Rio de Janeiro, através do apoio do Exército e de populares. Com seus planos não concretizados, Custódio de Melo e seus adeptos aliam-se aos federalistas, deixando, na Baia da Guanabara o Almirante Saldanha da Gama, que passa a liderar a armada, que se propaga com a invasão ao Paraná e o ataque a São Paulo. Buscando sufocar a revolta, Floriano Peixoto adquire material bélico vindo do exterior e ordena fuzilamento dos rebeldes. CALÓGERA, J. Pandiá. **Formação histórica do Brasil**. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1957, p.400-436.

[76] Iniciada no Rio Grande do Sul, em 1893, através das ações do Partido Federalista, liderado por Silveira Martins. Os federalistas, denominados, também, de Maragatos, pretendiam com esse movimento derrubar Floriano Peixoto, constituir um poder parlamentarista central e forte, reformar a constituição gaúcha e derrubar Júlio de Castilho da presidência do Estado. Sofrendo rechaço por força do governo e castilhistas, parte dos federalistas buscam refúgio no Uruguai, enquanto outra propaga a guerrilha em território brasileiro. Idem, p.400-436.

[77] FREYRE, Gilberto. **Ordem e progresso**. São Paulo: Global, 2004, p.224.

presidencial; e, Hermes da Fonseca que, por meio da Política das Salvações buscou combater o poder das oligarquias.

A República Café-com-Leite vivenciou sérias tensões sociais, como a Guerra de Canudos (1896-1897), Revolta da Vacina (1904), Revolta da Chibata (1910), Guerra do Contestado (1912-1914) e Sedição de Juazeiro (1914), que tornaram evidentes as fragilidades do poder republicano. No entanto, as crises internas ocorridas entre 1889 a 1914, quando o Brasil passa a vivenciar o clima da I Guerra Mundial, não impediram o crescimento do sentimento nacionalista, que fez tributo à boa ordem e ao progresso material do País. Esse progresso tornou-se visível com o embelezamento da capital federal, compra de navios mais potentes para a Marinha, comparecimento nas exposições universais, criação do "Instituto de Pesquisa de Manguinhos"[78], proliferação de educandários públicos e privados e florescimento de literaturas com temas patrióticos, no quais se destacaram nomes como Olavo Bilac, que escreveu "Poesias" (1902); Afonso Celso, publicando "Por que me ufano de meu país" (1901); Graça Aranha, por meio da obra "Canaã" (1902); Virgílio Cardoso, através do livro "A pátria brasileira"; (1906) Euclides da Cunha, com "Os sertões" (1901), dentre outros. O orgulho nacional brasileiro fez-se ainda presente no mundo das invenções, quando Alberto Santos Dumont, diante da Comissão Científica do Aeroclube de França, alça vôo num veículo mais pesado que o ar. A imagem de Santos Dumont como herói brasileiro é delineada por Freyre:

> Nunca ninguém foi mais herói para seu povo do que Alberto Santos Dumont. Por ele o brasileiro se sentiu vingado dos estrangeiros petulantes que diziam desdenhosamente do Brasil, que era o país do "tenha paciência", do "espere até amanhã", do "depois da manhã". Santos Dumont tornou-se de repente o símbolo, aos olhos dos brasileiros, de um Brasil capaz e por si mesmo, isto é, pelo gênio e pelas invenções como que mágicas dos próprios nacionais – que para tanto não precisavam de ser homenzarrões de bela estampa, mas simples homens iguais à maioria dos seus compatriotas: pequenos, franzidos e até "amarelinhos" como, aliás, os japoneses quase nanicos, vencedores dos russos gigantes em guerra recente –, elevar-se a exemplo de progresso ou de adiantamento técnico de repercussão mundial. Daí o carisma que, como por milagre, iluminou quase de surpresa a figura do jovem mineiro, fazendo dele a mais pura glória nacional do período evocado. O mito Santos Dumont tornou-se como nenhum outro, no Brasil do começo do século XX, parte do mito maior: o do progresso brasileiro pela ciência.[79]

[78] A trajetória dessa instituição de pesquisa tem início em 25 de maio de 1900, com a criação do Instituto Soroterápico Federal, que tinha como prioridade preparar vacinas e soros contra pestes, sendo dirigido pelo Barão de Pedro Afonso. A partir de 1907, o instituto passa a desenvolver pesquisas, sendo rebatizado como Instituto de Patologia Experimental de Manguinhos. Por decreto do Presidente da República Afonso Pena, a partir de 1908, a instituição passou a atuar com o nome de Instituto Oswaldo Cruz. Revista de Manguinhos, n.7, maio/2005. Coordenadoria de Comunicação Social. Presidência – Fiocruz, p.20.

[79] FREYRE, Gilberto. **Ordem e progresso**. São Paulo: Global, 2004, p.740.

O Rio de Janeiro, sendo a capital da República, vivenciou, no período situado entre 1890 a 1914, intensas modificações no seu cotidiano, que possibilitaram o seu ingresso no mundo civilizado, seguindo exemplos de cidades cosmopolitas, como Paris e Londres. A intensidade de tais transformações ocorreram durante o governo de Rodrigues Alves (1902-1906), que incentivou a urbanização carioca.

O principal colaborador do governo federal foi o prefeito Pereira Passos, que, adotando o estilo das transformações que o Barão de Haussman realizou na urbanização de Paris, destruiu becos sujos e estreitos, retirou o lixo acumulado no porto e em ruelas, evitando, com isso, a propagação de doenças perigosas, como peste bubônica, varíola e febre amarela; derrubou cortiços localizados no centro da cidade; abriu avenidas, como a Central e a Beira-Mar; instalou postes de iluminação; ampliou o número de bondes; construiu o bairro de Copacabana e saneou a Lagoa Rodrigo de Freitas. As medidas tomadas por Pereira Passos, visando propagar a ordem e o progresso no Rio de Janeiro, despertaram descontentamento na população menos abastada, que referiam-se ao processo de urbanização como “O Bota-Baixo”.

O outro nome de destaque no processo de saneamento da cidade do Rio de Janeiro foi o médico sanitarista Oswaldo Cruz, que realizou campanhas para exterminar ratos propagadores da peste bubônica e criou as Brigadas de Mata-mosquitos para combater a febre amarela. O maior desafio de Oswaldo Cruz foi a tentativa de instituir a vacinação obrigatória contra a varíola, uma vez que isso desencadeou fortes debates no Congresso e o descontentamento da população, que vendo a lei aprovada em 9 de novembro de 1904, saiu às ruas para protestar, iniciando, com isso, a “Revolta da Vacina”. Para justificar o descontentamento os populares diziam ser absurdo a recepção obrigatória, em seus lares, dos agentes da Brigada para a aplicação da vacina, pois corria o boato de que os vacinados poderiam ficar com feições bovinas[80]. Tal receio, no imaginário popular, deriva do fato da vacina para varíola ser um líquido de pústulas de vacas doentes.

As conturbações oriundas devido a institucionalização da vacinação obrigatória foi o estopim que trouxe para as ruas forças que queriam a queda do Presidente Rodrigues Alves, que representava o setor cafeeiro, motivou a manifestação de monarquistas, republicanos radicais, operários e dos cadetes da Escola Militar da Praia Vermelha. Todo esse conflito deixou um saldo de 945 prisões, 461 deportações, 110 feridos e 30 mortos. O Governo Federal conseguiu sufocar os revoltosos, mas precisou abrir mão da vacinação obrigatória.

[80] Revista de Manguinhos, n.7, maio/2005. Coordenadoria de Comunicação Social. Presidência – Fiocruz, p.11.

Passados quatro anos da Revolta da Vacina, ou seja, no ano de 1908, a população do Rio de Janeiro, atingida por um violento surto de varíola, clamou pela vacinação. O doutor Oswaldo Cruz, que recebeu ameaças de morte, por ter adotado medidas profiláticas severas contra a varíola, dedicou-se ao trabalho de consolidar o Instituto de Pesquisa de Manguinhos, sendo convidado, em 1907, para participar do 14º Congresso Internacional de Higiene e Demografia, em Berlim.

A face da Belle Époque carioca não refletiu apenas demolições, revoltas e disputas políticas, mas transmitiu o frisson de luxos, requintes e novidades. O Rio de Janeiro, com sua suntuosa Avenida Central, teatros, museus, cafés, clubes, confeitarias, como a Colombo, tornou-se uma atração internacional. Ao realizar a Exposição Nacional, de 1908, o Rio de Janeiro demonstrou, ao público presente, sua sagração de cidade moderna e civilizada. Freyre traça linhas sobre a referida exposição:

> Aliás o ano de 1908 foi o da Exposição Nacional do Rio de Janeiro; e nessa exposição o Brasil procurou exibir o que de melhor se vinha produzindo no país, numa demonstração de ser realidade brilhante o progresso brasileiro de manufaturas e indústrias. Inclusive o das águas minerais engarrafadas. Muitos foram os brasileiros do Sul, do Norte e do Centro que a Exposição atraiu para o Rio de Janeiro; e que lá desembarcaram, quase todos, de vapores do Lloyd Brasileiro; alguns, dos vapores estrangeiros em que era chique viajar dos Estados para o Rio; vários, de trens vindos do Sul e de Minas. Os hotéis se encheram desses brasileiros ávidos de ver não só o que a exposição exibia nos seus pavilhões, como as reformas que vinham modernizando o Rio. Acabando com os quiosques. Pondo abaixo as casas com biqueiras. Alargando ruas. Abrindo avenidas. Destruindo os chamados pardieiros. Levantando edifícios novos, os mais requintados em estilo mourisco. Maravilhas de art nouveau. E tudo iluminado de modo tal, que as noites comuns pareciam noite de festas. Era o Rio que se "civilizava", na frase de um de seus cronistas.[81]

Os habitantes da "Cidade Maravilhosa" aprenderam a conviver com os trens, bondes, bicicletas, automóveis, cinematógrafos, estúdios fotográficos, banhos quentes, luz elétrica, água encanada, telefones e telegramas que agilizavam as comunicações, tornando curtas as distâncias. A vida cultural pulsou com intensidade, por meio da circulação de revistas, como a Fon Fon, Revista da Semana, Kosmos, O Malho, Americana, dentre outras. As conferências tornaram-se manias nas sociedades literárias e no Itamaraty, onde o Barão do Rio Branco recebeu personalidades, como Anatole France e Clemenceau. A Biblioteca Nacional, símbolo de erudição, ganhou, no ano de seu centenário (1910), novo prédio na Avenida Central, onde promoveu o primeiro curso de biblioteconomia da América Latina e organizou uma série de conferências, onde estiveram presentes nomes, a saber: José Veríssimo discorria sobre "A nossa evolução literária"; Roberto Gomes tratava da "Arte e

[81] FREYRE, Gilberto. **Ordem e progresso**. São Paulo: Global, 2004, p.720.

gosto artístico no Brasil"; Juliano Moreira, do "Progresso das ciências no Brasil"; Pandiá Calógeras, do "Brasil e o seu desenvolvimento econômico"; Hélio Lobo, do "Brasil no conceito das nações"[82].

A modernidade, no Rio de Janeiro, refletia-se, ainda, no trajar de homens e mulheres. Os homens, ditos elegantes, usavam roupas de linho inglês ou francês, gravatas, luvas, polainas, chapéus de Panamá, monóculos e bengalas. As mulheres com finesse seguiam as figuras das maisons francesas usando botas, luvas, chapéus, sombrinhas, bolsas, jóias, pinturas, meias e sapatos altos e baixos. O Rio de Janeiro acompanhou, com toda pompa, os ares de modernidade oriundos da Europa, sem nada deixar por desejar.

As idéias de ordem e progresso, propagadas na capital federal a partir de 1889, com a Proclamação da República, também nortearam a educação, importante meio para a propagação do nacionalismo e formação profissional e cortez do cidadão civilizado. A educação, durante os primeiros decênios da República apresentava, ainda, resquícios da formação acadêmica, livresca e intelectual que vogou no Império. No entanto, é importante lembrar que Rui Barbosa[83] (1849-1923), nos anos de 1882 e 1883, ainda no Império, lança seus Pareceres/Projetos sobre a educação, compostos por "Reforma do Ensino Secundário e Superior" e "Reforma do Ensino Primário e várias Instituições Complementares da Instrução Pública". Através desses Pareceres, considerados importantes para a história da educação brasileira, o Estado deveria atuar financiando e fiscalizando os trabalhos desenvolvidos nas escolas e, para organizar o sistema nacional de ensino, deveria ser criado o Ministério da Instrução Pública.

Conhecedor da obra de Norman Allison Calkins "Primeiras lições de coisas", Rui Barbosa afirmava que o método do ensino intuitivo seria o melhor caminho para preparar cidadãos comprometidos com o progresso da Pátria. Sob a perspectiva dos Pareceres, fazia-se necessário, ainda, criar Jardins de Infância, Escolas Normais, Caixas e Museus Escolares; incentivar a co-educação e a aplicação do Ensino de Ciências, tomando por base a

---

[82] BROCA, Brito. **A vida literária no Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio/Academia Brasileira de Letras, 2005, p.214.

[83] Escritor, jornalista, político e jurisconsulto brasileiro que iniciou seus estudos primários no Ginásio Baiano (BA) e foi admitido na Faculdade de Direito, de Recife, tendo concluído seu curso na Faculdade de São Paulo. No campo político, foi eleito deputado pela Bahia, pertenceu à Câmara dos Deputados, no Império, e propagou a República. No Governo Republicano, ocupou a Pasta das Finanças, redigiu a Carta Constitucional da República e participou da Conferência Internacional de Haia. Escreveu obras, como: "Cartas da Inglaterra", "Réplica" e os "Pareceres de educação". NOGUEIRA, Rubem. **Rui Barbosa: Contemporâneo do futuro – episódios de suas lutas parlamentares**. Brasília: Senado Federal, Gabinete do Senador Antonio Carlos Magalhães, 2006.

observação e a experimentação. Sobre os Pareceres escritos por Rui Barbosa, Azevedo afirma:

> Mas, nesse parecer que, do ponto de vista da forma e da erudição, é realmente uma obra-prima, como o do ano seguinte, relativo ao ensino primário, o que se justifica não é um plano de reforma ajustado à realidade nacional, mas um plano ideal e teórico, em que se coordenam, por uma espécie de celetismo, elementos e instituições discordantes, inspirados nos meios sociais mais diversos, como a Inglaterra, a Alemanha e os Estados Unidos. Com sua notável erudição pode Rui Barbosa reunir nesse trabalho parlamentar, - um volume de 378 páginas in 4º –, a mais completa documentação relativa às instituições de ensino em alguns dos países mais adiantados da época, e apresentada com aquela elegância e pureza de linguagem que eram peculiares ao grande orador e constituíram um de seus maiores atrativos.[84]

Os caminhos da educação, durante os primeiros tempos do regime republicano, foram marcados por uma série de reformas no ensino primário, secundário e superior, entre elas estão a Reforma Benjamim Constant (1890), Código Epitácio Pessoa (1901), Reforma Rivadávia Correia (1911) e a Reforma Maximiliano (1915). Benjamim Constant, que foi o primeiro a ocupar a Cadeira do Ministério da Instrução, Correios e Telégrafos, propôs uma reforma do ensino secundário, defendendo a laicização do ensino, tendo por base o iluminismo e o positivismo propagado por Augusto Comte[85] (1798-1857). O Colégio D. Pedro II, recebendo os reflexos dessa reforma, passou por modificações que alteraram seu nome para Ginásio Nacional e seu currículo, que priorizou as ciências. O Código Epitácio Pessoa permitiu a equiparação das escolas privadas de acordo com os programas do Ginásio Nacional. A Reforma Rivadávia Correia seguia princípios positivistas, admitiu o ensino livre e a realização de exames oficiais nas instituições de ensino secundário. Por sua vez, a Reforma Carlos Maximiliano estabeleceu a reorganização do ensino, instituiu o vestibular e priorizou bancas oficiais que deveriam fiscalizar os exames aplicados por educandários particulares.

As famílias cariocas, que desejassem ofertar à sua prole uma educação dita esmerada, tinham como opções colégios laicos ou religiosos. Entre os educandários procurados é possível mencionar o já tradicional Colégio Pedro II, Externato Aquino, Colégio Progresso, Colégio Santa Rosa, dentre outros. O Colégio Pedro II, que abriu suas

---

[84] AZEVEDO, Fernando de. **A cultura brasileira:** introdução ao estudo de cultura no Brasil. 3.vol – A transmissão da cultura, 4.ed. Brasília:Editora Universidade de Brasília, 1963, p.600

[85] Criou a doutrina positivista, que propagou, por meio das seguintes obras: “Curso de Filosofia Positiva”, “Política Positiva”, “Síntese Subjetiva” e “Catecismo Positivista”. Os três princípios fundamentais da doutrina positivista são leis dos três estados que, a saber, são: estado teológico, estado metafísico e estado positivo; classificação da ciência e religião da humanidade. O pensamento de Comte influenciou cientistas, políticos e educadores nos séculos XIX e XX. CAMBI Franco. **A história da pedagogia**. São Paulo: UNESP, 1999, p.466-472.

portas sob a égide Imperial, no ano de 1837, com a Reforma Benjamim Constant ofertou, ao alunado, um ensino de caráter enciclopédico, no qual se estudava ciências, línguas modernas, desenho, ginástica e música. Esse educandário servia como modelo de equiparação para todos os colégios que possuíssem o ensino secundário. Fundado por João Pedro de Aquino, em 1867, o Externato Aquino, enquanto instituição particular de ensino, adentrou no século XX como referencial para a formação da juventude do Rio de Janeiro. De raízes protestantes, o Colégio Progresso, fundado em 1878, por Eleanor Leslie, recebia, principalmente, meninas e ofertava o ensino primário e secundário. Por adotar métodos didáticos modernos, em voga nos Estados Unidos da América, recebeu elogios de Rui Barbosa.

Entre as congregações religiosas católicas, os Salesianos, denominados filhos de Dom Bosco, chegaram ao Brasil em 1883, destacaram-se por receber, em seus educandários, alunos abastados e carentes. A salesianidade fez-se presente com os oratórios festivos de Dom Bosco, escolas profissionalizantes e com o Colégio Santa Rosa, em Niterói, no Rio de Janeiro. Sobre as atividades dos Salesianos em solo brasileiro Freyre destaca:

> Poderia Cássio Barbosa de Resende ter observado outra deficiência: em nenhum dos colégios da época se iniciavam os meninos em qualquer arte ou ofício, deixando-se esse ensino exclusivamente para os liceus de artes e ofícios, para os patronatos, para os aprendizados de artífices. Aqui se deve destacar notável contribuição católica para o desenvolvimento da educação dos brasileiros: a representada pelos colégios salesianos, que foram estabelecidos no país nos fins do século XIX. Colégios do tipo do Santa Rosa, de Niterói; e onde aos estudos secundários se acrescentavam os de artes e ofícios diversos, segundo as mais modernas técnicas em vigor nessas artes e nesses ofícios[86].

A sociedade carioca, com todo o seu afã de progresso e modernidade, acabou por sentir a insensatez da Primeira Guerra Mundial, que fragmentou o ideal de harmonia entre as nações do globo. A nação brasileira atuou no conflito ao fornecer matérias-primas, alimentos, médicos e aviadores aos seus aliados, como Inglaterra, França e Estados Unidos da América. O ritmo voraz da modernidade aportou, também, na região do Amazonas, proporcionando que localidades como Manaus e Belém, entre 1890 a 1910, adentrassem em intenso vigor econômico, social, cultural e educacional. O “boom” da borracha, ocorrido antes da Primeira República, foi o fator que proporcionou o desenvolvimento material da região, gerou riquezas para os barões do látex, atraiu investidores estrangeiros e mão-de-obra nordestina que fugia da seca e pobreza em busca de melhores condições de vida.

Rivalizando com o soberano café, a borracha vivenciou, até 1910, o seu momento áureo, por ter sido responsável por 39% das exportações realizadas pelo Brasil para a Europa

[86] FREYRE, Gilberto. **Ordem e progresso**. São Paulo: Global, 2004, p.850.

e Estados Unidos da América. Com o intuito de transformar Manaus na Paris das Selvas, o poder público utilizou imensas somas de dinheiro no processo de urbanização da cidade, instalando iluminação elétrica, sistema de fornecimento de água, serviços de bondes, ferrovias, construção de teatros suntuosos, sistemas de telégrafos subfluvial e casas com pomares e jardins, que seriam habitadas por manauaras e estrangeiros abastados. Provenientes ainda do surto da *Hevea Brasiliensis* na cidade de Manaus, proliferaram as casas comerciais e bancárias, como:

> Casa Boüer, que era especialista na venda de charutos; Casa Ronaix e Cia., que vendia a moda vinda de Paris; Fábrica de Águas Gasosas de Andrade e Irmão; Farmácia Cesário; Bazar Amazonense, onde vendia vestuários; O Novo Mundo, que vendia artigos femininos; High Life Bar, local onde se reuniam políticos e intelectuais para beber xerez com farinha de tapioca; o Grande Hotel, hospedaria mais luxuosa da cidade; Joalheria Riberto e Pelosi, que vendia os melhores diamantes e a filial London Bank For South América, que comercializava borracha.[87]

Entre os nomes que acumularam abundantes riquezas com a cultura do látex estão: J. G. Araújo, que contava com uma gerência especial no London Bank, para financiar seus investimentos diversificados, como por exemplo, os cinemas; Nicolas Suarez, denominado o Rockfeller da borracha, que passeava pelas ruas de usando carruagens luxuosas; e Júlio César Araña, proprietário de vastos seringais, que chegou a ser acusado de torturar e assassinar índios. O luxo que proliferava na cidade de Manaus é destaque na pena de Freyre, quando descreve a vida do novo rico:

> Mais uma vez a Amazônia, com a sua farta economia da borracha, fazia sombra a todos os outros Estados. Já Manaus tivera com efeito, bonde elétrico, antes das capitais do Sul, afora o Rio e São Paulo. Bonde elétrico, praças asfaltadas, porto eletrificado – tudo antes de outros Estados exetuado o de São Paulo, se aventuraram a essas inovações grandiosas. O Teatro Amazonas já era "o mais belo e o mais importante teatro em todas as Américas": generalização do então ingênuo Arthur Coelho que sabemos, por depoimentos orais de outros brasileiros dentre os mais sofisticados que, na mesma época, emigraram de Províncias do Sul para Manaus, ter sido impressão de quase todos.[88]

Sob o florescimento do ciclo da borracha, a vida cultural de Manaus conheceu trabalhos de literatos e cineastas que retratavam, em suas obras, o cotidiano de uma cidade que procurava acompanhar, de maneira ávida, os rastros da modernidade. Entre os literatos destacaram-se o amazonense Paulino de Brito (1858-1919), que por meio do poema "Rio Negro", retratou as especificidades da região amazônica e o português Ferreira de Castro (1898-1974), com o romance "A selva", na qual expõe a dura realidade vivida pelos

[87] Ver obra de SOUZA, Márcio. **Silvino Santos. o cineasta do ciclo da borracha. Rio de Janeiro:** Funarte, 1999.
[88] FREYRE, Gilberto. **Ordem e progresso:** São Paulo: Global, 2004, p.651.

seringueiros. O cinema, arte por excelência da civilização moderna, ganhou grande incentivo pelos barões do látex, como Júlio César Araña e J.G. Araújo, que financiaram documentários com intuito de registrar o cotidiano de suas propriedades. O português Silvino dos Santos (1886-1970) foi a figura de maior expressão no cinema manauara, apoiado pelos dois referidos barões do látex, aperfeiçoou seus dotes cinematográficos no Estúdio Pathé-Frères, em Paris, e deixou um importante legado de documentários e filmes, a saber: "Paiz das Amazonas", "Terra Encantada", "No Rastro do Eldorado", "Miss Portugal", "Terra Portuguesa" e "Santa Maria da Vila Amazônia"[89].

Paralelo ao embelezamento da cidade de Manaus e o cultivo das artes e da cultura, a educação foi o meio que possibilitou, aos filhos da elite, adquirirem uma formação que lhes permitissem galgar posições e prestígio social. Com poucas ofertas de escolas, os barões do látex e comerciantes abastados enviavam sua prole para estudar na Europa ou nos Estados Unidos da América. A influência militar na educação amazonense destacou-se com as ações do Tenente-Coronel Joaquim Eulálio Gomes da Silva Chaves, que promoveu esforços para a criação da Escola Livre de Instrução Militar do Amazonas, em 1908. Com o intuito de instalar o ensino superior em Manaus, o Tenente-Coronel Joaquim Eulálio Chaves transformou a Escola Livre de Instrução Militar em Escola Universitária Livre de Manaus, denominada, posteriormente, de Universidade Manaus, que abriu suas portas no dia 15 de março de 1910. Menezes, em sua obra "História da Faculdade de Direito do Amazonas", tece linhas quanto a instalação da Universidade de Manaus:

> Empossados o Diretor Geral e o Vice-diretor da Escola Universitária Livre de Manaus e os Diretores e Vice-diretores da Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais, da Faculdade de Medicina, da Faculdade de Engenharia, da Faculdade Militar e da Faculdade de Ciências e Letras, a Congregação tratou de marcar a data de 15 de março de 1910 para a instalação dos cursos, com o início subseqüente das aulas. [...] Às quatorze horas do dia 15 de março, na sede da Escola Universitária Livre de Manaus, na rua Saldanha Marinho, nº 91, presentes autoridades, lentes e fundadores da Escola, levou-se a efeito a sessão magna de instalação e abertura dos cursos da Universidade de Manaus. Abrindo os trabalhos, o governador Antonio Bittencourt pronunciou incisiva oração, reiterante sua adesão à sublime causa da instrução superior. Discursou, aludindo ao ato, o dr. Simplício Coelho de Rezende. Falou, então, o orador oficial, dr. Regalado Batista.[90]

A cidade de Manaus, a partir de 1910, assistiu desmoronar o império da borracha, uma vez que, as colônias Britânicas situadas na Ásia começaram a exportar látex ultrapassando o Brasil como líder do mercado mundial.

---

[89] SOUZA, Márcio. **Silvino Santos. o cineasta do ciclo da borracha**. Rio de Janeiro: Funarte, 1999, p.79-82.
[90] MENESES, Anderson de. **História da Faculdade de Direito do Amazonas**. Manaus, 1959, p.47-48.

Cruzando o Rio de Janeiro e Manaus o ritmo festivo da Belle Époque trouxe sua "dolce vita" para Fortaleza, que passou a vivenciar a idéia de prosperidade. A cidade de Fortaleza, na passagem do século XIX para o século XX, adentra em uma forte modernização, que se faria sentir no traçado de praças, ruas, casas, teatros, cafés, lojas, cinemas e educandários. Essa modelação da cidade e de seus costumes seguiria, também, o padrão francês de cultura, que forneceriam, às elites, a possibilidade de viver e sentir o que havia de mais moderno e requintado para a época. Acompanhar essa modernização era estar atento ao que houvesse de mais novo em várias esferas: econômica, política, tecnológica, urbana, cultural e educacional. A intensa produção algodoeira cearense, a partir da década de 1860, possuindo em Fortaleza o principal centro coletor e distribuidor do produto, gerou um forte acúmulo de capital financeiro, que possibilitou, aos novos atores do poder econômico da cidade, adquirir um novo imaginário, baseada no progresso, civilização e modernidade. A importância do algodão na economia cearense é enfatizada por Girão:

> Durante a safra, o comércio da capital apresentava uma animação extraordinária: ruas e praças cheias de animais que tinham transportado do interior os fardos de algodão; lojas apinhadas de comboeiros, de freiteiros, de donos de mercadorias, cada qual com o seu rol de encomendas, a comprar o necessário e o supérfluo. A notícia da grande produção do algodão em breve atraiu, de outros pontos do Brasil e da Europa, especuladores que fundariam novas casas comerciais. Era a idade de ouro. Em 1866, na cidade de Fortaleza, foram vendidos 2.066.673 quilogramas de algodão a 26$000 os 15 quilogramas, o maior preço que atingiu.[91]

Os novos atores sociais que emergiram com o crescimento da cultura algodoeira eram pessoas ligadas ao comércio de importação e exportação e profissionais liberais, como bacharéis, médicos, engenheiros, jornalistas, literatos, padres, professores e outros, que, em sua maioria, oriundos de famílias abastadas da capital e do interior cearense, iam cultivar seus dotes intelectuais e entrar em contato com a modernização em centros de ensino superior espalhados pelo Brasil e no Exterior. Era, precisamente, no Rio de Janeiro, Londres e Paris, que as já mencionadas idéias de progresso, civilização e modernidade seriam absorvidas e difundidas por estes jovens intelectuais, que adotando o estilo de vida burguês, trariam para Fortaleza idéias que transformariam o cotidiano da cidade. Fortaleza passou a viver maiores transformações urbanas a partir de 1870, sendo que, ao adentrar nesta década, já podia contar com calçamentos em algumas ruas centrais, rotas de navios a vapor para a Europa e Rio de Janeiro e iluminação a gás carbônico. Nesse período, eram conhecidas as ruas Formosa e do Cajueiro, atualmente denominadas Barão do Rio Branco e Pedro Borges, respectivamente.

---

[91] GIRÃO, Raimundo. **Evolução histórica cearense**. Fortaleza: BNB/ETENE, 1985, p.159.

Adolfo Herbster, engenheiro pernambucano contratado como Diretor das Obras da Província do Ceará e designado arquiteto pelo Presidente da Câmara Municipal de Fortaleza, deu início ao plano que visava a expansão da cidade, através do alinhamento de ruas e aberturas de novas avenidas. Como se fosse um novo Barão de Haussmann, Herbster lançou a proposta de criar três boulevards, que correspondem, hoje, às avenidas Dom Manuel, Duque de Caxias e Imperador. O plano de Herbster visava ofertar à cidade de Fortaleza uma estrutura que facilitasse o fluxo de pessoas e mercadorias, em uma economia crescente. As atividades exercidas por Herbster são destacadas nas páginas de Girão:

> São de sua autoria outrossim, os planos e desenhos do Paço da Assembléia Legislativa (hoje Palácio Senador Alencar, sede da Academia Cearense de Letras), cujas obras inicialmente (1856), estiveram sobre a responsabilidade do empreiteiro Joaquim da Fonseca e Silva. Interrompidas mais uma vez, acabaram entregues exatamente a quem as havia projetado. De fato, em 1867, Herbster contratou com o governo os serviços finais de carpintarias, marcenarias, pintura, estucamento, decoração e alvenaria dos pavimentos térreo e superior do prédio que foi concluído em março de 1871. Em 4 de julho seguinte, podiam os legisladores provinciais sentar-se nas cadeiras de sua nova sede, condigna e própria, após tantos anos de desconforto, quando funcionava a Assembléia em casas emprestadas e inadequadas.[92]

A urbanização intensificou-se em Fortaleza, a partir de 1880, através da implementação de vários serviços e equipamentos urbanos, a saber: transporte coletivo por bonde de tração animal, construção do primeiro pavimento do Passeio Público, instalação do cabo submarino para a Europa, serviço telefônico, fundação da fábrica de tecido e fiação, instalação do Asilo de Mendicidade, instalação de caixas postais. Na mesma década, a elite política de Fortaleza teve sua vida sócio-educacional e cultural mobilizada pela criação do Instituto Histórico e Geográfico do Ceará, Academia Cearense de Letras, criação do jornal Libertador, Seminário da Prainha, Colégio da Imaculada Conceição e a Escola de Aprendizes de Marinheiro. Os três últimos já existiam desde 1864.

Fortaleza ingressou no século XX com crescimento econômico, instalação de novos serviços e equipamentos urbanos que a inseriam como uma importante cidade. Com efeito, estando situada na Primeira República, tornou-se sede do poder político, econômico e social do Estado do Ceará. A já diversificada estrutura urbana fez com que os poderes públicos, respaldados pelo apoio técnico-científico das instituições de saber, desenvolvessem, ao longo da década de 1900, uma nova série de intervenções que expandissem, ainda mais, a urbanidade, o embelezamento e o saneamento da cidade. O Poder Municipal, agindo na tentativa de tornar realidade estes objetivos, passa, então, a reformar e implantar jardins,

[92] GIRÃO, Raimundo. **Geografia estética de Fortaleza**. Fortaleza: BNB, 1959, p.98.

cafés, coretos, monumentos, logradouros da cidade e a construir prédios que seguissem as linhas e formas arquitetônicas em voga nas maiores cidades européias e brasileiras.

Essa vontade de transformar a cidade com áreas modernizantes fez-se sentir nas ações do prefeito Guilherme Rocha, que, desejando conferir à capital obras públicas de maior amplitude, remodelou a Praça do Ferreira (1902), a Praça Marquês de Herval (1903), os cafés Java, Elegante, Iracema e do Comércio, que, construídos nas décadas de 1880 e 1890, constituíam-se pontos de encontro de intelectuais e de pessoas refinadas da sociedade cearense. Girão mostra a importância dos cafés na vida intelectual de Fortaleza, quando destaca:

> Inúmeros, os escritos e conceitos acerca da "bela e curiosa aventura", nascidas das bancas do Java como estuante florescência do mês de maio de maio de 1892 e que viria murchar em 1898. Mas tudo para demonstrar que ela alcançou inexcedível altitude na vistosa serrania da literatura do Ceará. A abertura de outros cafés e de algumas livrarias proporcionou, bem se pode compreender, a formação de pequenos blocos de habitués – intelectuais, boêmios, caixeiros, políticos, estudantes, que se compraziam matando o tempo, em bate-papo sem hora marcada, nem hora do dia prefixadas.[93]

A partir de 1910, apareceram os primeiros automóveis na capital e ainda são implementados o Theatro José de Alencar e os bondes elétricos. Nessa mesma década, a expansão do fluxo urbano aumentou nos bairros mais próximos e nas áreas que se formavam em torno das principais vias de saída e entrada da cidade, atingindo, principalmente, o perímetro central de Fortaleza. A movimentação maior concentrava-se na Praça do Ferreira, local de grande afluxo de pessoas, ponto de estacionamento de carros de aluguel e de bondes. O processo de modernização da cidade encontrou, no Prefeito Idelfonso Albano, um grande incentivador que, a passos largos, substituiu vielas por avenidas e construiu a Avenida Alberto Nepomuceno. A imagem reformadora de Idelfonso Albano é mencionada por Girão, quanto cita:

> Fora um reformador àquele tempo, procurando modernizar a cidade, ajardinando novas praças e rasgando avenidas, onde só existiam vielas. Fez do antigo Largo do Palácio (Praça General Tibúrcio) atraente logradouro, para o que teve de demolir diversos prédios, com o objetivo de retificar os alinhamentos. A descida do centro da cidade para a praia, então mal empredada, estreita e tortuosa, foi transformada em larga avenida, arborizada e pavimentada a paralelepípedo – Avenida Alberto Nepomuceno.[94]

A Belle Époque, em Fortaleza, como em outras capitais do Brasil, viu acontecer uma série de transformações que levaram a elite a criar instituições onde pudessem adquirir e

[93] Idem. Ibidem, p.185
[94] Idem. Ibidem, p.250.

exercer o refinamento compatível com sua atuação na sociedade. Com o imaginário voltado para a ordem e progresso, fazia-se necessário que o cidadão fosse portador de uma cultura erudita, que o levasse a desempenhar funções importantes na vida pública e privada. Dentre as instituições de relevante produção intelectual desse período, destacou-se o Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará, fundado a 3 de março de 1887,tendo a frente doze consórcios dentre os quais podemos destacar Padre João Augusto da Frota, Paulino Nogueira Borges da Fonseca, João Batista Perdigão de Oliveira, José Sombra e Júlio Cesar da Fonseca Filho. A produção do Instituto Histórico foi marcada pelo ecletismo pois seus membros escreviam sobre história, geografia, política, botânica, cultura popular, literatura, civismo, antrolologia, dentre outros assuntos sempre estampados em seu periódico intitulado, Revista do Instituto Histórico do Ceará, que passou a ser editado a partir de 1887. Os membros do Instituto Histórico do Ceará exerceram atividades docentes em várias instituições escolares de âmbito público e privado como a saber, Dr. Thomaz Pompeu de Sousa Brasil Filho, que atuou no Liceu do Ceará e na Escola Normal; Antônio Theodorico da Costa Filho, que lecionou no Liceu do Ceará e Instituto de Humanidades; Dr. Antônio Augusto de Vasconcelos, ensinou na Escola Militar do Ceará. É a instituição escolar que, durante este período, vai exercer um importante papel, ofertando ao alunado um processo educativo que propunha combater a rusticidade, a ignorância e a inércia, colocando o educando em contato com as idéias avançadas da civilização ocidental. Nesse sentido, o ensino seria ministrado através de instituições escolares de caráter público e privado, como por exemplo, o Liceu do Ceará, o Seminário da Prainha, o Atheneu Cearense, Colégio da Imaculada Conceição, Escola Normal, Escola Pio X, Escola Nossa Senhora do Carmo, Instituto Miguel Borges, Colégio Colombo e o Instituto de Humanidades. No ensino superior destacou-se a Faculdade de Direito do Ceará, fundada em 1903, reduto de debates sobre as idéias evolucionistas, positivistas, cientificistas e tradicionalistas.

Nesse ínterim, eram utilizados, nas escolas primárias cearenses, o manual “Lições de Coisas”, de Normam Calkins, além dos livros de Hilário Ribeiro, Felisberto de Carvalho e a gramática de João Ribeiro. É preciso enfatizar que a circulação de periódicos e revistas escolares ocorriam com intensidade nos educandários cearenses, como “A Revista Escolar”, do Instituto de Humanidades; “O Trabalho”, do Colégio Colombo; “O Átomo”, da Classe

Estudantal Cearense; “Aprendiz Artífice”, da Escola de Aprendizes de Marinheiros”; e “Gazeador” e “Idéia”, do Colégio Cearense, dentre outros.[95]

Estes educandários cearenses, vivenciando as idéias de modernidades propagadas pela Belle Époque e imaginário cívico-patriótico republicano, ministravam o ensino para boa parte de crianças e jovens que provinham de família de burocratas, profissionais liberais, fazendeiros, comerciantes e industriais que queriam com isso ofertar sua prole uma educação adequada ao mundo que se modernizava. Dentre os educandários procurados pela elite, por ter uma proposta de ensino renovada, estava o Instituto de Humanidade do professor Joaquim da Costa Nogueira.

[95] NOBRE, G.S. **Introdução à história do jornalismo cearense**. Fortaleza: Gráfica Editorial Cearense Ltda., 1975. pp.128-131.

3 – INSTITUTO DE HUMANIDADES: GÊNESE, TRAJETÓRIA E FUNCIONAMENTO

3.1 O processo de criação do Instituto de Humanidades

Para melhor compreender o trajeto histórico do Instituto de Humanidades, faz-se mister situar sua origem. O primeiro Instituto de Humanidade, em Fortaleza, abriu suas portas em 01 de fevereiro de 1879, para as aulas de primeiras letras e, no dia 15 do referido mês, para os alunos do preparatório. Os padres dirigentes do educandário, Monsenhor Bruno Figueiredo e João Cordeiro da Cruz Saldanha, instalaram as atividades escolares em dois endereços: Rua Senador Pompeu, nº 172 e, depois, na Rua de Baixo, hoje Conde D'Eu. Para sua clientela os eclesiásticos ofereciam, ainda, internato, semi-internato e externato, que custavam, respectivamente "40$000, 20$000 e de 5$000 por aula, 8$000 por duas, 11$000 por três e 13$000 por quatro"[96]. O cotidiano do educandário foi marcado por festividades em prol do movimento abolicionista e, entre as atividades pedagógicas, os alunos eram incentivados a produzir textos que eram estampados no jornalzinho do estabelecimento, denominado "Filomático". Monsenhor Bruno Figueiredo, no ano de 1884, transferiu o educandário para os padres Antônio de Souza Barros e Antônio Lopes de Araújo, que exerciam o sacerdócio no Seminário da Prainha. Com a nova direção, o educandário passou a se chamar Colégio São Luís.

Outro educandário, que ganhou o mesmo nome de Instituto de Humanidades, foi o instalado pelo cônego Vicente Salazar da Cunha, Padre Liberato Dionísio da Costa e Dr. Antônio Augusto de Vasconcelos. O cônego Salazar da Cunha tinha experiência educacional, uma vez que, atuou como professor na cadeia pública, e Dr. Antônio de Vasconcelos[97], além de lecionar na Escola Militar, fundou Gabinetes de Leitura e Associações Culturais, como por exemplo, o Instituto Histórico do Ceará.

Tendo sido fundado em 07 de janeiro de 1892 e iniciado suas atividades letivas a 15 de janeiro do mesmo ano, o estabelecimento de ensino funcionou na Rua Sena Madureira, nº 113, ofertando internato, semi-internato, externato e tinha o programa do seu curso

[96] GIRÃO, Raimundo. **Evolução histórica cearense**. Fortaleza: BNB/ETENE, 1985, p.413.

[97] Maiores detalhes sobre o Dr. Antônio Augusto de Vasconcelos consultar as seguintes obras: STUDART, Guilherme Chambly. **Dicionário bibliográfico cearense**. 2.ed. Fortaleza: Tipografia Progresso, 1980, p.164-166; VASCONCELOS, Abner de. **Perfil de educador:** Antonio Augusto de Vasconcelos. Rio de Janeiro: Gráfica Editora Aurora Ltda., 1955.

secundário equiparado ao Ginásio Nacional (Rio de Janeiro), cuja denominação anterior era Colégio Pedro II. O corpo docente que atendia ao alunado era composto por "Dr. José Carlos Ribeiro Júnior, Dr. Antônio Augusto, Dr. Helvécio Monte, Dr. Antônio Epaminondas da Frota, Padre Justino Domingues da Silva, Júlio César da Fonseca Filho e Vicente Salazar"[98].

Tendo sido nomeado para assumir funções eclesiásticas na Paróquia de Maranguape, o cônego Salazar da Cunha entrega a direção de seu educandário aos cuidados do padre José Barbosa de Jesus, que transfere o educandário para a Rua Barão do Rio Branco, nº 108.

O terceiro Instituto de Humanidades, que constituiu o objeto de pesquisa dessa dissertação, surgiu, também, em Fortaleza, sendo aclamado pela sociedade cearense como um dos mais conceituados educandários privados do período. O referido educandário foi idealizado e organizado através dos esforços do professor Joaquim da Costa Nogueira, que inaugurou suas atividades escolares sob o alvorecer de 15 de janeiro de 1904, funcionando, inicialmente, na Rua da Assembléia, nº 33, e depois, na rua Barão do Rio Branco, nº 88, transferindo-se, em 1910, para a Rua Sena Madureira, nº 113/113-A, onde permaneceu até o ano de 1914.

Segundo Castelo:

> Mais tarde, aparece na mesma Rua da Assembléia, nº 33 (antigo), o Instituto de Humanidades, do professor Joaquim da Costa Nogueira, inaugurado em 25 de janeiro (1904), mas sem tardança transferido para Barão do Rio Branco, prédio que tem, modernamente, o n. 936. É o sobrado em que residiu e faleceu, nesse aludido ano de 1904, o conselheiro Rodrigues Júnior. Na parte térrea, por muito tempo estiveram as oficinas do jornal O Cearense, órgão do partido por este chefiado.[99]

O professor Joaquim da Costa Nogueira nasceu na Vila de Aquirás, a 28 de dezembro de 1866, cujos pais foram o major Joaquim da Costa Nogueira e D. Mariana de Freitas Nogueira. Suas atividades estudantis iniciaram quando matriculou-se na escola pública de Pacatuba, em 1877, para cursar o ensino de primeiras letras, sob os auspícios da professora Maria Fidelina Ferreira Gomes. Passados quatro anos, Joaquim Nogueira efetua matrícula, a 07 de fevereiro de 1881, no primeiro Instituto de Humanidades, dirigido pelos padres Bruno Figueiredo e Cruz Saldanha. No Liceu do Ceará, realizou os cursos preparatórios com o intuito de cursar a Faculdade de Direito, em Recife, onde matriculou-se,

---

[98] GIRÃO, Raimundo. **Evolução histórica cearense**. Fortaleza: BNB/ETENE, 1985, p.418-419.

[99] CASTELO, Plácido Aderaldo. **História do ensino no Ceará**. Monografia nº 22. Coleção do Instituto do Ceará. Dep. Impressa Oficial, 1970, p.260. **Observação**: A data de inauguração do Instituto de Humanidades, nas obras de Plácido Castelo e Raimundo Girão, mencionadas acima, está equivocada. De acordo com o Anuário Cearense, de 1912, produzido e editado pela Tipografia Escolar do Instituto de Humanidades, a data que corresponde à inauguração do educandário é 15 de janeiro de 1904. Ver: NOGUEIRA, José Mendonça (Org.). **Anuário Cearense para 1912**. Ano 1, Fortaleza: Typ. Escolar.

em março de 1886, tendo que deixar seus bancos devido o falecimento de seu pai. Retornando ao Ceará, Joaquim Nogueira atuou em diversas profissões, a saber:

> Fiel do almoxarifado dos gêneros do governo, em Fortaleza, por nomeação de 7 de agosto de 1889; desenhista da commissão de açudes de Quixadá, por portaria de 27 de agosto de 1890, em que conservou até 1 de dezembro de 1896, quando foi extincto o dito cargo; tabelião de notas e escrivão do cível e crime do termo de Baturité, por concurso e nomeação de 28 de outubro de 1898. Tendo feito desistência dos officios, foi esta acceita por acto de 4 de setembro de 1905.[100]

Além dessas profissões, atuou, ainda, no magistério, tendo fundado, em Quixadá, no ano de 1897, o Colégio São Luiz Gonzaga e, em Baturité, o Ginásio Baturiteense, em 1898. No Liceu do Ceará, ocupou a cátedra de Desenho, que lhe trouxe dissabores pessoais e profissionais. Sempre movido pelo seu espírito dinâmico e criativo, fundou a Tipografia Escolar, em 1910, que funcionava ao lado do Instituto de Humanidades; editou a Revista Escolar, de 1904 a 1914, que continha, estampadas em suas páginas, os métodos pedagógicos postos em prática no educandário; publicou o livro Ano Escolar, de 1908 e 1910, que consistia numa edição compacta das principais lições que figuravam na Revista Escolar. Ainda, em 1910, publicou as denominadas Lições Progressivas de Primeiras Letras e o Ceará Intelectual[101]. As atividades pedagógicas desenvolvidas pelo mestre-escola Joaquim da Costa Nogueira ganharam reconhecimento pelas autoridades civis, sendo o seu livro, Ano Escolar, de 1921, adotado nas escolas públicas de ensino primário cearense, no governo de Justiniano de Serpa, sendo prefaciado pelo jurista Clóvis Beviláqua, tendo como editores Leite Ribeiro e Maurillo, no Rio de Janeiro. Além de autoridades civis, o educador ganhou o reconhecimento, ainda, de colaboradores, docentes e discentes, como é possível destacar na memória de Espíndola, ex-discente do Colégio Nogueira, antigo Instituto de Humanidades:

> Lembro-me muito bem dele, e tenho sua fotografia, a mim oferecida, com palavras de amizade. Por isso, faço-lhe o esboço sob análise da psicognomia: acentuadamente meticuloso e amante da ordem e da disciplina. Poder de comando. Dava importância a questões pequenas. Obstinado. Caráter forte. Vontade firme. Amor ao trabalho. Antes de uma decisão, o pensamento funcionava muito. Desejo de ver o mérito próprio reconhecendo pelos outros. Econômico. Não otimista. Desconfiado. Leal. Tendência para as ciências exatas, sobretudo a Matemática. Corajoso. Evitava o conforto, a fim de realizar os projetos traçados. Cauteloso porém não timorato. Vaidoso no campo intelectual. De hábitos simples, infesos às imposições sociais. Dominava bem o Português, a Geografia, a História, o Desenho e a Matemática. Didata às completas, usava métodos próprios. Gozava elevado

[100] STUDART, Guilherme Chambly. **Dicionário bibliográfico cearense**. Volume segundo. Fortaleza: Typo Lithografia a vapor, 1913, p.15-16.

[101] O "Ceará Intelectual", organizado e editado pelo professor Joaquim da Costa Nogueira correspondeu a um extrato do livro Ano Escolar, de 1910. O Ceará Intelectual apresentava 88 páginas sobre assuntos variados, que permitiam reflexão a respeito da vida literária cearense. Para maiores detalhes, consultar: BARREIRA, Dolor. **História de literatura cearense**. 2º tomo, parte I. Coleção do Instituto do Ceará, Imprensa Oficial do Ceará – IOCE, 1987, p.432-439.

> conceito na área do ensino escolar. Criou e dirigiu a Revista Escolar e o livro Ano Escolar, este publicado em 1920. A primeira publicação circulou durante mais de doze anos, com excelentes trabalhos. O livro foi prefaciado pelo eminente jurista Clóvis Beviláqua.[102]

Plácido Castelo, ex-docente do Colégio Nogueira, quanto a imagem do mestre-escola reforça ainda:

> O mestre-escola apurou os dons e vocações, e consagrou-se. Os seus métodos de transmitir conhecimentos revolucionaram o didatismo local, superando formas e noções obsoletos que a inércia conservadora persistia em aplicar. A fértil imaginação do reformador não parava de encontrar maneiras e meios de atrair o real interesse do aluno e prendê-lo ao estudo, habituando-o, prazerosamente, à execução dos deveres escolares. Arquitetara o originalíssimo "Baralho Aritmético", em cujo o manejo se exercitava prodigiosamente o aprendiz nas agilidades do cálculo mental. Com o desenho e a caligrafia, pela sua inteligente técnica, de pronto se familiarizavam os que os ouviam. As competições, os concursos e jogos de espírito de toda a sorte estimulavam a seleção e os vitoriosos eram alvo das mais engenhosas honrarias e premiações. Os trabalhos selecionados iam para as páginas da Revista Escolar, órgão oficial do Instituto, e dava gosto ver os meninos e os moçoilos empenharem-se no apresentá-la digna da melhor leitura.[103]

Entre 1904 a 1914, o professor Joaquim Nogueira estabeleceu contatos com grupos de intelectuais cearenses, ocupando a direção da Revista Bric-à-Brac[104] e acompanhou a vida política fortalezense, exercendo críticas ao governo de Nogueira Accioly[105]. O matrimônio, estabelecido em 1891, com a Sra. Olívia Pinto de Mendonça, proporcionou, ao mestre-escola, o filho único, José de Mendonça Nogueira, que tornou-se seu braço direito nas atividades escolares e tipográficas. José Nogueira fundou o jornal O Bandeirante, em 1912, e atuou no Grupo Dramático João Caetano, em Fortaleza. A perda do filho, assassinado, a tiros, no dia 28 de outubro de 1914, em frente ao Clube dos Diários, em Fortaleza, contribuiu para que o educador sofresses revés, pois as atividades do educandário, da tipografia e a circulação da Revista Escolar foram suspensas, até o ano de 1918, quando o professor Joaquim Nogueira

---

[102] ESPÍNDOLA, Itamar. Professor às completas. In: **Revista do Instituto do Ceará**. Fortaleza, v.105, 1991, p.91-04.

[103] CASTELO, Plácido Aderaldo. **História do ensino no Ceará**. Monografia nº 22. Coleção do Instituto do Ceará. Dep. Impressa Oficial, 1970, p.260-261.

[104] Revista Bric-à-Brac, de publicação mensal, surgiu a 22 de janeiro de 1905, sendo editada pela tipografia América. O corpo de redação dessa revista literária era composto por: Joaquim da Costa Nogueira, diretor; Vicente de Arruda Gondim, Secretário; Junqueira Guarani, Gerente e Américo Facó, diretor literário. Como colaboradores, em suas páginas, atuaram Américo Foco, Irineu Filho, Meira Filho, Junqueira Guarani e Mário Linhares. Ver para maiores detalhes: BARREIRA, Dolor. **História da literatura cearense**, 2 tomo, parte I, Coleção do Instituto do Ceará, Imprensa Oficial do Ceará (IOCE), 1987, p.186-188.

[105] Antônio Pinto Nogueira Accioly, natural de Icó, atuou na vida pública cearense exercendo o cargo de promotor de justiça, em Icó, Juiz de Direito, em Fortaleza e consolidou-se na política, como deputado, vice-presidente da Província e, por fim, Presidente do Estado do Ceará, nos anos de 1896 a 1900; 1904 a 1908; 1908 a 1912. Sob acusação de criar um governo oligarqua, no Ceará, foi deposto a 24 de janeiro de 1912. No grupo de seus opositores estavam políticos, jornalistas, intelectuais, educadores, como a saber: João Brígido, Francisco de Paula Rodrigues, Frota Pessoa, Américo Foco, dentre outros. Para maiores detalhes, ver: MOTA, Aroldo. **História política do Ceará:** 1889-1930. Fortaleza: Stylus Comunicações, 1987, p.111-183.

volta a atuar com um curso de aulas primárias, que receberia a denominação de Colégio Nogueira[106], funcionando na Rua General Sampaio, nº 280. Na tinta do memorialista Oliveira, ex-aluno do educandário:

> O horário do colégio era de 11 às 15 horas, ou de 11 às 13 horas, apenas, para os que, como nós, não tinham estada. Antes de 11 horas, o professor Nogueira, apito à bôca, dava o sinal para os alunos entrarem em forma, obedecendo à ordem de "ano" e de classificação do mês[107].

A psique do professor Joaquim Nogueira, angustiada com o assassinato do filho e a impunidade do crime, recebe o golpe de misericórdia, quando lecionando na cátedra de desenho no Liceu do Ceará, detectou uma falsificação na sua caderneta de notas, citamos as linhas traçadas pelo Monsenhor Quinderé:

> Posteriormente, a mesma coisa se fez na caderneta de desenho do prof. Joaquim Nogueira. Tinha ele o cuidado de registrar, numa caderneta particular de bolso, a nota que dava no livro da chamada. Conversou comigo a esse respeito, muito indignado, e me disse que estava decidido a requerer um inquérito. Era na Interventoria Carneiro de Mendonça. Nogueira, obtemperei, não dê esse passo, porque inquérito e dinheiro de quem morre ninguém pode saber aonde vai parar. "Você não requereu, você não agiu, porque é insensível" – disse ele. "Eu não sou é galo de briga", respondi. Carneiro de Mendonça, despachando o requerimento, nomeia o sisudo e austero João Hipólito para instaurar o inquérito, o qual, por cautela traz um escrevente da sua confiança. Resultado: Apurou-se que o autor da falsificação fora o próprio prof. Nogueira, que, como todos sabem, era um homem incapaz de tamanha indignidade! De maneira alguma se podia atribuir ao veterano aquela farsa. Mas, o certo é que o Interventor publicou um decreto com diversos considerandos, dos quais o último assim rezava: "Tratando-se de um cidadão que prestou relevantes serviços à instrução pública estadual, resolve não demiti-lo a bem do serviço público, mas aposentá-lo com o tempo de serviço que se apurar". Nogueira foi arrebatado por violento choque traumático, perdeu a fala, e morreu logo após.[108]

O falecimento do prof. Joaquim Nogueira, em 21 de julho de 1935, repercutiu na imprensa local, tendo o jornal Gazeta de Notícias publicado, em suas páginas, o convite de sua missa de 7º dia e uma homenagem de um ex-aluno do Instituto de Humanidades.

Sidney Neto relembra momentos de convivência com o mestre-escola:

---

[106] Colégio Nogueira é a denominação que o antigo Instituto de Humanidades adquiriu, a partir de 1918, quando o professor Joaquim da Costa Nogueira retoma suas atividades de mestre-escola, em Fortaleza, ao inaugurar curso de aulas primárias, que funcionou na Rua General Sampaio, nº 280. No ano de 1925, o mestre-escola reedita a Revista Escolar, que passou a ter como redatores Plácido Aderaldo Castelo e João Perboyre e Silva. Para maiores informações ver: OLIVEIRA, João Hipólito Campos de. Reminiscências escolares – Colégio Nogueira. In: **Revista do Instituto do Ceará**, 1959.

[107] OLIVEIRA, João Hipólito Campos de. Reminiscências escolares – Colégio Nogueira. In: **Revista do Instituto do Ceará**, 1959, p.388.

[108] QUINDERÉ, Monsenhor. **Reminiscências**. 3.ed. Fortaleza: Edições UFC, 1988, p.80.

> O professor Nogueira era, realmente, um general e um sábio. Foi ele o primeiro que comandou na minha infância descuidada, o meu pequeno batalhão de crianças, onde os meus pequeninos olhos inquietantes procuravam ver qualquer coisa de novo além, um ponto, um apoio, um caminho, por onde pudesse guiar a minha vida pobre e meu destino incerto. Realmente, eu pagava menos do que os outros da minha classe, no seu colégio porque, talvez, fosse o aluno mais necessitado. Era uma concessão que sua generosidade fazia aos meus pais e que ainda hoje a bendigo, porque não esqueço nunca nem o bem nem o mal que alguém me faz! [...] Como eu, sei que nessa hora está pensando metade de uma geração que sempre recebeu de seu lábio, celado agora com a morte, uma missão construtora, um exemplo edificante, uma palavra pura, e um pensamento são.[109]

Certamente, o professor Joaquim Nogueira, apesar do revés de ter perdido seu rebento e das perseguições movidas pelo Interventor Carneiro de Mendonça e do prof. João Hippolyto de Azevedo e Sá, conseguiu consolidar a imagem do Instituto de Humanidades perante a sociedade cearense, como um educandário que tinha sua organização escolar apta a formar os educandos no ideal de ordem, progresso e modernidade, tão propagados pela República.

3.2 Considerações pedagógicas, organização escolar, programas de ensino e manuais escolares

O Instituto de Humanidades, educandário particular, que durante a década de 1904 a 1914, na qual manteve suas portas abertas, vivenciou uma série de mudanças que, oriundas das idéias republicanas, liberais e positivistas, impactaram o imaginário da sociedade cearense, como a saber, a crença na educação como um dos principais caminhos para resolver os problemas sociais do Brasil. A educação para ser considerada eficiente, nesse momento, deveria adotar uma cultura escolar[110] pautada por formar o cidadão no conhecimento dos seus direitos e deveres cívicos, tornando-o, assim, apto a participar do progresso social e moral da nação.

---

[109] Jornal Gazeta de Notícias, Fortaleza, 23 de julho de 1935, p.1.

[110] Cultura Escolar: "categoria de potencial analítico que está ancorado, por um lado, na articulação dos diversos elementos constitutivos da experiência escolar que se propõem, e, de outro, na viasibilidade que dá às práticas de divulgação, de imposição e de apropriação efetiva no interior do campo educacional em dado momento histórico". FILHO, Luciano Mendes de Faria. Escolarização e cultura escolar no Brasil: reflexões em torno de alguns pressupostos e desafios. In: BENCOSTTA, Marcus Levy. **Culturas escolares, saberes e práticas educativas:** itinerários históricos. São Paulo: Cortez, 2007, p.195. Para maiores detalhes ver: SOUZA, Rosa Fátima de. **Templos de civilização:** a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1890-1910). São Paulo: Editora UNESP, 1998; VALDEMARIM, Vera Teresa. **Estudando as lições de coisas:** análise dos fundamentos filosóficos do método do ensino intuitivo. Campinas-SP: Autores Associados, 2004; GONÇALVES, Irlen Antônio. **Cultura escolar:** prática e produção dos grupos escolares em Minas Gerais (1891-1918). Belo Horizonte: Autêntica/FCH/FUMEC, 2006.

O professor Joaquim da Costa Nogueira, atento às transformações pedagógicas de sua época, estabeleceu, na organização escolar de seu educandário, uma cultura escolar que estivesse atrelada às necessidades da modernidade, ou seja, que rompesse com uma educação artificial e inerte. O Instituto de Humanidades ganhou visibilidade, por aplicar, em suas atividades pedagógicas, um ensino prático e intuitivo, que levava em conta o desenvolvimento progressivo de seus alunos nos aspectos físicos, intelectuais e morais. Todas as atividades escolares estavam diretamente ligadas ao lema adotado pelo educandário, no seu cotidiano: "Ensinar não muito, mas ensinar bem, ensinar certo, levando o alumno por processos naturaes e ensinamentos concretos, a formar um juízo perfeito do objecto e cada uma das disciplinas professoradas na escola"[111]. Com estas considerações contidas no lema, verifica-se que o professor Joaquim Nogueira buscava esclarecer aos pais de seus alunos, que o método de ensino, por ele adotado, trazia ao alunado, o benefício de aprender com consistência, através da assimilação dos conteúdos, partindo do simples para o complexo. As práticas dos métodos intuitivos e ativos ganharam espaço no universo escolar, com mais intensidade durante as últimas décadas do século XIX e início do século XX, despertando, nos educadores, o interesse em romper com o estilo de ensino aplicado nas escolas de primeiras letras, durante o Império. Esta nova visão da pedagogia moderna primava pela aplicação de métodos intuitivos e ativos que se adaptassem ao desenvolvimento livre e espontâneo do educando, buscando inspirações nos pensamentos de Basedow[112], Fröebel[113], Pestalozzi[114] e Herbart[115]. Esta forma de pensar e agir na educação leva em conta a atividade

[111] Revista Escolar do Instituto de Humanidades, ano III, n.1, Fortaleza, 12 de janeiro de 1906, p.2.

[112] Johann Basedow (1724-1790), natural de Hamburgo, na Alemanha, atuou como professor de filosofia, criou um estabelecimento denominado filantrópico, propagou as idéias de Rousseau e publicou a obra Livro Elementar. Basedow considerava para as práticas pedagógicas os jogos e trabalhos manuais. CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. São Paulo: UNESP, 1999, p.338.

[113] Friedrich Fröebel (1782-1852), nascido na Turingia-Áustria, atuou como docente na Escola de Grüner, foi discípulo de Pestalozzi, em Yverdun, tomando contato com os métodos de ensino intuitivo. Escreveu a obra A Educação do Homem e propagou que a escola deveria primar, em suas práticas pedagógicas, pelos jogos, trabalhos manuais e estudo da natureza, por permitir o aperfeiçoamento moral. Fröebel foi o criador, ainda, dos "Kindergarten", ou seja, Jardins de Infância, afirmando que, nesse espaço, as crianças deveriam fazer a aprendizagem da vida social, de maneira lúdica, ou seja, com jogos, cantos, brincadeiras, dentre outros. CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. São Paulo: UNESP, 1999, p.425-427.

[114] Johann Heinrich Pestalozzi (1746-1827), nascido em Zurique, afirmava que a educação deveria primar pelo desenvolvimento integral do educando, ou seja, contemplar os aspectos físicos, intelectuais e morais. Foi influenciado pelas idéias de Rousseau. Em Neuhof, ministrou ensino aos órfãos de leitura, escrita, cálculos e trabalhos. Publicou as obras Leonardo e Gestrude, Os Serões de um solitário, Minhas pesquisas sobre o curso da natureza no desenvolvimento do gênero humano, O canto do cisne e Destinos da minha vida. Em Stans, continua com sua atividade docente, cria um instituto para formar órfãos no plano moral e intelectual, começa, então, a desenvolver o método de ensino intuitivo, afirmando ser necessário educar a criança de acordo com o desenvolvimento de suas faculdades psicológicas. Os conhecimentos ensinados deveriam partir do simples para o complexo, privilegiando a observação direta das coisas. As lições de coisas eram a base do método de ensino intuitivo. No seu Instituto, em Yverdun, Pestalozzi organizou seu método de

criadora e espontânea, por parte da criança, de acordo com o desenvolvimento de seus interesses, inseridos em um ambiente de vida ativa. As renovações oriundas do ativismo pedagógico são interpretados por Cambi, quando afirma:

> No século XX, a escola sofre processos de profunda e radical transformação. Abre-se às massas. Nutre-se de ideologia. Afirma-se cada vez mais como central na sociedade (para ofuscar essa centralidade só por volta do fim do século, na época da mass média). Essa renovação foi maior no âmbito da tradição ativista, quando a escola se impôs como instituição-chave da sociedade democrática, e se nutriu de um forte ideal libertário, dando vida tanto a experimentações escolares e didáticas baseadas no primado do "fazer" quanto a teorizações pedagógicas destinadas a fundar/interpretar essas práticas inovativas partindo de filosofias ou de abordagens científicas novas em relação ao passado. O ativismo foi também uma grande voz na pedagogia novecentista, pelo menos até os anos 50, e alimentou toda uma série de posições que deixaram suas marcas na escola contemporânea e na pedagogia atual. Além disso, foi um movimento internacional – embora sobretudo europeu e norte-americano –, que teve vastíssima influência nas práticas cotidianas da educação, especialmente escolar, e uma continuidade de desenvolvimento de pelo menos cinqüenta anos. Enfim, ele realizou uma reviravolta radical na educação, colocando no centro a criança, as suas necessidades e as suas capacidades; o fazer que deve proceder o conhecer, o qual procede do global para o particular e, portanto, amadurece inicialmente num plano "operatório", como sublinhou Piaget; a aprendizagem coloca no centro o ambiente e não o saber codificado e tornado sistemático. Tratou-se, como foi dito, de uma "revolução copernicana" na educação (e em pedagogia), a qual é necessário, ainda hoje, levar em conta e que rompia radicalmente como passado, com uma instituição escolar formalista, disciplinar e verbalista, e com uma pedagogia deontológica, abstrata e geralmente metafísica, alheia ao espírito da demonstração e da teorização interdisciplinar e antropolgicamente centralizada[116].

Portanto, as práticas pedagógicas postas em ação no Instituto de Humanidades, tendo por sustentáculo os métodos de ensino intuitivo e ativo visavam despertar, nos alunos, o sentido de aprender fazendo, onde, assim, poderiam exercer um constante progresso no que diz respeito aos dotes intelectuais, físicos, artísticos, literários, pátrios e religiosos. Nesse sentido, o mestre-escola, com intuito de propor atividades significativas ao corpo discente, criou a Revista Escolar, que trazia, em suas páginas, atividades desenvolvidas por docentes, discentes e colaboradores; o Ano Escolar, livro didático que era o compacto das principais lições; Préstitos Escolares, que incentivavam atividades cívico-infantis; o banco escolar, que, através do acúmulo do número de chapas, estimulava o alunado a obter boas notas; e, por

---

ensino intuitivo, apresentando sua importância para a sociedade. CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. São Paulo: UNESP, 1999, p.416-420.

[115] Johann Friedrich Herbart (1776-1841), nasceu em Oldenburgo, na Alemanha, atuou como filósofo e preceptor, lecionando matemática. Direcionou seu trabalho para o campo pedagógico, adquirindo conhecimento das idéias de Pestalozzi, chegando a escrever obras como Pedagogia geral e Esboços para conferências pedagógicas. Para Herbart, a educação deveria seguir duas finalidades denominadas de necessárias e contingentes. A primeira deve primar pelo desenvolvimento moral obtido por meio da formação do caráter, já a segunda diz respeito ao desenvolvimento físico e intelectual do educando. CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. São Paulo: UNESP, 1999, p.431-436.

[116] FRANCO, Cambi. **História da pedagogia**. São Paulo: UNESP, 1999, p.513-514.

fim, as famosas sabatinas, concursos e jogos de espíritos, nos quais eram escolhidos aqueles considerados como melhores alunos, para o ganho de prêmios.

Para ser admitido como aluno do Instituto de Humanidades existiam determinados critérios. A matrícula começava no primeiro dia útil de janeiro, continuando sempre disponível no decorrer do ano letivo. Durante a mesma, era necessário que fossem informados o nome, a idade, a filiação, o sexo, a naturalidade do aluno, sendo exigida a idade mínima de vinte anos para os alunos do externato e do semi-externato, e quinze anos, para os alunos de estada; não possuir doença contagiosa; indicar o nome do principal responsável, no que dizia respeito ao pagamento, providências e contribuições; realização de um cuidadoso exame das disciplinas já estudadas pelo matriculando; ver a classificação do aluno no respectivo curso, de acordo com suas capacidades; e, por fim, atestado de boa conduta, proveniente de pessoa idônea. Alunos oriundos de outros estabelecimentos de ensino, que tenham sofrido a expulsão ou qualquer fator que comprometesse a sua conduta moral, não tinham suas matrículas efetivadas, do mesmo modo, casos de pais que trouxessem filhos rebeldes e insubordinados, não se comprometendo, o educandário, em promover punição ao aluno.

O balanço anual das matrículas realizadas pelo educandário aparecem estampadas, nos tomos das Revistas Escolares, correspondentes aos meses de novembro e dezembro, como podemos perceber nas Revistas Escolares dos anos de 1906[117], 1907[118], 1908[119] e1911[120]:

> MOVIMENTO ESCOLAR – 1906 - Matrícula
> Foi encerrada em 30 de setembro, com 273 alumnos sendo:
> Internos 30
> Semi-internos 19
> Externos 224
> Destes últimos, 38 alumnos tinham estada com direito a bancas de estudo e recreios, durante o dia, no estabelecimento.
> Fez-se matrícula, do modo seguinte:
> Janeiro 138
> Fevereiro 41
> Março 25
> Abril 18
> Maio 8
> Junho 13
> Julho 16
> Agosto 10
> Setembro 4
> Total 273

[117] Revista Escolar do Instituto de Humanidades, ano III, n.12, Fortaleza, 10 de dezembro de 1906, p.3.
[118] Revista Escola do Instituto de Humanidades, ano IV, n.11, Fortaleza, 30 de novembro de 1907, p.5.
[119] Revista Escolar do Instituto de Humanidades, ano IV, n.11, Fortaleza, 10 de dezembro de 1908, p.20.
[120] Revista Escolar do Instituto de Humanidades, ano VIII, n.10, Fortaleza, 10 de dezembro de 1911, p.20.

Destes, foram eliminados em vista do art. 36 dos Estatutos deste:
Anno 23
Retiraram-se 55
Excedentes 195
273

Freqüência
Do livro respectivo consta o seguinte:
Janeiro 116
Fevereiro 168
Março 189
Abril 192
Maio 192
Junho 198
Julho 199
Agosto 227
Setembro 224
Outubro 216

MOVIMENTO ESCOLAR – 1907 - Matrícula
Foi encerrada em 9 de setembro, com 278 alumnos sendo:
Internos 50
Semi-internos 14
Externos 180
Externos Estada 34
Total 278

Matriculados:
Janeiro 160
Fevereiro 40
Março 16
Abril 17
Maio 15
Junho 12
Julho 10
Agosto 3
Setembro 5
Total 278

Destes, foram eliminados em vista do art. 36 dos Estatutos deste anno:
Eliminados 17
Retiraram-se 54
Excedentes 207
278

Freqüência
Do livro respectivo consta o seguinte:
Janeiro 134
Fevereiro 185
Março 187
Abril 199
Maio 201
Junho 205
Julho 211
Agosto 213
Setembro 209
Outubro 212
Novembro 207

MOVIMENTO ESCOLAR – 1908 - Matrícula
Foi encerrada a 2 de setembro, com 218 alumnos sendo:
Internos 33
Semi-internos 14
Externos 138
Externos Estada 33
Total 218

Matriculados:
Janeiro 162
Fevereiro 23
Março 7
Abril 5
Maio 6
Junho 6
Julho 5
Agosto 3
Setembro 1
Total 218
Destes, foram eliminados em vista do art. 40 dos Estatutos, eliminados 23 alumnos.
Dos existentes apresentaram-se a exames 117, faltaram 29.:

Freqüência
Janeiro 143
Fevereiro 171
Março 166
Abril 108
Maio 171
Junho 198
Julho 196
Agosto 194
Setembro 180
Outubro 178
Novembro 151

MOVIMENTO ESCOLAR – 1911
Matrícula
Internos 28
Semi-internos 10
Externos 65
Externos Estada 12
Total 115

Matriculados:
Janeiro 76
Fevereiro 8
Março 13
Abril 3
Maio 5
Junho 6
Julho 3
Setembro 1
Total 115

Através dos movimentos de matrículas, contidos nas Revistas Escolares de 1906, 1907 e 1908, observamos que o educandário conseguiu manter um certo equilíbrio no número de matrículas. Já no decorrer do ano de 1911, o número de matrícula sofre declínio,

oriundo, segundo a opinião do professor Joaquim Nogueira, das tensões políticas que o Estado do Ceará estava vivenciando. Tais tensões eram provenientes da queda da família Acioly, do Governo do Ceará, que deixaram os pais temerosos em matricular seus filhos nas escolas. Outro motivo que o mestre-escola alegava para a baixa nas matrículas era a Reforma Rivadávia Correia[121], que vinha prejudicando a instrução no País. Sobre tais fatores que causaram a queda no número de matrículas, citamos a revista escolar de 1912:

> Um anno todo de apprehensões e de lutas partidárias, muitas vezes regadas de sangue e das quais resultavam fortes commoções sociais no nosso meio, que atravessando assim um período absolutamente anormal, não podia assegurar estabilidade ao funccionamento dos diversos ramos em que se nos apresenta a vitalidade de um povo. A toda hora, parecendo imminente o começo de um conflicto, o inicio de uma contenda calamitosa e sempre renovada por um capricho desconecido, temiam certamente os paes matricular os filhos nos collegios, principalmente aqueles que não residem nas adjacencias do perímetro urbano.
> E não ousamos negar a razão que lhes assistia de tal temor; antes confessamos que nelle havia fundamento.
> Felizmente, porém, acalentamos a fagueira esperança de que, passadas as procellas encapelladas, entre nossa querida terra nas órbitas da lei e possa fruir a antiga e tranquilla vida de outros tempos. Todos os estabelecimentos congeneres igualmente passaram iguais dias de amargores e todos viram, como nós, desfalcada a matrícula e reduzida sobremaneira a frequencia habitual.
> O próprio Lyceu, outrora tão concorrido e prestigiado, acha-se actualmente num estado lastimawel de desuso e de abandono. Nem lembra de longe pela vacuidade de sua frequencia, aquelle possante estabeleciimento tão concorrido e respeitado.
> Mas para seu descredito concorreu como causa primordial a lei Rivadávia, que encheu de transtorno, do extremo norte ao sul, a instrução publica do Paiz.
> Somente desvantagens perniciosas trouxe-nos esta reforma que está a merecer censuras de todas as competencias no assumpto o que, na prática, tem sido inteiramente falha e inapplicavel[122].

No que diz a matrícula, é importante destacarmos, ainda, as contribuições que os senhores pais deveriam desembolsar para estarem em dia com pagamento do educandário. Em geral, os pagamentos eram realizados de forma adiantada, no início de cada mês, seguindo certas condições, como por exemplo, o pagamento correspondente a três meses de curso ofertava um desconto de 5%; para os alunos que fossem irmãos, havia um desconto de 10%; para aqueles que se matriculavam antes do término da primeira quinzena de cada mês, o pagamento deveria ser integral. O educandário só restituía quantias no caso do aluno ser retirado, por motivo de doença. Caso os responsáveis retirassem o aluno, de forma definitiva

---

[121] Decretada, em 1911, propunha o término do monopólio estatal sobre a concessão de diplomas e títulos, possibilitando, assim, ao ensino, autonomia didática e administrativa. A Reforma Rivadávia colocou em segundo plano o papel do ensino secundário, uma vez que, permitia os exames de admissão nas próprias faculdades. Ver: XAVIER, Maria Sampaio Prado (Org.). **História da educação:** a escola no Brasil. São Paulo: FTD, 1994.

[122] Revista Escolar do Instituto de Humanidades, ano IX, n.10 e 11, Fortaleza, outubro e novembro de 1912, p.28.

ou temporária, deveria avisar à direção, com antecedência, de pelo menos cinco dias, com o intuito de evitar o pagamento integral referente ao mês.

O Anuário Cearense, de 1912, produzido pela Tipografia Escolar, organizado por José Mendonça Nogueira, traz dados referentes aos valores das contribuições que deveriam ser efetuadas pelos senhores pais, para a manutenção de seus filhos no estabelecimento de ensino:

A tabela abaixo determina os preços das diversas contribuições:	
Semi-Internato (duas refeições) por mez	45$00
Idem – Idem (uma refeição) por mez	30$00
Estada	10$00
Meia Estada	5$00
Jóia escolar (por anno)	10$00
Idem – Idem (de julho em diante)	5$00
Ensino: Curso Primário (por mez)	
1ª Série	6$00
2ª Série	8$00
3ª Série	10$00
4ª Série	12$00
Curso Médio (por mez)	15$00
Curso Secundário (por mez)	
1ª Série	20$00
2ª Série	30$00
3ª Série ou 4ª Série	40$00
Escripturação Commercial (por mez)	18$00[123]

O Instituto de Humanidades, de 1904 a 1914, funcionou adotando o sistema de internato, externato e semi-externato, que funcionavam com determinadas condições. O internato visava atender alunos de outros municípios do Ceará e de outras regiões do Brasil; o externato atendia àqueles alunos que compareciam às aulas, nos horários estabelecidos pela instituição, retornando, depois, para suas respectivas residências; o semi-internato atendia aos alunos, ofertando-lhes duas refeições diárias, bancas de estudos e recreios, os quais permaneciam, no educandário, durante a manhã e a tarde. Poderiam ficar, caso desejassem, a metade desse tempo estabelecido, fazendo, apenas, uma refeição diária. Os alunos externos possuíam os mesmos direitos que os semi-internos, porém, poderiam sair para fazer as refeições em suas casas, às nove horas da manhã e às três horas da tarde, não podendo demorar mais de uma hora. Faz-se mister destacar, que o internato, de acordo com o professor Joaquim Nogueira, deveria ser o mais semelhante possível ao ambiente familiar, ou seja, deveria existir veracidade nas ações e palavras, na maneira de tratar e corrigir os modos dos alunos, incentivando a seriedade nos estudos, primando pela boa higiene e pela

[123] NOGUEIRA, José Mendonça (Org.). **Anuário Cearense para 1912**. Ano 1, Fortaleza: Typografia Escolar, p.1.

alimentação equilibrada. A organização do internato vivenciou dois momentos, a saber, 1904 a 1911, onde o número de alunos internos deveriam chegar, ao máximo de 50 e ter a idade limite de 15 anos; 1912 a 1914, com a denominação de Pensionato Infantil, recebendo até 20 alunos em suas dependências, com a idade limite de 12 anos. A práxis filosófica de adotar um rosto familiar para o funcionamento do internato permaneceu a mesma, nos dois momentos, como podemos destacar nas Revistas Escolares de dezembro de 1906 e março de 1912:

> INTERNATO
> O Internato e semi-internato foram privativamente dirigidos pelo Director do estabelecimento e sua família, que deram a este ramo de serviço um caracter verdadeiramente familiar, communicativo, desenvolvendo um regimen puramente hygienico por meio da temperança na alimentação, da decencia no vestir, do contentamento e dos bons costumes na convivencia do estabelecimento.[124]
>
> INSTITUTO DE HUMANIDADES
> Accedendo os pedidos de alguns cavalheiros que me honram com sua estima e plena confiança, resolvi dar ao meu estabelecimento na parte que concerne á educação, uma feição inteiramente nova substituindo o internato que existia até o anno passado por um Pensionato Infantil, com as condições seguintes:
> 1) Os alumnos deverão ter, no máximo 12 annos de idade.
> 2) O regimem a que se sujeitam não é propriamente escolar, mas puramente familiar.
> 3) As crianças gosarão de regalias próprias de sua idade; desde que concorram para o seu progresso moral, intellectual, etc.
> 4) Ao director e sua família compete directamente a educação da criança, corregindo o que convem e estimulando as suas boas inclinações.
> 5) As crianças não estarão sob um regimem oppressor, que inhibe o desenvolvimento de todas as suas faculdades; ao contrario, serão tratadas, paternalmente, comparecendo ás festas religiosas, populares, aos divertimentos compatíveis com sua idade, sendo em todos estes actos acompanhadas pelo director ou pessoa de sua família.
> 6) O numero de crianças do pensionato não excederá de vinte.
>
> O Director Joaquim da Costa Nogueira[125].

Os discente que compunham o internato, semi-internato e externato possuíam grande expansão para participar de comemorações cívicas, religiosas, passeios, atividades artístico-culturais, práticas esportivas e lazer, e instrução militar. Ao longo da década que o Instituto de Humanidades manteve abertas suas portas, a clientela que procurava vagas compunha o rol das famílias da elite e daquelas em processo de ascensão sócio-cultural, onde ambas, por mais que fossem deixar posses aos filhos, tinham a vontade que eles também possuíssem como, legado, uma educação esmerada[126], que lhes dessem acesso a ocupar

[124] Revista Escolar do Instituto de Humanidades, ano III, n.12, Fortaleza, 10 de dezembro de 1906, p.4.
[125] Revista Escolar do Instituto de Humanidades, ano VIII, n.3, Fortaleza, 10 de março de 1912, p.29.
[126] Que tem esmero; elegante, apurado. BUENO, Silveira. **Dicionário global escolar da língua portuguesa**. 2.ed., São Paulo: Global, 2007.

cargos correspondentes à função pública e social, no âmbito local, regional e nacional. No geral, os alunos internos vinham de tradicionais famílias de fazendeiros do sertão, precisando se deslocar, utilizando diferentes tipos de transporte, para poder chegar até às portas do educandário, o que consistia em um ritual realizado ano após ano. Os educandos externos e semi-internos provinham de famílias de juristas, médicos, engenheiros, comerciantes, jornalistas, militares, professores, funcionários públicos, dentre outros. Dentre os sobrenomes presentes no cotidiano do educandário estavam: Bezerra de Menezes, Carvalho e Silva, Corlett Pereira, Benévolo, Studart, Paurillo Barroso, Rodrigues de Queiroz, Costa Nogueira, Castello Branco, Castro e Silva, Diogo Siqueira, Pamplona, Costa Ribeiro, Souza Brasil, Amora Maciel, Herbster Menescal, Sá Cavalcante, Souza Leão, Borges Mamede, Moreira da Rocha.

A relação entre as famílias dos educandos com o estabelecimento de ensino ocorria de forma aberta e simples, através de encontros, nas comemorações do colégio, na rua, por ocasião do préstito escolar, na entrega dos prêmios auferidos nas sabatinas e, vez por outra, na diretoria da escola, quando era necessário resolver algum assunto referente ao aluno matriculado.

O corpo administrativo do Instituto de Humanidades era composto pelo Diretor, o já mencionado Joaquim da Costa Nogueira, que geria os recursos financeiros do educandário e provinha as necessidades dos discentes e docentes nas salas de aula; secretário-arquivista responsável pela documentação da escola; docentes leigos, religiosos e militares e alunos auxiliares, que atuavam como monitores nas salas de aula.

O Instituto de Humanidades caminhou no espaço educacional cearense, adotando para o programa de ensino do curso primário, o Regulamento da Instrução Pública do Estado do Ceará; já o curso secundário, seguiu os programas de ensino do Ginásio Nacional do Rio de Janeiro, antigo Colégio Pedro II. Assim sendo, os cursos ofertados pelo educandário compreendiam o primário, médio e secundário, que, de acordo com as Revistas Escolares consultadas[127] apresentavam os seguintes cursos: o curso primário era dividido em quatro séries, que agrupavam os alunos de acordo com sua capacidade cognitiva e bom aproveitamento nos estudos, facilitando, assim, o progressivo desenvolvimento do educando. A primeira classe do ensino primário compreendia leitura, conta e caligrafia; a segunda classe abordava português, aritmética, geografia e caligrafia; a terceira classe abrangia português,

[127] Comprova-se isso nas fontes primárias, consultadas para tecer a crônica narrativa dessa dissertação. Ver os tomos das Revistas Escolares de 1906, 1907, 1908, 1911, 1912 e 1914.

aritmética, geografia, história do Brasil, caligrafia; a quarta classe, correspondente ao curso médio, que era uma única série na qual os alunos desenvolviam uma recapitulação das disciplinas ministradas no curso primário, visando, com isso, obterem preparo para adentrarem no curso secundário, tinha como disciplinas: português, francês, aritmética, geografia, geometria e civismo. O curso secundário, de 1904 a 1911, consistia das seguintes disciplinas: para o primeiro ano, português, francês, aritmética, geografia, desenho e civismo; já para o segundo ano, estudava-se português, francês, inglês, aritmética, álgebra, geografia e desenho.

A partir de 1912, o Instituto de Humanidades, que continuava seguindo as disciplinas do Ginásio Nacional-RJ, reestrutura o ensino secundário, em virtude da Reforma Rivadávia Correia, sendo, assim, na primeira série estudava-se aritmética, geografia, português, francês, desenho e ginástica; para a segunda série aprendia-se aritmética e álgebra, geografia, português, francês, inglês ou alemão, desenho e ginástica; na terceira série conhecia-se geometria, álgebra, geografia, português, francês, inglês ou alemão, desenho e ginástica; já na quarta série dominava-se geometria, trigonometria, português, inglês ou alemão, desenho e ginástica; na quinta série aprendia-se higiene, latim, grego, história universal, física, química e história natural; para a sexta série compreendia-se latim, grego, história universal, física, química, história natural e instrução cívica.

Percebendo a complexidade da vida comercial citadina, devido as transformações sócio-econômicas trazidas pela modernidade, o educandário ofertava, aos alunos do curso médio e secundário, caso achassem conveniente aderir, o ensino especial de escrituração comercial. Esse ensino era facultativo e dividido em três partes, que eram estudadas em dias alternados, compreendendo quinze lições, no decorrer de cada mês. São elas: caligrafia, aritmética e escritura. Por meio da caligrafia, os alunos realizavam exercícios práticos da letra comercial; com a aritmética eles resolviam problemas através de cálculos mentais e, por fim, a escrituração comercial, que, naquele momento, estava sendo organizada. Consistia, também, em ensino facultativo, as disciplinas de religião, música, ginástica, esgrima e futebol. Estas três últimas disciplinas, só funcionavam existindo um número considerável de alunos que possibilitassem contratar um professor. Nas Revistas Escolares, de janeiro de 1906 e maio de 1911, podemos visualizar as disciplinas ministradas no Instituto de Humanidades (ver quadros na página seguinte).

Destacamos, no entanto, que, mesmo adotando, em seu educandário, os programas de ensino do Ginásio Nacional-RJ para o curso secundário, o professor Joaquim Nogueira

exercia críticas quanto a equiparação, afirmando que a mesma criava empecilhos para a prática do ensino intuitivo e para o bom desempenho dos alunos na absorção do conhecimento, como podemos verificar na Revista Escolar de 1906:

> Uma causa lamentam as suas [...] e leva-nos a deduzir a equilibridade do desenvolvimento desse programa: - a exigüidade de tempo em cada anno para o acúmulo de disciplinas a estudar. Quem quer que se entregue a fazer o computo das horas dadas para cada matéria (hora de menos de sessenta minutos, talvez), verificará que, subtrahindo da totalidade dos dias que tem o anno lectivo (oito mezes), os domingos, dias feriados e santificados e ainda as faltas accidentaes, o anno ficará reduzido a metade do tempo, insuficiente, portanto, para o preparo dos alumnos. O ensino prático, applicado, circumstanciado pede mais tempo de uma hora para cada aula e de um anno para a verdadeira assimilação das disciplinas. O programa de ensino do Gymnasio Nacional nada deixa a desejar: e completo e satisfaz plenamente as determinações do regulamento citado mas é inexeqüível, repetimos, o que poderemos provar, depois, com factos reais, observados na nossa longa vida do magistério, se a isto formos contrangido[128].

REVISTA ESCOLAR DE 1906

HORÁRIO							
Curso Secundário 2º anno	Portuguez	2-3	-	2-3	-	2-3	-
	Francez	-	1-2	-	1-2	-	1-2
	Inglez	-	2-3	-	2-3	-	2-3
	Arithmetica	-	8-9	-	8-9	-	8-9
	Álgebra	8-9	-	8-9	-	8-9	-
	Geographia	7-8	-	7-8	-	7-8	-
	Desenho	-	5-6	-	5-6	-	5-6
Curso Secundário 1º anno	Portuguez	1-2	-	1-2	-	1-2	-
	Francez	-	11-12	-	11-12	-	11-12
	Arithmetica	8-9	-	8-9	-	8-9	-
	Geographia	11-12	-	11-12	-	11-12	-
	Desenho	-	5-6	-	5-6	-	5-6
	Civismo	-	1-2	-	1-2	-	1-2
Curso Médio 4ª Classe do Curso	Portuguez	11-12	11-12	-	11-12	11-12	-
	Francez	1-2	-	1-2	-	-12	-
	Arithmetica	2-3	-	2-3	-	2-3	-
	Geographia	-	2-3	-	2-3	-	2-3
	Geometria	-	1-2	-	1-2	-	-
	Civismo	-	-	11-12	-	-	11-12
Curso Primário 3ª Classe	Portuguez	12-1	12-1	12-1	12-1	12-1	-
	Arithmetica	1-2	1-2	1-2	1-2	1-2	-
	Geographia	11-12	-	11-12	-	11-12	-
	H. do Brazil	-	11-12	-	11-12	-	-
	Calligraphia	-	10 1/2 -11	-	10 1/2 -11	-	-
Curso Primário 2ª Classe	Portuguez	11-12	11-12	11-12	11-12	11-12	-
	Arithmetica	12-1	12-1	12-1	12-1	12-1	-
	Geographia	-	1-1 1/2	-	1-1 1/2	-	-
	Calligraphia	1-1	-	1-1	-	1-1	-
Curso Primário 1ª Classe	Leitura	11-12	11-12	11-12	11-12	11-12	-
	Conta	12-1	12-1	12-1	12-1	12-1	-
	Calligraphia	10 1/2 -11	10 1/2 -11	10 1/2 -11	10 1/2 -11	10 1/2 -11	-

[128] Revista Escolar do Instituto de Humanidades, ano III, n.1. Fortaleza, 12 de janeiro de 1906, p.1.

REVISTA ESCOLAR DE 1911

1ª Série		**2ª Série**		**3ª Série**	
Arithmetica	5	Arithemetica e Algebra	3	Geometria e Álgebra	3
Geographia	3	Geographia	3	Geographia	3
Portuguez	3	Portuguez	3	Portuguez	3
Francez	3	Francez	3	Francez	3
Desenho	3	Inglez ou Allemão	3	Inglez ou Alemão	3
Gymnastica	3	Desenho	3	Desenho	3
	21	Gymnastica	3	Gymnastica	3
			21		**21**
4ª Série		**5ª Série**		**6ª Série**	
Geometria e Trigonometria	6	Hygiene	3	Latim	5
Portuguez	3	Latim	5	Grego	3
Inglez ou Allemão	4	Grego	3	História Universal	4
Desenho	4	História Universal	4	Physica e Chimica	3
Gymnastica	3	Physica e Chimica	3	História Natural	3
	20	História Natural	3	Instr. Cívica	3
			21		**21**

129

Durante as leituras realizadas nas Revistas Escolares do Instituto de Humanidades, percebemos que o ensino intuitivo e ativo, posto em prática no educandário, refletia-se, ainda, nos poucos manuais escolares adotados, pois, "Quanto aos livros adotados resumem-se em poucos, encontrando-se no Anno Escolar e na Revista Escolar os elementos precisos para a iniciação dos conhecimentos necessários aos differentes cursos do Instituto"[130]. A Revista Escolar, fonte primária da presente pesquisa, que foi utilizada pelo Instituto de Humanidades, de 1904 a 1914, direcionada aos discentes, docentes e público em geral, continha a prática pedagógica e os discursos cívicos-patriótico que norteavam a formação discente do educandário. Abordaremos esse periódico escolar, com maior ênfase, no terceiro capítulo desta dissertação.

O livro Ano Escolar era o compacto das principais lições contidas na Revista Escolar. Chegou a ser editado nos anos de 1908 e 1910, sendo reeditado e ampliado em 1921. Na sua primeira edição, em 1908, o Ano Escolar foi impresso nas oficinas da Seção de Obras do Cruzeiro do Norte, Fortaleza, composto por 400 páginas, que contemplavam quatro partes, a saber: primeira parte, Efemérides do Ceará-República e narrativas sobre festas religiosas e cívicas; segunda parte, História do Brasil, Geografia e dissertações sobre viagens e nomenclatura de vegetais, frutas e animais do Ceará; terceira parte, Vida Escolar desenvolvida pelos discentes; quarta parte, Ceará-Literário, que correspondia a artigos

[129] Revista Escolar do Instituto de Humanidades, ano III, n.1, Fortaleza, 12 de janeiro de 1906, p.1.
[130] Revista Escolar do Instituto de Humanidades, ano VII, n.1, Fortaleza, 12 de Maio de 1911, p.1. Horário para o ensino secundário.

desenvolvidos por intelectuais cearenses, como Francisca Clotilde, Júlio Monteiro, Alba Valdez, Antonio Bezerra, Ana Facó, Barão de Studart, Padres Arimatéa Cisne e Antônio Thomaz.

A imprensa nacional e local publicou considerações sobre o livro Ano Escolar, de 1908, como podemos verificar:

> [...] Cremos, agradecendo o exemplar que nos foi offertado, ser um livro utilíssimo para a mocidade e que dá uma idéia elevada do methedo intuitivo e prático, realizado no importante estabelecimento de ensino do Instituto de Humanidades (Do "Cruzeiro do Norte", nº 7, de 23 de fevereiro).
>
> Com amável dedicatória, recebemos do Instituto de Humanidades, importantíssimo estabelecimento de ensino que funciona na capital do Ceará, sob competente e incansável direcção do illustre educador Joaquim da Costa Nogueira, o Anno Escolar, repertório de todo movimento escolar do Instituto e onde estão registrados os factos mais importantes ocorridos durante o anno de 1907. [...] (Do "Correio Infantil", Belém-Pará, de 2 de março)[131].

A Tipografia Escolar do Instituto de Humanidades foi responsável pela segunda edição do Ano Escolar, de 1910, que continuou a ser direcionado à leitura dos alunos e manteve-se fiel ao método de ensino intuitivo. Esta nova edição era composta por mais de 300 páginas e dividida em quatro partes: na primeira, abordava-se a cronologia, subtendendo-se calendário escolar, efemérides cearenses e nacionais; na segunda, possibilitava apreender literatura escolar, compreendendo cousas históricas, descrições, moral, reflexões, civilidade, regras, história pátria e civismo, conhecimentos, trabalhos de cultura, questionários, problemas, jogos de espírito e ilustrações; na terceira, estudava-se a vida escolar, abordando-se lições de gramática, aritmética, teoria, estudos mentais, geometria, ensaios, geografia, corografia do Brasil; por fim, na quarta parte, apresentada como Ceará Intelectual, conhecia-se escritos de literatos cearenses, como: Pedro Queiroz, Monsenhor Bruno, Soares Bulcão, Barão de Studart, Adília Freire, Ana Facó, Rodolfo Theófilo, Andrade Furtado, Joaquim Nogueira, Francisca e Antonieta Clotilde, Antonio Bezerra, dentre outros.

Durante o governo de Justiniano de Serpa[132], em 1921, é publicada a terceira edição do Ano Escolar, através dos editores Leite Ribeiro e Maurillo, no Rio de Janeiro. Esta edição foi prefaciada pelo Jurista Clóvis Beviláqua e adotada como livro de leitura para as escolas públicas de ensino primário do Estado do Ceará. Era composto de 330 páginas, contendo

---

[131] Revista Escolar do Instituto de Humanidades, ano V, n.3, Fortaleza, março de 1908, p.21-22.

[132] Governante do Ceará, no período de 1920 a 1924, realizando construção de obras contra as secas, mudanças na Constituição Estadual, apoio na Reforma Educacional de 1922, na qual participou o paulista Manoel Bergstrom Lourenço Filho. Padecendo de enfermidades, Justiniano de Serpa renuncia, em junho de 1923, em favor de seu vice, Idelfonso Albano. Ver: MOTA, Aroldo. **História política do Ceará**. Fortaleza: Stylus, 1987, p.275-286.

gravuras de vultos históricos e de intelectuais cearenses, sendo dividido em três partes: na primeira, denominada Civismo, aprendia-se a conhecer as efemérides nacionais, hinos e questionários a respeito da Constituição Federal; a segunda parte, voltada para Moral, abordava cousas históricas, frases literárias, civilidade, conselhos higiênicos e sabedoria; na terceira parte, denominada Ceará Intelectual, continha artigos de Juvenal Galeno, João Brígido, Rodolfo Theófilo, Leonardo Mota, Antonio Theodorico da Costa, Andrade Furtado, Alba Valdez, Eusébio de Souza, Antonio Drumont, Pe. Antonio Thomaz, Barão de Studart, Beni Carvalho, Gustavo Barroso, dentre outros. Destaca-se, nestas linhas, parte do prefácio escrito pelo Jurista Clóvis Beviláqua a respeito do mestre-escola Joaquim Nogueira e sobre manuais escolares por ele publicados:

> [...] A par disso possue elle um dom particular de communicar-se com o espírito das crianças, que torna a aprendizagem para estas um encanto, pela douçura com que é ministrada, e uma satisfação dignificante, porque é a revelção do valor de cada uma, feita a si mesma, revelação que se acompanha da consciência, progressivamente formada do que seja o mundo moral, em que o sentimento do dever e forma de affecto e estímulo e acção.
> Acompanhei com muita sympathia, a publicação da Revista Escoalr, onde vi o espírito dos educandos, guiado pela competencia do professor, erguer-se, expandir-se, e realizar trabalho superiores aos que se poderiam esperara delles, na edade em que se achavam. Apreciei o Anno Escolar a mesma orientação produzindo os mesmos resultados. E esses documentos me autorizam a fazer do benemerito professor o juízo que acabo de externar. Rio de Janeiro de 1920. Clóvis Bevilaqua.[133]

Além dos manuais escolares produzidos no Instituto de Humanidades, como a Revista Escolar e o livro Anno Escolar, docentes e discente utilizavam, ainda, livros e periódicos que eram permutados e, por vezes, doados ao educandário. O rol desses livros era composto pela: “Pátria Brasileira”, Mosaico Infantil”, e “A Terra”, ambos, de autoria do doutor Virgílio Cardoso de Oliveira, Diretor de Ensino Municipal de Belém-PA e do Instituto Cívico Paes de Carvalho; “Aritmética Ginasial”, “Álgebra”, “Aritmética dos Principiantes” e “Geografia Elementar, para o Curso Primário”, todos de autoria do professor Arthur Thiré, professor do Ginásio Nacional-RJ e do Instituto Nacional Bernardo de Vasconcelos, no Rio de Janeiro; “Compêndio de Lógica”, do professor H. Geenem, lente de lógica no Instituto de Ciências e Letras de São Paulo; “Aritmética Primária”, do professor Odorico Castelo Branco, diretor do Instituto Miguel Borges, em Fortaleza; “Datas e Fatos para História do Ceará”, de autoria do Barão de Studart, membro efetivo do Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará; “Patriotas Cearenses”, “Notas de Viagens ao Norte do Ceará”, “O Ceará e os Cearenses”, obras produzidas por Antonio Bezerra de Menezes, poeta, intelectual

[133] NOGUEIRA, Joaquim da Costa (Org.). Anno Escolar. Livro de Leitura adaptado nas escolas de ensino primário do Estado do Ceará. Editores Leite Ribeiro e Maurillo, Rio de Janeiro, 1921, p.2.

e jornalista, que muito contribuiu para a escrita da História do Ceará. Para o Instituto de Humanidades utilizar manuais escolares baseados nos métodos de ensino intuitivo, ofertava possibilidades aos docentes, em organizar o ensino das lições de forma lúdica e criativa, onde, assim, os alunos poderiam desenvolver seus dotes cívicos, morais e científicos, de maneira significativa.

3.3 O Instituto de Humanidades e seus métodos pedagógicos renovadores

> Quanto mais empregares os sentidos, diz, para explorar o ser ou os aspectos duma coisa, mais exata será tua idéia dessa coisa. (Pestalozzi)[134]

No caminhar da segunda metade século XIX e início do século XX, a educação brasileira foi influenciada por um movimento de renovação pedagógica pautado pelo espírito da modernidade, ou seja, pela idéia de civilização e progresso científico. A renovação pedagógica foi norteada pela aplicação dos métodos de ensino intuitivo nas escolas. Entendemos por método pedagógico a escolha conveniente dos meios que devem ser utilizados no ato formativo pela escola. Portanto, para a educação brasileira republicana, "O método era um guia, o caminho seguro para alcançar objetivos e metas estabelecidas. Entende-se, assim, como tal elaboração atinge o campo educacional, precisamente, no momento em que era forçosa a racionalização dos sistemas educativos com a difusão da escolarização em massa".[135]

O método de ensino intuitivo inicia seus primeiros passos na Europa, no final do século XVIII, com os pensamentos de Basedow e Pestalozi. Outros pensadores já iniciaram a discussão, como Rabelais[136], Locke[137], Rosseau[138] e Comenius[139]. Johann Basedow (1723-

---

[134] LEIF, Joseph Jacques (Org.). **Pedagogia geral pelo estudo das doutrinas pedagógicas**. 2.ed. São Paulo: Editora Nacional, 1968, p.257.

[135] SOUZA, Rosa Fátima de. **Templo de civilização:** a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1890-1918). São Paulo: Editora UNESP, 1998, p.159.

[136] François Rabelais (1493-1553) nasceu em Chinon, na França, estudou com os franciscanos e beneditinos, tornou-se padre, manteve amizades com humanistas, defendia uma educação que primasse pela liberdade, brincadeiras e exercícios corporais. Escreveu a obra Gargantua e Pantaguel. Ver: CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. São Paulo: UNESP, 1999, p.265-267.

[137] John Locke (1632-1704) estudou na Universidade de Oxford, recebendo influências do empirismo filosófico inglês, estudou ciências naturais e medicina. As idéias pedagógicas lockeanas afirmam ser a educação importante caminho para desenvolver, nos indivíduos, a virtude, praticidade, moral e o desenvolvimento do corpo. Locke escreveu, ainda, as obras Ensaio sobre o entendimento humano e Alguns pensamentos sobre educação. Ver: CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. São Paulo: UNESP, 1999, p.315-321. Para

1790) estabeleceu uma pedagogia civil e social com método gradual que levava em conta as condições psicológicas da infância. Johann Pestalozzi (1746-1827) estabeleceu que o método ideal para a educação da criança deveria ser o de base psicológica, ou seja, se buscava como norte o método intuitivo, onde pautava-se pela observação e os sentidos. A pedagogia de Pestalozzi pode ser compreendida em Santos:

> Para Pestalozzi toda a arte de ensinar consiste tão somente em saber auxiliar a tendência espontânea da natureza para o seu próprio desenvolvimento; e esta arte se baseia, sobretudo, na proporção e harmonia entre as impressões que se devem comunicar às crianças e o grau de desenvolvimento de suas faculdades. Os conhecimentos devem ser apresentados em seus elementos mais simples e adquiridos pela criança, não em sua forma, mas em seu sentido real, por meio da intuição, isto é, da observação direta pelos sentidos. Esses elementos devem ainda ser desenvolvidos por sereis de exercícios crescentes e gradativos. A base desses exercícios deve ser o estudo dos objetos e não das palavras. A lição de coisas é, assim, o fundamento do método. Mas o seu objetivo não é a aquisição de conhecimentos e, sim, o desenvolvimento psíquico da criança. O cálculo mental deve ser ensinado por meios concretos, a linguagem, por processos silábicos e fonéticos, o estudo da geografia e da natureza em contato com o ambiente natural. O desenho, o canto e os trabalhos manuais devem merecer um relevo especial. Mas, é necessário que tudo isso seja subordinado à educação moral e religiosa. Com relação aos livros didáticos, Pestalozzi se insurge contra a tendência, então dominante, de se exporem as matérias, iniciando-se pelos princípios e pelas regras de caráter abstrato e geral[140].

A propagação do método do ensino intuitivo em solo europeu ganha ênfase maior na segunda metade do século XIX, quando ocorre a difusão do ensino de primeiras letras, movimentos a favor da educação popular, criação de escolas primárias obrigatórias, laicas e gratuitas, organização dos sistemas de ensino por várias nações, crescimento das escolas normais e profissionalização do magistério. O rastro de difusão do método de ensino intuitivo ocorreu em manuais de ensino, compênios de pedagogia, conferências pedagógicas e, por fim, nas exposições universais e palestras, que tornaram-se febre no ápice da belle époque.

---

maiores detalhes ver obra: MARTINHO RODRIGUES, Rui. **Príncipe, lobo e homem:** análise das idéias de Maquiavel, Hobbes e Locke. Fortaleza: Casa de José de Alencar/UFC, 1997.

[138] Jean-Jacques Rouseau (1712-1778) nasceu em Genebra, na Suíça, autodidata, fez leituras de Locke e Montaigne, no campo educativo defendia a autonomia, o conhecer a criança, ruptura contra recitação, verbalismo e dogmatismo. A criança, para Rousseua, deveria ter, ainda, o espírito, corpo e sentidos exercitados e procurar por si mesma conhecer as coisas e a vida. Rousseau escreveu as obras Emílio, Discurso sobre a origem da desigualdade, Confissões, dentre outras. Ver: CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. São Paulo: UNESP, 1999, p.342-355.

[139] Jean Amos Comenius (1592-1671) nasceu em Nivnice, na Moravia, pertenceu à fraternidade dos Irmãos Morávios, vivenciou a hecatombe da Guerra dos Trinta Anos, estruturou escolas na Suécia e Inglaterra. No plano educacional, Comenius percebia a escola como uma dádiva que possibilitava, para a criança, a formação religiosa e moral, desenvolvimento dos sentidos, aprendizagem do que fosse útil para a vida e a prática da disciplina. Suas obras foram: A porta das línguas, O mundo em imagens e Didática Magna. CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. São Paulo: UNESP, 1999, p.289.

[140] SANTOS, Theobaldo Miranda. **Noções de história da educação**. 12.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967, p.289.

Dentro das conferências sobre o método, destacou-se “Conferência sobre o Ensino Intuitivo”, proferida por Ferninad Buisson[141], que mostrou a importância do método no ensino primário e para educação popular. Buisson destacou, ainda, que o método intuitivo passava por distorções por parte de educadores e proliferações de materiais didáticos que afirmavam, de maneira dúbia, a aprendizagem sem esforços.

Nos Estados Unidos da América, o método de ensino intuitivo foi alvo de atenção por parte de educadores como Norman Allison Calkins, que, “publicou Primary objecto lesson of children. A manual of elmentary instruction for parents and teachers, um dos primeiros e bem-sucedidos manuais de objecto lesson escritos por um educador norte-americano. O manual de Calkins teve uma projeção significativa na época”[142].

Calkins pretendia, por meio das “lições de coisas”, estabelecer um ensino que priorizasse o exercício da observação como uma maneira de substituir uma educação baseada nos esforços da memorização. Nesse sentido, era importante valorizar, na criança, a curiosidade, a imaginação e a lucidade. O manual de Calkins foi bastante difundido nas escolas de ensino primário, chegando a ser traduzido em diversos idiomas, como o japonês, espanhol e português. No Brasil, esse manual de ensino receberia a atenção e tradução do jurista e político Rui Barbosa.

O método do ensino intuitivo no Brasil foi adotado em educandários particulares e públicos, que o percebiam como possibilidade de inovação nas práticas pedagógicas. As mentes ilustradas do Brasil, como a saber, reformadores, políticos, educadores, diretores de instrução propagavam que o ensino intuitivo poderia ser uma forma de inserir o cidadão em uma sociedade que estava vivenciando o avanço da ciência, técnica, comércio e indústria. A Reforma Leôncio de Carvalho (1879), última do período Imperial, que instituía o ensino primário obrigatório e liberdade do ensino secundário e superior, estabeleceu que o ensino intuitivo e as lições de coisas deveriam fazer parte do ensino das escolas primárias públicas e

---

[141] Ferninad Buisson. Pedagogo francês, escreveu Dicionário de pedagogia e Instrução primária em 1880, participou de exposições internacionais, conferências pedagógicas, nas quais, defendia o método de ensino intuitivo, dissertando sobre a presença do mesmo nas obras de Locke, Condilac, Rousseau, Pestalozzi, Fröebel e Comenius. Elogiava o sistema de ensino norte-americano, pela preocupação em colocar nas práticas pedagógicas o método de ensino intuitivo. Dentre das exposições que participou estavam a Exposição de Paris, em 1778, e Exposição da Filadélfia, em 1776. Ver artigo de SCHERLBAUCH, Analete Regina. O método intuitivo e lições de coisas no Brasil do século XIX. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara. **Histórias e memórias da educação no Brasil**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2005, p.132-149.

[142] SOUZA, Rosa Fátima de. Tecnologia de ordenação escolar no século XIX: currículo e método intuitivo nas escolas primárias norte-americanas (1860-1880). In: **Revista Brasileira de História da Educação**. Sociedade Brasileira de História da Educação – SBHE. São Paulo: Autores Associados, janeiro/junho, 2005, n.9, p.9-42.

escolas normais da Capital Imperial. A forma como foi aplicado o ensino intuitivo, na Reforma Leôncio de Carvalho, recebeu críticas de Rui Barbosa, quando afirmou que "[...] Da nossa escola popular, escrava e vítima da rotina está proscrito o conhecimento direto das coisas, isto é, da realidade sensível". Trivialidades, afirma "[...] que a nossa pedagogia ainda não compreendeu"[143]. A crítica de Rui Barbosa deriva de fato de ter o conselheiro Leôncio de Carvalho colocado o ensino intuitivo apenas como um item nos programas de ensino. Tradutor de Norma Allison Calkins, em 1886, sob o título "Primeiras Lições de Coisas", Rui Barbosa, na pauta de suas ações políticas, estabeleceu a importância da aplicação de forma sistemática do método de ensino intuitivo, que, em sua concepção, era moderno, utilizados pelas nações desenvolvidas e rompia com o verbalismo. Rui Barbosa destacaria, com maior ênfase, as lições de coisas e a organização do ensino primário em seus "Pareceres sobre a Educação", distribuídos em dois volumes das obras completas, a reforma do ensino secundário e superior presentes no Volume IX e a reforma do ensino primário, abordados em quatro tomos do Volume X. Neste volume X, podemos visualizar o que Rui Barbosa menciona acerca da educação primária pública:

> § 3º - Na escola primária o intuito fundamental do ensino consiste em prosseguir a cultura dos sentidos e o desenvolvimento das faculdades de observação, apreciação, enunciação e execução.
> I. Para este fim serão rigorosamente excluídos todos os sistemas mecânicos de ensino, todos os processos que apelem para a memória de palavras, empregando-se constantemente o método intuitivo, o ensino pelas coisas, de que será simples auxiliar o ensino pelos livros.
> II. Com este propósito cada escola, segundo a sua categoria, possuirá completo o material de ensino prático e experimental pela realidade; e em cada uma, se formará pelo professor, com a cooperação dos alunos, uma coleção de objetos naturais e artificiais correspondentes ao seu gênero de ensino.
> III. Complementará os meios de ensino prático e experimental a coleção do museu escolar, que cada um dos distritos escolares deste município possuirá, e onde se reunirão os recursos complementares da instrução pelos processos intuitivos que não for possível distribuir por todas as escolas.
> Compõem o pessoal dos museus escolares um preparador e um servente, cujos vencimentos o governo fixará.[144]

A ressonância dos Parecer da Educação, de Rui Barbosa, influenciariam as vindouras reformas de ensino do período Republicano, como a saber, a Reforma da Instrução

---

[143] SCHELBAUER, Analete Regina. O método intuitivo e lições de coisas no Brasil do século XIX. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara (Orgs.). **Histórias e memórias da educação no Brasil**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2005, p.137.

[144] BARBOSA, Rui (Org.). **Obras completas de Rui Barbosa**. Reforma do ensino primário e várias instituições complementares da instrução pública. Vol. X, 1883, tomo IV. Ministério da Educação e Saúde, Rio de Janeiro, 1947, p.90-91. Para maiores informações sobre a vida de Rui Barbosa, visualizar a obra: NOGUEIRA, Rubem. **Rui Barbosa:** contemporâneo do futuro – episódios e lutas parlamentares. Brasília, Senado Federal, 2006.

Primária Pública no Estado de São Paulo, em 1890[145], que propagou, em sua Escola Normal, o método de ensino intuitivo. Os ares de discussão sobre os métodos renovadores na educação fizeram-se presentes, no Ceará, por meio de educadores, como José Barcellos e Amaro Cavalcante[146], que, através de revistas, livros e viagens à Europa e Estados Unidos, adquiriram noções de como aplicar um ensino prático nas escolas. Dentre os livros obtidos por José Barcellos, enquanto diretor da Escola Normal do Ceará, constavam: "quatro exemplares do livro Lições de Cousas, enviados pelo conselheiro Rui Barbosa à Biblioteca da Escola Normal. O inventário com a lista das obras pertencentes à Biblioteca da Escola Normal mostra uma quantidade imensa de livros em francês, tratando dos modernos métodos de ensino e das reformas educacionais"[147].

Atraídos por uma nova maneira de ensinar, os educandários particulares, como o Colégio Colombo, o Instituto Miguel Borges e o Instituto de Humanidades adotaram, em suas práticas pedagógicas, o método de ensino intuitivo. O Instituto de Humanidades, inserido na égide do imaginário republicano e moderno, ao adotar o método de ensino intuitivo na formação de seus alunos, visava acompanhar os discursos educativos que afirmavam ser por meio do olhar médico, social, higiênico, cívico e pedagógico que se chegaria a formar cidadãos comprometidos para com a família, a sociedade e a pátria. Sendo assim, seria de praxe, no educandário, que o professor Joaquim Nogueira, junto com seu corpo docente, observasse o ritmo de aprendizagem dos alunos, facilitando, com isso, o processo de formação. O docente, por meio da observação, poderia detectar a aptidão do aluno em assimilar o conhecimento, partindo do simples para o complexo e, ainda, produzir materiais pedagógicos como livros, revistas escolares, jogos que tornariam o ensino prático e significativo. Na Revista Escolar de janeiro de 1907, são visíveis as considerações sobre o método de ensino seguido pelo educandário:

> Dispensamo-nos de dizer que permanecem constantes os lineamentos capitaes de nosso methodo de ensino, e folgamos em confessar que neste particular nada nos peza de havermos seguido o curso natural por que se adquire o conhecimento das cousas. Confortamo-nos com a verdade que a experiencia sobeja a demonstrar-nos. Estamos enteiramente convencidos que sómente depois de formado um alicerce de noções praticas e experimentaes, é que se deve architectar o edifício do conhecimento theorico e especulativo.

---

[145] Ver a obra de SOUZA, Rosa Fátima de. **Templos de civilização:** a implantação da escola primária graduada no estado de São Paulo (1890-1918). São Paulo: Ed. UNESP, 1998.

[146] Para maiores informações sobre esses educadores cearenses, verificar a obra: OLINDA, Ercília Maria Braga de. **Formação integral do educando no tempo da escola normal**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Ed. Ltda., 2005.

[147] Idem. Ibidem, p.49.

> Desvanece-nos declarar que, de accordo com os princípios da pedagogia, procuramos, o quanto possível, conhecer a capacidade intellectual do alumno, afim de que as lições venham a ficar proveitosamente assimiladas.
>
> Assim como o agricultor precisa de conhecer o terreno para nelle lançar a semeadura, assim também o mestre necessita de estudar a intelligencia do discípulo para nella implantar a semente da instrucção.[148]

No curso primário do Instituto de Humanidades, o ensino intuitivo apoiou-se na psicologia e ciências, que tornaria mais sólido o caminhar das crianças rumo às exigências da sociedade moderna e transformaria as mesmas como sujeitos de sua aprendizagem. O ensino primário, na ótica do mestre-escola:

> [...] refeste-se agora de novas feições, amolda-se satisfatoriamente com a intelligencia delicada e naturalmente débil da criança. Em logar de martyrio que lhe fora, torna-se-lhe o mais attrahente dos divertimentos, uma disciplina que se lhe impõe facilmente, sem que haja necessidade de qualquer imposição, a não ser o do sentimento do dever, a única que moralmente pode enaltecer o indivíduo e a sociedade"[149].

Nota-se, assim, que essa formação renovada, posta em prática no Instituto de Humanidades, permitiria que os educandos desabrochassem para um mundo prático e rumo a uma sociedade que estava pautada por uma concepção ufanista cívico-patriótica. O educandário, ao aplicar o método de ensino intuitivo incentivava aos docentes conhecer três passo importantes, como a saber: a finalidade do processo educativo, quem era o educando e quais os meios que poderiam ser criados para conduzir uma prática de ensino significativa. Sob essa perspectiva, no educandário, o mestre-escola Joaquim Nogueira desenvolveu uma série de práticas pedagógicas, cujo o caráter prático e lúdico facilitava o processo de assimilação do conhecimento, por parte dos alunos. Dentro dessas práticas pedagógicas inovadoras faz-se mister destacar: cálculos mentais, baralho aritmético, lições progressivas de primeiras letras, dominó de letras, ensino de geografia e história, concursos e sabatinas, excursões, plebiscito, jogos e a Revista Escolar.

No ensino de aritmética correspondente ao curso primário, era comum dispor aos alunos os cálculos mentais, com o intuito de deixá-los capacitados a utilizarem o raciocínio lógico na solução de qualquer operação matemática. Isso permitia romper com o uso da tabuada, que incentivava a memorização e o verbalismo, ou seja, era o contrário do que propagava o ensino intuitivo.

---

[148] Revista Escolar do Instituto de Humanidades, ano IV, n.1, Fortaleza, 15 de janeiro de 1907, p.1.
[149] Revista Escolar do Instituto de Humanidades, ano IV, n.2, Fortaleza, 10 de fevereiro de 1907, p.4.

A capacidade adquirida por meio dos cálculos mentais facilitaria, ainda, o processo de aprendizagem de outros conhecimentos. No Instituto de Humanidades os cálculos mentais eram realizados uma vez por semana, quando ocorriam as famosas sabatinas. Despertar nos educandos habilidades para realizar as operações matemáticas, era lhes ofertar condições para atuarem na vida comercial e urbana da modernidade republicana. Na Revista Escolar, editada em abril de 1914, é possível visualizarmos os exercícios de cálculos mentais:

> Cálculos mentaes
> Schema para um questionario sobre calculos mentaes
> (proposto pelo alumno-auxiliar João Ribeiro)
>
> Este trabalho offerece ao alumno verdadeiro conhecimento dos numeros, conduzindo-o a uma resposta reflectida e segura, baseada em simples observação.
> Em cada questão só há um calculo a fazer, dependendo de simples operações mentaes.
> Para applicação do presente schema, propomos tomar o professor qualquer numero (simples ou composto) e seguir o questionario fazendo as questões opportuna a cada resposta dada pelo alumno.
> Aconselhamos primeiramente a proposição de questões cujos os resultados não excedam de 10, podendo o professor fazer, após exgottado o questionario, numa outra lição, questões com numeros compostos até 100.
>
> - o numero immediato superior?
> - o numero immediato inferior?
> - o numero immediato superior da mesma terminação?
> - o numero par immediato superior?
> - o numero par immediato inferior?
> - o numero impar immediato superior?
> - o numero impar immediato inferior?
> - o numero primo immediato superior?
> - o numero primo immediato inferior?
> - o numero primo immediato inferior da mesma terminação?
> - o numero primo immediato superior da mesma terminação?
> - o numero multiplo immediato inferior?
> - o numero multiplo immediato superior?
> - o numero multiplo immediato inferior da mesma terminação?
> - o numero multiplo immediato superior da mesma terminação?
> - o dobro?
> - o triplo?
> - o quatruplo?
> - o quintuplo?
> - o sêxtuplo?
> - o septuplo?
> - o óctuplo?
> - o nônuplo?
> - o decuplo?
>
> - a metade?
> - a 3ª parte?
> - a 4ª parte?
> - a 5ª parte?
> - a 6ª parte?
> - a 7ª parte?
> - a 8ª parte?
> - a 9ª parte?
> - a 10ª parte?

- o complemento?
- o quadrado?
- o cubo?
- a raiz quadrada?
- a raiz cúbica?
- o maior quadrado nelle contido?
- o maior cubo nelle contido?
- o quadrado immediato superior?
- o quadrado immediato inferior?
- o cubo immediato superior?
- o cubo immediato inferior?
- a soma dos seus algarismos?
- a differença dos seus algarismos?
- o producto dos seus algarismos?
- o quociente dos seus algarismos?[150]

Com o intuito de desenvolver a capacidade de observação e atenção das crianças, ensiná-las a refletir, comparar, especificar e ampliar conhecimentos, o educandário fez uso de jogos educativos, criados pelo professor Joaquim Nogueira, como o Baralho Aritmético, o Dominó de Letras, Jogos de Espírito e Anagramas. O baralho aritmético foi uma forma lúdica de despertar nos alunos o interesse pelos cálculos mentais, uma vez que, era uma miscelânea de conhecimentos artiméticos; já o Dominó de Letras consistia em uma organização cuidadosa de quadro de palavras, por meio do qual, os alunos poderiam ampliar seus vocabulários e capacidade de formar sentenças para obterem bom desempenho nos exercícios de ditado. Por meio dos jogos de espíritos, que consistiam em uma série de imagens inigmáticas, os alunos desenvolviam suas capacidades de associação e percepção, que lhes facilitavam as construções de textos. Os Anagramas serviam para exercitar a capacidade de associação de palavras, bastando escolher um nome e inverter as disposições de suas letras.

A capacidade do professor Joaquim Nogueira de elaborar anagramas destaca-se em Oliveira:

> O mais burilado de seus anagramas foi, inegavelmente, o telegrama que dirigiu ao almirante Protógenes Guimarães, então Ministro da Marinha, ao ser anunciada, pelos jornais, a notícia da extinção da Escola de Aprendizes Marinheiros do Ceará. Servindo-se apenas das letras do nome do titular daquela Pasta, seu despacho foi muito simples: "Urg Protegei nossa E.A.M."[151]

O Instituto de Humanidades, visando aprimorar a capacidade da leitura e da escrita de seus alunos, pôs em prática, a partir de 1910, Das Lições Progressivas de Primeiras Letras, que constitui-se num importante manual de ensino intuitivo, rompendo com o método

[150] Revista Escolar do Instituto de Humanidades, ano X, n.4, Fortaleza, abril de 1914, p.22-23.
[151] OLIVEIRA, João Hipólito Campos de. Professor Joaquim da Costa Nogueira. **Revista do Instituto do Ceará**. Fortaleza: Edições Instituto do Ceará, 1966, p.225.

de soletração alfabética. Sobre as Lições Progressivas de Primeiras Letras, o professor Nestor Lima, lente da Escola Normal de Natal, em carta dirigida ao professor Joaquim Nogueira, menciona:

> Caro Sr. Professor Nogueira, saudações.
> Recebi, ha já tempos, e li com praser as suas "Lições Progressivas de 1as. Lettras", que teve a bondade de ofertar-me e julgo de felicita-lo pelo serviço que acaba de prestar á methodologia dessa materia em nossa patria.
> Constituindo um consideravel avanço sobre o decrépito methodo de soletração alphabetica, as suas lições quase realisam o methodo de syllabação, em que se articulam primeiro os sons puros, as vogaes, depois modificados pelas consoantes.
> Não podia, de certo, haver coisa mais absurda que aquella soletração, hoje felizmente condemnada, que, além de monotona e ninemonica, dava á lettra um nome e um valor ás vezes completamente diversos, exigindo das debeis intelligencias infantis, um esforço de que não são susceptiveis.
> E porque muito me desvanece a sua offerta, que, por effeito das occupações do fim do anno, só agora accuso, eu me confesso summamente agradecido.
> Am.º. att.º
> Nestor Lima
> Natal, 26-XI-1910.[152]

O Ensino da História e Geografia tinham importante significado para o educandário, pois proporcionavam aos alunos conhecerem bibliografias, mapas, biografias, coreografias, dentre outros assuntos, que despertassem o interesse cívico-patriótico. Na aprendizagem da História, os alunos estudavam fatos relevantes para a História Nacional, como as batalhas, efemérides, vultos heróicos, tendo que evitar recorrer à memorização, mas desenvolver, através da leitura, a análise significativas dos conteúdos. A História do Ceará recebeu importante destaque, contando, para isso, com as páginas do Ceará-República, livro organizado pelos alunos que, no decorrer do ano letivo, ficava exposto no Salão Brasil, para ser preenchido com as principais datas, fatos, inaugurações, monumentos e pessoas ilustres. Os alunos deveriam escrever sobre as datas e fatos, a partir do dia 15 de novembro de 1889, dando ênfase, assim, ao movimento republicano. Aqueles que conseguissem pesquisar e escrever "com maior somma de factos, no fim de cada mez será dado um prêmio intitulado Ceará-República".[153]

A Geografia ministrada no Instituto de Humanidades, seguindo a orientação moderna do ensino intuitivo, percorria sentido contrário ao verbalismo e memorização, exigindo, dos educandos, percepção da realidade espaço-temporal e expressão do que se aprendia através de pesquisas sobre os continentes europeu, americano e asiático. Sendo assim, os cursos primário e secundário, no educandário, colocavam ênfase no estudo dos

[152] Revista Escolar do Instituto de Humanidades, ano VIII, n.1, Fortaleza, janeiro de 1911, p.21.
[153] Revista Escolar do Instituto de Humanidades, ano III, n.1, Fortaleza, 12 de janeiro de 1906, p.5.

mapas e construção de desenhos cartográficos. Nesse método de ensino para despertar no educando o conhecimento do terreno, fauna e flora era comum a utilização de ilustrações. O ensino da Geografia, nessa perspectiva, possibilitava que os alunos aprendessem a interpretar, por meio dos mapas, a localização dos diversos povos do globo, assim como, suas culturas e tradições. O ensino prático da Geografia, ao corpo discente, pode ser visualizado quando o mestre-escola propõe a construção de um tentamen, ou seja, uma espécie de mural, no qual, por meio de lições e colaboração docente, seria desenhado, nas paredes do Salão Brasil, no decorrer do ano letivo de 1906, o mapa brasileiro. O resultado da atividade educativa pode ser observado nas páginas da Revista Escolar, de dezembro, do ano de 1906:

> Se foi mesmo um tentamen, uma prova, o que propuzemos no começo deste anno pela Revista Escolar, n. 1: - traçar a carta Brazil na parede (a cal) do salão principal das aulas – já é isso hoje uma realidade. Ali se acha desenhada sobre uma projecção cylindrica a referida carta, com a área de mais de 14m², desenhada a cores differentes, destacando Estados, observando os limites ultimamente fixados entre alguns. A sua escala é de $\frac{1}{1851850}$.
>
> O meridiano inicial é o do Rio de Janeiro. Estão feitos os principais estudos de hydrographia e orografia, situadas todas as cidades maritimas e determinados portos do Brazil, conforme as coordenadas que publicamos na Revista de agosto, extrahidas do Bureau dês Longitudes de Paris.
>
> O início deste trabalho teve logar em janeiro do corrente anno, com a assistencia do professor, trabalhando colletivamente os alumnos em classe, onde receberam as explicações da cartographia, sendo, depois, por partes, dia a dia, continuado, mostrando constante applicação especial vocação para este genero o alumno do 2º anno do curso secundario – Francisco de Moraes Vieira.[154]

No Instituto de Humanidades, outras atividades pedagógicas, que contribuíram para despertar na formação discente o conhecimento de seus direitos e deveres cívicos, foram o concurso do plebiscito e as excursões. O plebiscito buscava ofertar, aos alunos, noções práticas de como eram realizadas as eleições para ocupação dos cargos republicanos. Esse tipo de atividade possibilitava aos alunos escolherem nomes de destaque na poesia, política, jornalismo, música, oratória, escritores, dentre outras. Dentre os nomes mais cotados, podemos citar, na poesia: Juvenal Galeno, Álvaro Martins, Lívio Barreto e Xavier de Castro; jornalismo: João Brígido, Valdomiro Cavalcante, Martinho Rodrigues, João Lopes, Paula Ney, Antonio Bezerra, José Avelino; romancistas: José de Alencar, Franklin Távora, Rodolpho Theóphilo e Domingos Olimpio; generaes: Tibúrcio, Sampaio e Clarindo[155]. Durante a realização dos plebiscitos era comum que nomes ilustres da intelectualidade cearense presidissem as votações, como a saber, o Dr. Soriano Albuquerque. O concurso contava, ainda, com fiscais escolhidos, entre o corpo docente, e escrutinadores, que eram

[154] Revista Escolar do Instituto de Humanidades, ano III, n.12, Fortaleza, 10 de dezembro de 1906, p.10.
[155] Revista Escolar do Instituto de Humanidades, ano III, n.10, Fortaleza, 12 de outubro de 1906, p.8-9.

compostos por docentes auxiliares e discentes. As excursões eram atividades extra-escolares, que primavam pelo lúdico e permitiam, aos discentes, visitarem museus, praças, instituições, dentre outros. A excursão de destaque foi a realizada pelos alunos do Instituto de Humanidades, em 15 de junho de 1906, onde foram receber o Dr. Afonso Pena, em sua chegada a Fortaleza. Essa excursão é destaque nas linhas da Revista Escolar:

> Excursão Presidencial
> Registramos aqui a chegada a este Estado, do Sr. Dr. Affonso Augusto Moreira Penna, futuro Presidente da República. O seu desembarque, que se effetuou as 7 ½ da manhã do dia 15 do mez de junho, compareceram, além de enorme massa popular, o mundo official e todas as classes sociaes, que se fizeram representar. O Instituto de Humanidades esteve presente ao acto, comparecendo com 185 alumnos e todo corpo docente. Dessa feita podemos conseguir dos alumnos do c. secundario bellas descripções, sendo melhores as de R. Ângelo, A. Bezerra, A. Simões e F. Vieria.[156]

As excursões possibilitaram que os alunos, durante o processo de aprendizagem, conseguissem fazer observações diretas e particularizadas das coisas. Outro importante meio de aplicação prático e significativo foi a Revista Escolar, cujas páginas traziam estampadas as metodologias de ensino, conteúdos, idéias pedagógicas, programas de ensino, atividades docentes, discentes e de colaboradores, que delineavam o cotidiano do educandário. A Revista Escolar foi publicada, mensalmente, durante a década que compreendia o período de 1904 a 1914, oferecendo, para a sociedade cearense, a percepção de como funcionava o caminhar do referido educandário. Dessa forma, o Instituto de Humanidades, inserido em um mundo marcado por velozes mudanças, crescimento científico e tecnológico, que exigiam da escola concepções pedagógicas compatíveis com a modernidade, encontrou, no método de ensino intuitivo, a possibilidade de ofertar, ao seu corpo escolar, a construção de saberes e fazeres, de acordo com as idéias pedagógicas vigentes.

3.4 Perfis discentes, docentes e colaboradores

O ensino ministrado pelo Instituto de Humanidades tornou-se referência na capital cearense, por primar pela formação dos filhos da elite letrada, política e econômica, que percebiam a educação como o caminho mais eficaz para inserir sua prole no mundo moderno e civilizado. Dessa forma, era um número seleto de educandos, que, reunidos no educandário do mestre-escola Joaquim Nogueira, tinham acesso a uma formação pautada pelos métodos

[156] Revista Escolar do Instituto de Humanidades, ano III, n.7, Fortaleza, 14 de julho de 1906, p.12.

renovadores do ensino intuitivo, postos em prática em nações modernas, como Estados Unidos da América, França e Inglaterrra. No seu processo formativo, o alunado era incentivado a desenvolver, em seu cotidiano, o respeito cívico-patriótico, para com a família, a pátria e a sociedade. Nesse sentido, a formação educativa posta em prática, no Instituto de Humanidades, possibilitaria, aos educandos, ocuparem, no futuro, posições relevantes nos âmbitos intelectuais, políticos e econômicos.

Nas leituras que realizamos nos tomos das Revistas Escolares dos anos de 1906, 1907 e 1908, percebemos duas categorias de discentes, a saber: alunos e alunos-auxiliares. A partir dessas duas categorias, podemos narrar o perfil de alguns alunos. A categoria de alunos auxiliares era formada por aqueles que, obtendo bom desempenhos nas notas e comportamento, eram considerados aptos a colaborarem com o corpo docente do educandário, no acompanhamento formativo dos demais alunos. No referido grupo de alunos fizeram parte José Mendonça Nogueira, Raimundo Ângelo da Silva, Antonio Bezerra de Menezes e Andrade Furtado, cujos perfis e trajetórias profissionais podemos dissertar, tomando por referência a Revista Escolar de 1925, na seção Relembrando o Passado. José Mendonça Nogueira, filho do professor Joaquim Nogueira e de dona Olívia de Mendonça Nogueira atuou como aluno-auxiliar do curso primário, coordenou a Tipografia Escolar, fundou o jornal católico "O Bandeirante", em 1910, editou o Anuário Cearense, em 1912, participou dos grupos dramáticos João Caetano e Arthur Azevedo, e representou, ainda, as Revistas O Malho e Fon-Fon. Sua vida findou a 28 de outubro de 1914, quando foi alvejado, a tiros, por Sixto Bivar, funcionário da loja H. Barroso e Cia., do então Secretário da Fazenda, Hermínio Barroso. José Mendonça, ao ir cobrar as cotas de vendas de revistas e livros, escuta Sixto Bivar dizer que já havia pago ao professor Nogueira, e enfatizou ser este um gatuno, que não pagava seus débitos. No mesmo momento, José Mendonça revidou, com uma bofetada. Passados alguns dias, em frente ao Clube dos Diários, Sixto Bivar deflagrava seis tiros, a queima roupa, em José Nogueira. Tal incidente contribuiu para o mestre-escola encerrar as atividades em seu educandário[157].

Raimundo Ângelo da Silva nasceu no Ceará, sendo filho de João José da Silva. Destacou-se no Ginásio Baturiteense, educandário que pertenceu ao professor Joaquim Nogueira. A partir de 1905, foi admitido como aluno-auxiliar do curso primário e do

[157] Para maiores detalhes, ver as obras: NOGUEIRA, Joaquim da Costa. **Meu filho**. s/Ed., 1915; LIMA, Heman. **Poeira do tempo:** memórias, Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1967; BATISTA, Henrique Sérgio de Araújo. **Assim na morte como na vida:** arte e sociedade no Cemitério São João Batista (1866-1915), Museu do Ceará, SECULT, 2002.

internato. Logo após, passou a ser secretário da diretoria. Obteve bom desempenho em suas atividades discentes, no Instituto de Humanidades, sendo admitido em concurso da Secretaria da Fazenda.

Antonio Bezerra de Menezes, nascido no estado do Ceará, filho de Francisco de Assis Bezerra de Menezes, atuou como aluno-auxiliar do curso primário, obtendo destaque ao publicar trabalhos na Revista Escolar, como discente e docente. Encerrando seu curso secundário no educandário, passou a exercer atividades na firma Holderness & Salgado, em Fortaleza, e, posteriormente, na Companhia Armoor, no Estado de São Paulo.

Manoel Antônio de Andrade Furtado, nasceu no Ceará, atuou como aluno-auxiliar do curso médio, fundou, junto com José Mendonça Nogueira, o jornal católico O Bandeirante, escreveu nas páginas da Revista Escolar a seção Cousas Históricas, formou-se pela Faculdade de Direito do Ceará, onde atuou como docente. Colaborou, ainda, no jornal católico A Verdade, de Baturité, Ceará.

Na categoria alunos inseriam-se aqueles que poderiam ou não obter um bom desempenho escolar, seguindo sua trajetória de formação freqüentando apenas o horário normal das aulas. Neste grupo discente estão inseridos: Pedro Herbster Menescal, Oswaldo Studart Filho, José Fausto Castelo Branco, Raimundo Amora Maciel, Euclides Amora Maciel, Adhemar Benévolo, Clóvis de Araújo Janja, Oswald Barroso Studart Filho, Carlos Corllett Pereira, Jaime Studart, João Gomes Brasil, José Coreolano Carvalho e Sá, Joaquim Moreira Rocha, Alberto de Castro e Silva, Mozart Maciel, Eurico Fortuna Mendes, Edísio Pamplona, Alderico Gomes Parente, dentre outros[158].

Na Revista Escolar de 1925, na seção “Relembrando o Passado”, destaca-se a trajetória profissional de alguns alunos mencionados acima:

> 151 – Euclides Amora Maciel, cearense, filho de Manuel Barbosa Maciel, 11 annos. Cursou 4 annos. Commercio. Caixa da Firma Arruda & Cia. Ltda., nesta praça.
> 152 – Raimundo Amora Maciel, idem 10 annos. Cursou 4 annos. Bacharel pela Faculdade de Direito do Ceará. Exerceu o cargo de membro do Tribunal de Contas, em commissão, neste Estado. Muito dedicado ao jornalismo.
> 153 – José Fausto Castello Branco, cearense, filho de José Viriato Castello Branco, 13 annos. Cursou 1 ano. Comerciante nesta capital.
> 166 – Adhemar Benévolo, fluminense, filho Tte. Cel. Jayme Benévolo, 9 annos. Cursou 1 anno. Segue a carreira de engenharia civil. Fez o curso do Collegio Militar do Rio, Agrimensor pela Escola de Minas em Ouro Preto. Foi chefe de construção da estrada de rodagem Aracaty e Morada Nova. Actualmente exerce o cargo de engenheiro auxiliar da Estrada de Ferro de Sorocaba em S. Paulo.

[158] Revista Escolar do Instituto de Humanidades, ano III, n.12, Fortaleza, 10 de dezembro de 1906, p.7-8.

> 167 – Clovis de Araújo Janja, cearense, filho de Antonio Magalhães Janja. 13 annos. Cursou 2 annos. Formado pela Escola de Agronomia do Ceará. Ajudante technico da R. Viação Cearense[159].

Como podemos verificar, linhas acima, os alunos que fizeram parte do Instituto de Humanidades atenderam às expectativas dos pais e do educandário, de tornarem-se atuantes no cenário social, econômico e cultural do Ceará.

O Instituto de Humanidades sempre procurou dispor, para seu alunado, um corpo docente formado por pessoas eminentes, de conduta idônea e formação intelectual diversificada, como advogados, acadêmicos de direito, militares, padres, engenheiros e literatos. O mestre-escola, percebendo que o educador torna-se mais completo com o aperfeiçoamento do seu estudo, procurava fazer com que o seu corpo docente possuísse uma sólida cultura geral, que tornasse sua inteligência ágil, flexível e perceptiva. Dessa maneira, o seu saber o faria adotar atitudes educativas que trouxessem magnitude e luz no cultivo do espírito das crianças. No artigo "Ensinar é uma missão", estampado na Revista Escolar, de setembro de 1906, o professor Joaquim Nogueira destaca que o docente é um missionário responsável pelo desenvolvimento integral do educando, como podemos verificar a seguir:

> Também o mestre é missionario e cultor, cujo templo é a escola e cujo campo é a sociedade. Sua missão, porém, mais vasta, mais ampla: substituir os Paes, educando-lhes os filhos; desenvolver as aptidões, instruindo aos pequenos, aos meninos. Aponta-lhes o dever, cujo cumprimento satisfaz e encanta, seduz e atrae, preparando assim o homem consciente, o cidadão compenetrado das obrigações que lhe dizem respeito e dos direitos resultantes da convivência com os outros homens. É uma santa missão, a de ensinar.[160]

Portanto, na sua missão adquirir a compreensão intuitiva do aluno possibilitava que, no decorrer do processo educativo, o educador conhecesse, com presteza, o caráter particular de cada aluno. Ao professor fazia-se mister, também, não só compreender sua área específica de atuação, mas levando em conta que a educação não é só sentimento e intuição, mas, também, o uso da razão era importante que, através de um estudo da filosofia, ciência e das técnicas pedagógicas, buscassem adquirir uma sólida cultura geral. Essas considerações podem ser visualizadas na Revista Escolar de dezembro de 1906:

> É erro, erro palpitante em pedagogia o entender-se que as matérias constantes de um curso substem destacadas entre si, sem que se achem ligados pelos laços de dependência recíproca. Todos os conhecimentos que formam o patrimônio

[159] Revista Escolar do Colégio Nogueira. Antigo Instituto de Humanidades, ano XI, n.6 e 7, Fortaleza, dezembro de 1925 e janeiro de 1926, p.5-6.
[160] Revista Escolar do Instituto de Humanidades, ano III, n.9, Fortaleza, 12 de setembro de 1906, p.1.

> intellectual da humanidade vinculam-se pela mais estreita e manifesta relação [...] Depois da ligeria digressão a que nos obrigou a justificação do systema por que damos promoção a nossos alumnos, nada mais nos resta senão que, assim procedendo, nos quizemos conformar com a realidade das coisas. Ficam deste modo expendidas as razões que militam em nosso favor, quando dizemos que disciplinas ensinadas em nosso collegio prendem-se, completam-se, vivem-se mutuamente.[161]

Para realizar a constante tarefa de preparar aulas, dirigir estudos e aprendizagem, motivar a manutenção da disciplina, fazia-se necessário, ao professor, possuir robusteza que lhe ofertasse o equilíbrio de suas faculdades físicas e mentais, tão necessárias para o exercer de sua profissão. Os bons sentimentos também constavam no perfil para ser professor, devendo o candidato ser capaz de possuir forte capacidade de observação, juízo exato e integridade dos sentidos. Fazia-se necessário, ainda, para obter o respeito dos educandos, que o professor fosse enérgico e exercesse autoridade, sem esquecer de ser flexível, quando necessário. Isso o tornaria capaz de se impor às vontades adversas de comodidade, inércia e indisciplina, por parte do alunado, pois para o professor Nogueira, a autoridade e bondade nada tinham de temor ou fraqueza, mas, delas derivam a força, a constância, a firmeza, a justiça e o amor à verdade. Essa busca de reunir um qualificado corpo docente no Instituto de Humanidades é facilmente detectada na Revista Escolar de dezembro de 1906:

> Corpo Docente
> Compuzeram o corpo docente durante o anno lectivo, os distintos moços que, a par da competência que sempre exhibiram, assimilado o methodo adaptado em nosso estabelecimento pelo estudo esmerado das disciplinas que ensinaram, alliam qualidades superiores de moralidade, robusteza, autoridade e assiduidade todas imprescindiveis para a propagação dos bons sentimentos e direcção do cultivo intellectual.[162]

Nas leituras dos tomos das Revistas Escolares de 1906, 1907 e 1908, podemos visualizar o corpo docente e as disciplinas que ministravam no educandário. No ano letivo de 1906, lecionaram: Padre José Arimatéia Cisne, com as disciplinas de Religião e Moral; José Carlos de Mattos Peixoto, acadêmico, com a disciplina de Línguas, para o curso secundário; Francisco de Assis Bezerra Filho, ensinando Aritmética, para o primeiro e segundo ano do curso secundário; Joaquim Fabrício de Barros, ministrando Álgebra, para o segundo ano do curso secundário; Joaquim Pimenta, ensinando Geografia, para o curso secundário, Aritmética e Geometria, para o curso médio e terceira classe do curso primário; José Lopes de Aguiar, responsável pela disciplina de Civismo, para o primeiro ano do curso secundário e Línguas, para o curso médio; Orlando Correa, ministrou Civismo e Geografia, para o

[161] Revista Escolar do Instituto de Humanidades, ano III, n.12, Fortaleza, 10 de dezembro de 1906, p.5.
[162] Revista Escolar do Instituto de Humanidades, ano III, n.12, Fortaleza, 10 de dezembro de 1906, p.4.

primeiro ano do curso secundário; Boanerges Facó e Meira Filho foram professores auxiliares da segunda classe do curso primário.

No decorrer do ano escolar de 1907, fizeram parte do quadro docente: Boanerges Facó e José Lopes de Aguiar, auxiliares do curso médio; Odorico Castelo Branco lecionou a disciplina de Matemática; Padre José Arimatéia Cisne ensinou Religião e Moral; José Carlos de Mattos Peixoto ministrou Línguas; Joaquim Pimenta lecionou Geografia; Meira Filho auxiliou na quarta classe; Pedro Pinto de Mendonça auxiliou no Internato; Custódio Meneleu de Pontes lecionou Música; e, Moisés Leite auxiliou no Internato.

Já, para a trajetória formativa do ano de 1908, foram docentes: José Carlos de Mattros Peixoto, responsável pela disciplina de Português; Antonio Theodorico da Costa Filho lecionou Geografia; Francisco de Assis Bezerra de Menezes ministrou Civismo; Padre José de Arimatéia Cisne lecionou Religião e Moral; Henrique de Alencastro Autran ensinou Matemática e capitão Heráclio Hélio Lima aplicou Instrução Militar; José Silveira lecionou Francês; e, Custódio Meneleu de Pontes ensinou Música.

Dentre o corpo docente do Instituto de Humanidades destacamos o perfil de Antônio Theodorico da Costa Filho, Padre José de Arimatéia Cines, José Carlos de Mattos Peixoto e Joaquim Pimenta. Antônio Theodorico da Costa Filho, segundo o Dicionário Biobibliográfico Cearense, organizado por Barão de Studart[163], nasceu na cidade de Fortaleza, em 12 de agosto de 1861, sendo filho do farmacêutico Antonio Teodorico da Costa e Higina de Castro Costa, realizou preparatórios em Fortaleza, estudou na Escola Politécnica do Rio de Janeiro, exerceu a profissão de engenheiro civil, tendo participado do prolongamento da Estrada de Ferro de Baturité. Foi membro das sociedades abolicionistas da Escola Politécnica e Cearense, ocupou as cadeiras do Instituto Histórico e Geográfico do Ceará e Academia Cearense de Letras, exerceu docência no Liceu do Ceará, lecionando Geografia e Coreografia do Brasil, no Instituto de Humanidades, foi professor da disciplina de Geografia e colaborou com artigos sobre a disciplina de Geografia, nas páginas da Revistas Escolar, e proferiu diversas palestras, como a saber: O homem e o progresso de sua locomoção, Saldação ao coronel Dr. Marcos Franco Rabelo, A mulher: o que foi e o que dever ser, dentre outras.

[163] STUDART, Guilherme Chambly. **Dicionário biobibliográfico cearense**. 2.ed. Fortaleza: Tipografia Progresso, 1980, p.284-286.

Padre José de Arimatéia Cisne, de acordo, ainda, com o Dicionário Biobliográfi-co Cearense[164], teve como genitores o tenente-coronel Joaquim Guilhermino Maria da Costa Cisne e dona Maria da Penha Cisne, nasceu em Sant'Ana, em 1880. Ordenou-se padre, a 28 de março de 1903, atuou como orador sacro e profano, sustentou disputas religiosas contra o protestante Jerônimo Gueiros, através de periódicos, foi iniciado na maçonaria, atuou como docente no Colégio Nossa Senhora do Carmo, Instituto Miguel Borges e Instituto de Humanidades, lecionando a disciplina de Religião e Moral e colaborando com artigos nas páginas da Revista Escolar, como a saber: Bem duradouro e Religião e Moral I e II.

José Carlos de Matos Peixoto cursou direito na Faculdade de Direito do Ceará, atuou como professor auxiliar no Ginásio Cearense, do educador Anacleto de Queirós, e no Instituto de Humanidades, onde lecionou a disciplina de Português, sendo orador nas festas de encerramento do ano letivo. Ingressou na vida pública, ocupando o cargo de Secretário da Justiça, durante o governo de Moreira da Rocha, foi eleito para a Presidência do Estado, em 1928, sendo deposto em 1930[165].

Joaquim Pimenta nasceu em Tauá, realizou seus estudos na escola pública, na mesma cidade, tendo como professora a dona Maria do Livramento Barreto da Costa Leitão. Cursou a Faculdade de Direito do Ceará, freqüentava as Conferências de São Vicente de Paula, na Igreja do Sagrado Coração de Jesus, lecionou a disciplina de Geografia, no Instituto de Humanidades, e ministrava aulas particulares de Latim, para alunos de classes abastadas, e Português, a pedido de Frei Monsueto, para frades capuchinhos italianos. Em parceria com amigos da Faculdade de Direito, em 1906, fundou a Revista Fortaleza, editada mensalmente pela Tipografia Minerva, onde teve sua última publicação, em fevereiro de 1908. Escreveu as seguintes obras: Ensaios de sociologia (1915), Sociologia do direito (1928), Golpe de Vista (1930), dentre outras[166].

O docente, para o Instituto de Humanidades, portanto, deveria colaborar para que o aluno, por meio do método do ensino intuitivo, aprendesse a aperfeiçoar seus dotes intelectuais, físicos e morais, para, assim, poder contribuir para o progresso da sociedade e da pátria.

---

[164] STUDART, Guilherme Chambly. **Dicionário biobibliográfico cearense**. Fortaleza: Typo-Lithografia a vapor, 1913, p.97-98.

[165] Ver: MOTA, Aroldo. **História política do Ceará (1889-1930)**. Fortaleza: Stylus Comunicações, 1987, p.309-340.

[166] Verificar: BARREIRA, Dolor. **História da literatura cearense**. 2 tomo, parte I, Coleção do Instituto do Ceará. Imprensa Oficial do Ceará, IOEE, 1987, p.266-302; PIMENTA, Joaquim. **Retalhos do passado**, Dep. de Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1949.

Convém mencionar que o educandário, durante seus dez anos de atuação no cenário da educação cearense, estabeleceu diálogos com diversos colaboradores, buscando, com isso, ficar informado do que estivesse ocorrendo no meio educacional, cultural, político e social, no Brasil e em outras nações, como a França, Suíça, Portugal e Estados Unidos da América, dentre outras.

A maioria desses colaboradores estabelecia laços de afetividade com o educandário, escrevendo na Revista Escolar, participando das sabatinas, entregando prêmios, doando livros e objetos educativos e conferindo os préstitos escolares. Do corpo de colaboradores, destacamos aqueles que mais apareciam nas páginas da Revista Escolar: Virgílio Cardoso, Arthur Thiré, Odorico Castelo Branco, Soriano Albuquerque, Antonio Drummont, Júlio Monteiro, F. Amédée Peret, Vasconcelos da Veiga, Antonio Bezerra de Menezes, Francisca Clotilde, Alba Valdez, Ana Facó, Barão de Studart, dentre outros.

Deste corpo de colaboradores delineamos os perfis de Virgílio Cardoso, Arthur Thiré, Antonio Bezerra de Menezes, Ana Facó, Barão de Studart, Francisca Clotilde e Alba Valdez.

O colaborador que mais influenciou na cultura escolar do Instituto de Humanidades foi o Dr. Virgílio Cardoso de Oliveira, diretor do Ensino Municipal, em Belém-PA, e do Instituto Cívico Jurídico Paes de Carvalho, da mesma cidade, também autor de livros escolares destinados ao público infanto-juvenil. Tais livros primavam a divulgar os heróis nacionais, numa perspectiva patriótica, sendo, por isso, adotados no Instituto de Humanidades, como já foi mencionado, anteriormente, como A Pátria brasileira, Leitura Cívica e Mosaico infantil. A Revista Escolar, de 10 de fevereiro de 1906, destaca o Dr. Virgílio Cardoso e sua obra A pátria brasileira, utilizada pelos alunos do instituto e, posteriormente, seria utilizada pelas escolas públicas primárias do Estado do Ceará.

> A pátria brasileira
>
> Ao lume da publicidade acaba de sair em segunda edição a “Pátria Brasileira”, fruto precioso, emanado da intelligencia fecunda do Sr. Dr. Vigílio Cardoso de Oliveira, educacionista paraense, nome que tem verdadeira consagração no centro luminoso da literatura nacional. A “Pátria Brasileira” é um volume nitidamente impresso em 390 páginas atauxiadas com 298 gravuras elucidativas dos variados textos compediados do corpo da obra, tendo no frontispício um bello desenho de Pedro Américo, ladeado com as datas memoraveis de nossa história. No centro desse desenho representa-se uma mulher de livro aberto na data 7 de setembro – a pagina doirada da história nacional [...][167]

[167] Revista Escolar do Instituto de Humanidades, ano VIII, n.1, Fortaleza, Janeiro de 1906, p.1-3.

Percebemos, ainda, que o perfil dos colaboradores girava em torno de pessoas que detinham curiosidades intelectuais e empenho de acompanhar o que existisse de novidades científicas e literárias, estando seus nomes ligados a notáveis instituições de ensino, e seus méritos geralmente reconhecidos pelo governo e sociedade. Em vista disto, citamos o professor Arthur Thiré, nascido na França, em 1853. Formado em engenharia, desenvolveu trabalhos na Bélgica e Áustria. Convidado pelo Imperador D. Pedro II, lecionou na Escola de Minas, de Ouro Preto, atuou como diretor da Sociedade Minas de Ouro de Faria, ocupou a chefia do Centro Agrícola de Vargem Alegre, no Rio de Janeiro, lecionou na Escola Politécnica de São Paulo. Durante a Exposição de São Paulo, atuou como cartógrafo da Repartição Geral de Estatística, tornou-se catedrático do Instituto Nacional Bernardo de Vasconcelos, foi lente ainda do Ginásio Nacional, ou seja, Colégio D. Pedro II. As obras publicadas por Thiré foram: Aritmética dos Principiantes, Aritmética Ginasial, Álgebra Elementar, Rudimento de Ensino Científico, Lições de Corografia do Brasil. Na Revista Escolar colaborou na sessão Pontos de Aritmética, enviando exercícios e resolução dos mesmos para o alunado[168]. Mencionamos, no rol de colaboradores, Antonio Bezerra de Menezes, nascido em Quixeramobim, em 1841, sendo filho do Dr. Manoel Soares da Silva Bezerra e dona Maria Tereza de Albuquerque Bezerra, participou do movimento abolicionista, exerceu jornalismo, publicando o periódico denominado O Libertador, publicou Notas de Viagem ao Norte do Ceará, foi membro do Instituto Histórico e Geográfico do Ceará, da Academia Cearense de Letras, do Centro Literário de Fortaleza. Publicou, ainda, a obra O Ceará e o cearense, pela Tipografia Minerva. No Instituto de Humanidades, colaborou na sessão Patriotas Cearenses, da Revista Escolar, buscando, com isso, incentivar o alunado à prática do civismo[169].

Representando o quadro de colaboradoras, destacou-se Ana Facó, nascida em Beberibe, no dia 10 de abril de 1855. realizou os seus primeiros estudos com a professora Maria Cordina Pereira Ibiapina, em Cascavel, estudo na Escola Normal, lecionou no Ginásio Cearense, foi nomeada, pelo Presidente General Clarindo de Queiroz, para docente da Escola Normal, onde, depois, exerceu a inspetoria dos alunos, dirigiu o primeiro grupo escolar de Fortaleza e, ainda, o grupo escolar da cidade de Beberibe. Dentre as obras que publicou, destacaram-se: No bonde, A minha Palmatória, Comédias e cançonetas, Páginas íntimas,

[168] Revista Escolar do Instituto de Humanidades, ano VIII, n.1, Fortaleza, janeiro de 1912, p.1-3.
[169] STUDART, Guilherme Chambly. **Dicionário bioblibiográfico cearense**. 2.ed. Fortaleza: Tipografia Progresso, 1980, p.175-177.

dentre outras. No Instituto de Humanidades, Ana Facó colaborou, escrevendo poesias, nas páginas da Revista Escolar e artigos no livro Ano Escolar[170].

Colaborador de renome, no educandário do mestre-escola Joaquim Nogueira, foi Guilherme Chambly Studart, o Barão de Studart, nascido em Fortaleza, em 1856, tendo como genitores John William Studart e Leanicia de Castro. O Barão de Studart iniciou seus estudos no Ateneu Cearense, cursou o Ginásio Baiano, pertencente ao Barão de Macaúbas, cursou a Faculdade de Medicina da Bahia, pertenceu ao quadro de sócio-efeito do Instituto Histórico e Geográfico do Ceará, com intensa produção intelectual, a saber: Descrição do Município de Barbalha, O rio Ceará, Datas e fatos para história do Ceará, Achegas de Geografia do Ceará, Dicionário biobibliográfico cearense, dentre outros. No Instituto de Humanidades, participou como membro de bancas das sabatinas e proferia palestras, em momentos de festividades[171].

Outras colaboradoras do Instituto de Humanidades foram: Francisca Clotilde e Alba Valdez. Francisca Clotilde (1862-1935), nasceu em Tauá, Região dos Inhamuns, possuindo como genitores João Correa Lima e Ana Maria Castelo Branco. Residiu, com os familiares, em Baturité, realizou estudos no Colégio da Imaculada Conceição, em Fortaleza, fez parte do movimento abolicionista, foi a primeira professora da Escola Normal do Ceará, integrou o Clube Literário, escreveu jornais e revistas da época, como: O Libertador, A República, A Cidade, dentre outros. Adepta do pensamento republicano, posicionou-se contra o Governo Aciolly, mudou-se para Aracati, onde fundou, em 1908, o Externato Santa Clotilde. Publicou obras, como: a Revista A Estrela (1906-1921), A Divorciada (1902), Noções de Aritmética (1889), dentre outras. No Instituto de Humanidades, colaborou, ainda, permutando A Estrela com a Revista Escolar e enviando poesias para a Revista Escolar e artigos para o livro Ano Escolar[172].

Alba Valdez, com o pseudônimo de Maria Rodrigues, nasceu em São Francisco de Uruburetama, denominado, atualmente, de Itapagé. Seus pais foram João Rodrigues Peixe e Isabel Alves Rodrigues Peixe. Estudou e ensinou na Escola Normal, dirigiu as aulas noturnas do curso do Dr. José Sabóia, criou a Liga Feminista Cearense, integrou o Centro Literário da Boêmia e a Iracema Literária. Foi eleita para sócia-efetiva do Instituto Histórico e Geográfico do Ceará, em 1936, e Academia Cearense de Letras. Alba Valez publicou, ainda, as seguintes

[170] Idem, p.134-136.
[171] Ver: FRIDERICHS, E. (Pe.). O Barão de Studart (1856-1938). In: **Revista do Instituto do Ceará**. Fortaleza, janeiro e dezembro de 1965, p.203-212.
[172] Ver: ALMEIDA, Luciana Andrade de. **A estrella:** Francisca Clotilde e a literatura feminina em revista no Ceará (1906-1921). Coleção Outras História – Museu do Ceará, SECULT, 2006.

obras: Em sonho (1901), O beija-flor, Cera terra do Brasil, A sempre nova questão do ensino, O espírito popular cearense e A carta, dentre outras. Colaborou, escrevendo artigos para a Revista Escolar e o livro Ano Escolar, periódico oficial do Instituto de Humanidades[173].

Os diálogos estabelecidos com os referidos colaboradores permitiram, ao Instituto de Humanidades, acompanhar as modernas idéias pedagógicas para, com isso, fecundar a inteligência da mocidade que buscou seus préstimos formativos.

3.5 A formação cívico-patriótica do discente

O movimento de 15 de novembro de 1889, ou seja, a Proclamação da República no Brasil[174], enquanto meta sócio-política, foi produto de diversos fatores que, correlacionados, possibilitam a queda da monarquia, como a saber: a questão religiosa, abolição da escravatura, a questão militar, a influência do sistema federativo dos Estados Unidos da América do Norte e ações dos grupos republicanos nacionais e locais[175]. Os republicanos, no rol de suas ações políticas, sociais e culturais, puseram em prática com o intuito de inserir o Brasil na mentalidade moderna, cujas características eram o progresso e a civilização, colocaram ênfase num projeto educativo nacional, que formaria, de maneira integral, o cidadão nos aspectos intelectuais, físicos, morais e cívicos, desde o ensino primário. Com o advento da educação republicana, a escola, segundo Souza:

> A escola primária republicana instaurou ritos, espetáculos, celebrações. Em nenhuma outra época, a escola primária, no Brasil, mostrava-se tão francamente como expressão de um regime político. De fato, ela passou a celebrar a liturgia política da República; além de divulgar a ação republicana, corporificou os símbolos, os valores e a pedagogia moral e cívica que lhe era própria. Festas, exposições escolares, desfiles dos batalhões infantis, exames e comemorações

[173] Ver: GIRÃO, Valdelice Carneiro. A mulher no Instituto do Ceará. In: **Revista do Instituto do Ceará**. Fortaleza, 2001.

[174] Sobre o movimento republicano, afirma Neto: "A idéia republicana no Brasil remonta aos movimentos de 1817 e 1824, em Pernambuco, ambos com intensa repercussão no Ceará. Ainda no século XIX, a guerra federalista dos Farrapos, no Rio Grande do Sul, em 1835, e também a Revolta dos Praeiros, em Pernambuco, em 1848, mantêm sob diferentes matizes o ideário republicano. Nenhum desses movimentos, entretanto, chegou a atingir os seus objetivos. Somente em 1870, é que tem início nova luta de mobilização política, no sentido de mudar o regime de governo no Brasil, tornando-o harmônico com os sistemas em vigência em todas as nações independentes do continente americano. Dezenove anos iriam ainda transcorrer até que o Brasil viesse a se transformar em República Federativa". NETO, Eduardo Bezerra. A idéia republicana em marcha. In: **Revista do Instituto do Ceará**. Número especial – comemorativo do primeiro centenário de criação do instituto. Fortaleza, 1987, p.121.

[175] Sobre o movimento republicano no Ceará, ver a obra: NETO, Eduardo Bezerra. A idéia republicana em marcha. In: **Revista do Instituto do Ceará**. Número especial – comemorativo do primeiro centenário de criação do instituto. Fortaleza, 1987, p.121-138.

> cívicas constituíram momentos especiais na vida da escola pelos quais ela ganhava ainda maior visibilidade social e reforçava sentidos culturais compartilhados. Eles podem ser vistos como práticas que, no universo escolar, tornam-se uma expressão do imaginário sociopolítico da República[176].

No Instituto de Humanidades, as práticas pedagógicas, além de serem fundamentadas no método de ensino intuitivo, recebiam influência do imaginário republicano em voga na esfera social cearense, visando, com isso, despertar, nos educandos, o respeito para com a pátria, a família e as personalidades ilustres que realizaram atos de cunho heróico. Essa influência cívico-patriótica faz-se notar nos programas de ensino, nas festividades, concursos, prêmios, préstitos escolares, sabatinas e escrita de alunos, professores e colaboradores. Aos alunos, era interessante o domínio, por completo, de conteúdos que representassem os valores cívicos republicanos, como por exemplo, conhecer os hinos da República, da Bandeira e Nacional; saber, ainda, dissertar sobre os acontecimentos, datas, lugares e principais personagens da história do Ceará e do Brasil, através de uma coerência cronológica. A educação cívica, no educandário, constituía-se de relevância, pois, perpassando os conteúdos de história, geografia, escrita e leitura, possibilitava que os alunos elaborassem narrativas a respeito de efemérides, ou seja, datas e fatos nacionais e locais, como a saber: fundação de instituições, monumentos, vida de pessoas ilustres, dentre outros. Os alunos do instituto, em suas narrativas, deveriam contemplar datas e fatos locais, a partir de 15 de novembro de 1889, e estampá-los no livro denominado Ceará-República. É possível destacar esta perspectiva de educação cívico-patriótica, por meio das efemérides locais nas linhas da Revista Escolar:

> O grande concurso
> No grande Salão Brazil, de nosso estabelecimento, durante o anno lectivo corrente, será aberto um livro intitulado Ceará-República onde serão inscriptas diariamente, pelos alumnos, datas e factos do Ceará, a contar de 15 de novembro de 1889 referentes ao movimento literário do Estado, seu adiantamento e progresso, fundações, monumentos, inaugurações, principais acontecimentos de pessoas illustres, instituições etc. Ao alumno que concorrer com a maior somma de factos, no fim de cada mez será dado um prêmio intitulado Ceará-República[177].

Dentre as efemérides narradas pelos alunos constavam: 1897 – inauguração do Mercado Público de Fortaleza; 1898 – inauguração, em Viçosa, da Estátua do General Tibúrcio; 1903 – instalação, em Camocim, da Sociedade Beneficente Camocimense; 1904 –

---

[176] SOUSA, Rosa de Fátima de. **Templos de civilização:** a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1890-1918). São Paulo: Ed. UNESP, 1998, p.241.
[177] Revista Escolar do Instituto de Humanidades, ano III, n.1. Fortaleza, 12 de janeiro de 1906, p.5.

conflito entre os catraieiros e a polícia, na praia; 1904 – fundação do Instituto de Humanidades, em Fortaleza; 1906 – foi arrebentada a redação do Jornal O unitário[178].

Outra maneira de referenciar figuras cearenses de destaque em movimentos republicanos, era o incentivo dado para que se lessem as biografias, na sessão da Revista Escolar, intitulada "Patriotas Cearenses", escrita por Antônio Bezerra de Menezes. Dentre essas figuras estavam: Tenente-coronel Antônio Bezerra de Souza Menezes, Alexandre Raimundo Pereira, Tenente-coronel Francisco Barroso de Souza Cordeiro, Padre Mororó, Padre José Martiniano de Alencar, Bárbara Pereira de Alencar, dentre outros. A instrução militar foi outra possibilidade de familiarizar os discentes com a moral republicana, pois, através dela, propagava-se o culto a símbolos, como a bandeira nacional e estadual, o valor do Exército Brasileiro, armas nacionais e melodias de hinos, ou seja, todo um rito cívico de culto às tradições nacionais que despertassem a participação dos alunos na construção da pátria futura.

Sob orientação do professor de instrução militar, capitão Heraclio Hélio, os alunos realizavam, ainda, atividades de exercícios militares no pátio interno do instituto, sendo, às vezes, acompanhados por autoridades públicas e educadores, como o professor Manuel Antônio de Castro, diretor do Colégio Pará e Amazonas, de Belém do Pará, que visitou o educandário, em 1908, para conhecer os métodos de ensino utilizados no Instituto de Humanidades. Nas aulas teórico-práticas de instrução militar, uma das atividades de destaque foi a de compreender o funcionamento e nomenclatura do fuzil Mauser, que era adotado pelo Exército e Marinha Brasileira, desde 1895. Durante as festividades, os pelotões infantis desfilavam, pela cidade, mostrando o garbo de seus uniformes cáquis e sua destreza ao marchar compassadamente.

O ensino de História do Brasil e do Ceará eram, ainda, utilizado para se perpetuar a memória cívico-patriótica da nação brasileira, uma vez que, os discentes eram incentivados, nestas disciplinas, a conhecer e desenvolver narrativas a respeito de datas e fatos de relevância patriótica, como a saber: o Dia da Independência, Proclamação da República, o Dia da Abolição da Escravatura, que corresponde ao 13 de maio de 1888, o 21 de abril de 1789, os conteúdos dos primórdios da colonização do Ceará, Império e República e o papel de vultos como Marechal Deodoro da Fonseca, General Tibúrcio e Pedro II.

[178] Revista Escolar do Instituto de Humanidades, ano IV, n.1. Fortaleza, 15 de janeiro de 1907, p.5-7.

Destacamos algumas destas datas estudadas, com um cunho cívico-patriótico, pelos alunos do educandário, no que diz respeito a colonização do Ceará, as escritas dos alunos destacavam a figura de Pero Coelho de Souza, a fundação do Forte de São Lourenço, a fundação das aldeias jesuíticas, com os padres Luís Filgueira e Francisco Pinto e os índios Camarão e Jacaúna. A figura do General Antônio Tibúrcio Ferreira de Souza é apresentada na sessão "Patriotas Cearenses", da Revista Escolar, como um bravo e honrado guerreiro que, por defender o Brasil, na Guerra do Paraguai, faz jus a estátua inaugurada, em sua memória, na capital cearense. Para melhor compreender aspectos da vida do General Tibúrcio, os alunos do Instituto de Humanidades foram incentivados a uma pesquisa-passeio à praça na qual se encontra a estátua do militar, para descrever todas as inscrições e dados nela presentes, como a saber: data em que foi eregida a estátua, as batalhas por ele travadas, dentre outras. Durante a pesquisa, a cópia realizada pelo aluno Mozar Catunda Gondim, do poema General Tibúrcio de Juvenal Galeno, possibilitou a criação do prêmio Ceará, que era declamar a referida poesia, cabendo ao vencedor ter seu nome gravado em um cento de cartões impressos.

Nas lições, a imagem do herói republicano por excelência a ser cultuada pelos alunos, como modelo de defesa da pátria e mártir da liberdade, seria a de Tiradentes. A imagem de Tiradentes deveria incentivar, nos estudantes, o apego ao passado pátrio, a participação em assuntos que possibilitassem o progresso da nação, tornando-os capazes de agir de acordo com as idéias republicanas. A data de 21 de abril e a imagem de Tiradentes é destaque na Revista Escolar:

> Em um dos salões do "Instituto de Humanidades" realizou sábado, 21 do passado mez, á uma hora da tarde. Uma sessão literaria commemorativa ao dia da expiação do protomarty da Inconfidência Mineira – Joaquim José da Silva Xavier – o Tiradentes [...] Cento e quatorze annos caem pesadamente sobre este grande acontecimento! E a memoria de Tiradentes que expirou deixando transluzir no semblante a doce expressão de uma tranqüilidade nazarena, vive, viverá e será sempre affectuosamente respeitada e acolhida por todos os brasileiros!... Concluindo, significo meu cordial e sincero parabem ao illustre professor de civismo do Instituto de Humanidades, que com o mais justo e firme interesse encaminha seus alumnos para as plagas scintillantes e longiquas da luz. Irineu Filho (Auxiliar do C. Primário)[179].

Os conteúdos de História do Brasil priorizavam destacar com relevância as batalhas travadas pelo Brasil contra outras nações, como por exemplo, o Paraguai, visando, com isso, lembrar ao alunado a importância que "Recordar factos como esse, é ler no livro instructivo da história os feitos immacessiveis dos nossos antepassados; é beber luzes numas vidas que

[179] Revista Escolar do Instituto de Humanidades, ano III, n.5, Fortaleza, 10 de maio de 1906, p.1-2.

se desfizeram, das quaes nos resta ainda muito; o exemplo vivificante a ser imitado"[180]. Essas batalhas destacavam a importância da união patriótica que permitiria derrotar os adversários da pátria e da liberdade. Entre estas batalhas aparecem, com destaque, as de Tuiuty e de Riachuelo. A Batalha de Tuiuty era estampada como um importante feito realizado pelo Exército Brasileiro que, com abnegação e entusiasmo patriótico, conseguiu destruir adversários tiranos e indiferentes às causas humanitárias. Nessa batalha, o herói lembrado foi General Osório, o que aspirando elevar o Brasil, consegue, a 24 de maio de 1866, entrar vitorioso no território oriental, obtendo as vitórias de Tuiuty, Curuzú e Estero-Bellaco. A batalha naval de Riachuelo, travada a 11 de junho de 1865, é destacada pelo Instituto de Humanidades como uma grande vitória conquistada pelos brasileiros que, através dos esforços do Almirante Barroso, derrotaram, por completo, as unidades militares do Exército Paraguaio. As ações do Almirante Barroso e seus imediatos era apresentada para os alunos do Instituto de Humanidades como "[...] Riachuelo foi o tremendo altar em que se celebrou o sacrifício cruento daquella pugna, cujo principal sacerdote foi o lendario Barroso, acolytado pela nossa marinhagem, naquele dia de apprehensões mil da parte do inimigo e muitos loiros nossos"[181].

Complementando o caráter moral e cívico da proposta pedagógica do Instituto de Humanidades estavam os préstitos escolares, que eram desfiles infanto-juvenis realizados pelos alunos nas principais ruas da cidade de Fortaleza, durante a data de 14 de julho referente ao aniversário da Revista Escolar. Durante as comemorações deste dia, a sociedade cearense tinha a oportunidade de prestigiar os desfiles dos pelotões de alunos, pelas principais ruas do centro da capital cearense e ouvir os discursos proferidos pelos professores, intelectuais e políticos. Nesses desfiles, acompanhando os pelotões de alunos, seguiam cartazes, bandeiras, estandartes, carros alegóricos, ricamente bordados com os símbolos da República e o brasão do Estado do Ceará. Ao final dos desfiles, para que mostrassem às suas famílias a importância de uma formação para o culto da pátria, o professor Joaquim da Costa Nogueira convidava os alunos e seus familiares para retornar ao prédio do educandário, onde escutariam hinos, datas, palestras e frases que exaltassem a nação brasileira. A Revista Escolar, em uma de suas edições comemorativas, nos mostra a importância dessa educação cívica:

> [...] Assim como esse dia é para o povo, francez uma acentelha de luz, é também para nós, alumnos do "Instituto", um pharol, que ilumina os nossos espíritos e os

[180] Revista Escolar do Instituto de Humanidades, ano III, n.6, Fortaleza, 10 de junho de 1906, p.1.
[181] Revista Escolar do Instituto de Humanidades, ano IV, n.4, Fortaleza, 10 de abril de 1907, p.10-11.

> nossos passos, por onde devemos prosseguir, para mais tarde, sabermos penetrar no mundo da vida pratica e arfrontar os perigos que nos são próprios para desempenharmos o papel de cidadão, útil á pátria e á família! Pelo nosso tamanho; não desanimemos; "porque as aguias nascem pequenas, mas quando crescem-lhes as penas, sabem bem alto subir".
>
> Expressando minhas poucas e insignificantes palavras, e recondando-me do 14 de julho, data tão faustosa para o glorioso povo francez, desejo que uma das sentelhas que surgiu do derrocamento da negra prisão, venha aureolar e iluminar os nossos cérebros, para mais brilho da "Revista Escolar", que tanta prezamos. Aluizio Cordeiro.[182]

As leituras dos tomos das Revistas Escolares referentes ao meses de agosto dos anos de 1906, 1907 e 1908, nos permitiu visualizar como se organizaram as comemorações escolares para cada ano. Para o ano de 1906, o corpo docente e discente percorreram, de bonde, todas as linhas da via férrea de Fortaleza, como a saber, Alagadiço, Benfica, Estação e Fernandes Vieira. Durante o trajeto, os alunos davam vivas ao Instituto, à Revista Escolar, ao diretor e corpo docente, ao Imperador D. Pedro II e ao Dr. Virgílio Cardoso de Oliveira. No retorno ao educandário, o professor Joaquim Nogueira entregou aos alunos postais com retratos de homens ilustres do Estado do Ceará, que lhe foram ofertados como cortesia pela Livraria Araújo. Prosseguindo as atividades comemorativas, foi realizado, durante a noite, no Clube Atlético, mais precisamente no Teatro João Caetano, sessão literária que contou com presença dos familiares dos alunos e pessoas eminentes da sociedade cearense, como o Coronel Cabral da Silveira, Soriano Albuquerque, Bezerra de Menezes, Oscar Fietal e Barão de Studart, que presidiu a sessão. Marcaram presença, ainda, membros do corpo docente e discente, dos quais foram escolhidos como oradores, Bezerra Filho, representando o corpo docente e Antônio Bezerra, representando os estudantes do instituto. Desfechando as atividades festivas, houve, ainda, apresentação da Orquestra do Violão Clube, duas peças de teatro denominadas "O Fiasco" e o "Galego Lorpa" e, por fim, homenagem a Revista Escolar, onde uma menina, vestida de azul-claro, com uma coroa de ramos na cabeça e estampado, em seu vestido, com letras douradas, o nome "Revista Escolar", a qual segurava uma pena em uma das mãos e, na outra, uma coroa de pedras coloridas, coroando, assim, uma segunda menina vestida de azul, representando o "Instituto de Humanidades" e portando um colar de moedas no pescoço, tendo gravado no vestido o nome do educandário; trazia, ainda, em suas mãos, um livro e uma pena, que simbolizavam o Instituto e a Revista Escoalr.

No ano de 1907, as comemorações do préstito escolar foram intensas. Nesse dia, um domingo, o Instituto de Humanidades foi enfeitado com bandeirinhas, festões e flores,

[182] Revista Escolar do Instituto de Humanidades, ano III, n.7, Fortaleza, 14 de julho de 1906, p.10.

estando presente a Banda de Música do 9º Batalhão de Infantaria, tocando as mais variadas melodias. A partir o meio-dia, iniciou-se o desfile, seguindo para o Palacete da Assembléia local, que realizaria a solenidade, neste, estavam presentes 180 alunos, com seus familiares, portando uniformes brancos e emblemas do Instituto de Humanidades, que consistia em um broche com as iniciais do educandário e duas fitas verdes e amarelas. Esses alunos agrupavam-se de acordo com os quatro carros alegóricos presentes e puxados por bodes, representando o Instituto de Humanidades, a imprensa, o Ceará e a Revista Escolar. O primeiro carro alegórico recebia o nome de instrução e representava o Instituto de Humanidades e destacava variados emblemas, como o globo terrestre, mapas geográficos, materiais de desenho, figuras geométricas, lira, tinteiro, pena e livro aberto. Já o segundo carro, representando a Imprensa, estampava uma cesta grande, da qual pendiam jornais do Ceará e do Exterior, que faziam permutas com a Revista Escolar, mostrava, ainda, duas penas prateadas, que sustentavam uma coroa, simbolizando as vitórias da revista. Trazia, também, um escudo situado no meio de duas penas, com a inscrição Imprensa Brasileira. O pelotão de alunos que acompanhava esse carro segurava, cada qual, uma pena, simbolizando, assim, a propagação do escrito e do pensamento. Representando o Ceará, o terceiro carro foi enfeitado com fitas vermelhas, faixas e flores azuis, destacando a menina Edite Mendonça Costa Lima, que levava o escudo do Ceará e aparecendo, ainda, nos seus pés, a palavra Ceará. O batalhão de alunos que acompanhava esse carro trazia, cada qual, um escudo onde estava gravado o nome dos Estados que compunham o Brasil. Simbolizando a Revista Escolar, o quarto carro recebeu adornos auriverdes, flores amarelas e trazia, à sua frente, a menina Ceci Corlet Pereira, coberta por uma vasta capa verde, portando, nas mãos, uma coroa de louros e o estandarte do Instituto. Esse carro era acompanhado pelo corpo docente e discente. Na Assembléia, o cortejo cívico era aguardado pelos familiares e alunos do educandário, que lá estavam, para receber os participantes e pessoas ilustres, como Monsenhor Bruno, Dr. Aurélio de Lavor, diretor do Liceu, professor José Barcellos, Cônego João Alfredo Furtado e padre José de Arimatéa Cisne. A sessão foi presidida por Monsenhor Bruno e, durante a mesma, foi apresentado, pela primeira vez, o hino do Instituto de Humanidades e seu estandarte, que recebeu bênções do Cônego João Furtado. Nesse ínterim, José Carlos de Matos Peixoto, lente do educandário, proferiu discurso, no qual, elogiava o Instituto de Humanidades, por adotar o método de ensino intuitivo. O corpo discente foi representado com o discurso de Antônio Bezerra de Menezes, aluno-auxiliar, que dissertou sobre o papel da instrução. No recinto da Assembléia foram distribuídos prêmios aos alunos. Finalizando a sessão, às 3 horas da tarde, sob o cantar do hino do Instituto, o préstito escolar retorna ao

educandário, pelas ruas Floriano Peixoto, Praça dos Mártires e Formosa, sendo fotografados por N. Olsen e Dabir Benévolo. No interior do educandário houve, ainda, discursos de docentes e discente, como: Bonerges Facó e Amadeu de Castro. Durante a comemoração estavam presentes representantes de outros educandários, como o Externato Miguel Borges, Liceu do Ceará, Colégio Colombo e Fênix Caixeiral.

A festividade para 1908, ocorreu nas dependências do Instituto de Humanidades, de forma mais específica, no Salão Brasil, que foi decorado com fitas multicores, quadros estampando vultos heróicos, escudos com nomes de Estados e destaque para mapas geográficos. A solenidade iniciou-se ao meio-dia, sendo presidida pelo Barão de Studart, tendo como colaboradores os senhores Thomas Pompeu de Souza Brasil, Raimundo Arruda e Mozart Soriano Albuquerque. Após o discurso do Barão de Studart, foram entoados os hinos do Instituto de Humanidades e da Pátria, acompanhados pela orquestra do Batalhão de Segurança. Nesse dia de felicidade, foram entregues prêmios aos alunos que obtiveram os primeiros lugares nas sabatinas. Esses prêmios foram: Rui Barbosa, Instituto de Humanidades, Revista Escolar, Iracema, José de Alencar e Pátria Brasileira. Finalizando a entrega dos prêmios, o discente Antonio Bezerra de Menezes discursou sobre o histórico da Revista Escolar; em seguida, proferiram palavras de elogios aos educandos o Barão de Studart e o jornalista Sebastião Sampaio. A comemoração do referido ano contou com a presença do Colégio Colombo, Colégio Nossa Senhora do Carmo, Fênix Caixeiral, Liceu do Ceará e jornais, como A República, Gazeta da Tarde, Cruzeiro do Norte e Revista Comercial. Toda a solenidade foi fotografada por José de Mendonça Nogueira. Durante a noite, o mestre-escola Joaquim Nogueira abriu o salão do Instituto de Humanidades para receber as famílias, autoridades, professores, estudantes e jornalistas, em uma festa dançante, que teve fim às duas horas da madrugada.

De acordo com Souza, as comemorações cívicos-patriótica realizadas eram:

> [...] pois,uma festa oficial, uma solenidade na qual, reunindo toda a comunidade escolar, as famílias, as pessoas "graúdas" da sociedade, as autoridades e a imprensa, a escola reafirmava sua identidade e o seu valor social. Por isso, nada melhor para divulgar o seu trabalho e o seu prestígio do que o ar solene, grave, formal dessas festas, juntamente com o espetáculo, a encenação realizada pelos próprios alunos – sentido primeiro da existência da escola. A escola tornava-se palco e cenário, algumas vezes caprichosamente ornamentado, onde alunos-atores encenavam para a sociedade o espetáculo da cultura, das letras, da ordem, das lições morais e cívicas.[183]

[183] SOUZA, Rosa de Fátima de. **Templos de civilização:** a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1890-1918). São Paulo: Ed. UNESP, 1998, p.253-254.

O Instituto de Humanidades, ao realizar suas festividades de cunho cívico-patriótico, buscava propagar o imaginário republicano, não apenas ao seu corpo docente e discente, mas, também, à toda sociedade cearense, que poderia acompanhar as atividades cotidianas do educandário através das páginas da Revista Escolar e comparecendo aos préstitos escolares, concursos, sabatinas e entrega de prêmios. Os atributos de valores cívico-republicanos eram presentes, ainda, nos exames, sabatinas, concursos e prêmios, maneira pelas quais, o educandário buscava estabelecer uma classificação gradual dos alunos, em série, que lhes permitiam obterem condições intelectuais para atuarem na sociedade moderna.

Os exames, no Instituto de Humanidades, eram freqüentes, pois os alunos eram avaliados, mensalmente, por meio de provas escritas e orais, estas, denominadas sabatinas, que ocorriam aos sábados. No mês de novembro, ocorriam os exames finais, que recapitulavam todas as lições aplicadas no decorrer do ano letivo, sendo as médias calculadas através da soma das médias diárias de cada disciplina, que eram divididas pelos números de lições ministradas, no mês, sendo acrescido um algarismo decimal, quando era imperfeita a divisão, pois, o grau era importante para a classificação dos alunos em suas respectivas séries. Os alunos que obtinham maior nota, nos exames finais, tinham seus nomes e provas estampados nas páginas da Revista Escolar dos meses de novembro ou dezembro. Para estimular o interesse dos discentes, em adquirirem conhecimentos, era comum realizar concursos que consistiam em atividades sobre cada disciplina ministrada no educandário. Dentre esses concursos podemos destacar o Ceará-República e Cearenses Ilustres. O primeiro, consistia, como já foi mencionado anteriormente, em escrever datas e fatos sobre o Ceará, a partir de 15 de novembro de 1889; o segundo, se caracterizava pela escolha de personalidades que contribuíram para o mundo das letras, como:

> José de Alencar, Rodolfo Teófilo, Domingos Olímpio, Barão de Studart, Clóvis Bevilaqua, Raimundo Farias Brito, Francisco Marcondes Pereira, Thomaz Pompeu de Souza Brasil, Juvenal Galeno, Adolfo Caminha, Álvaro Martins, Tristão de Alencar Araripe Júnior, João Brígido, Barbosa de Freitas, Rocha Lima, LJoão Câmara, Fausto Barreto, João Sobreira, Franklin Távora e Lívio Barreto.[184]

Para prestigiar os alunos que conseguiam resultados satisfatórios, nos exames, sabatinas e concursos, o instituto fazia uso de prêmios, como por exemplo, publicar as fotografias e trabalhos na Revista Escolar; distribuição de “chapas”, que eram pequenas moedas, sem valor monetário, que correspondiam à pontuação para se ascender aos primeiros lugares; distribuição de livros com encadernações luxuosas; cartões postais; assinatura da

[184] Revista Escolar do Instituto de Humanidades, ano IV, n.4. Fortaleza, 10 de abril de 1907, p.10-11.

Revista Escolar, de maneira gratuita; dentre outros. No rol de prêmios é possível destacar o "Prêmio Virgílio Cardoso", "Prêmio Brasil", "Prêmio Ceará", "Prêmio Instituto de Humanidades".

O "Prêmio Virgílio Cardoso", cujo nome era em homenagem ao Diretor do Ensino Municipal de Belém do Pará, era destinado aos discentes do curso primário que conseguissem obter a melhor classificação na primeira sabatina de cada mês. O vitorioso era prestigiado com o livro "A Pátria Brasileira", cujo autor era Dr. Virgílio Cardoso. Já o "Prêmio Brasil", era destinado ao aluno que melhor recitasse o hino A Pátria, durante as sabatinas. Para o vitorioso da recitação estava destinado um volume do livro "Mosaico Infantil", também saído da pena do Dr. Virgílio Cardoso. O "Prêmio Ceará", instituído pelo padre José Arimatéa Cisne, consistia em ofertar a obra "Aventuras de Robison Crusoé" ao aluno que melhor dissertasse sobre a colonização do Ceará. Tinha, ainda, o "Prêmio Instituto de Humanidades", idealizado pelo Dr. Virgílio Cardoso de Oliveira, que consistia em presentear, com o livro "Álbum da Festa das Crianças", o discente que melhor resultado obtivesse nas argüições de Civismo, Geografia, História do Brasil e Cálculos Mentais. Na Revista Escolar de 1906, podemos visualizar o "Prêmio Brasil":

> Premio "Brazil"
> Em tres classes do curso primario foram recitados os versos constantes do Hymno á Pátria, transcriptos do Mosaico Infantil, no ultimo numero de nossa Revista. Após a recitação em cada classe procedeu-se a eleição do melhor recitador: cada alumno, por sua vez, chamado a mesa do professor, escrevia num papelito o nome do recitador que mais o satisfez, e depunha na urna o seu voto.
> Feito a apuração, verificou-se serem mais votados: na 2ª classe os alumnos Adhemar Barbosa Leite (12 votos) e Alvaro Nunes de Mello (8); na 3ª classe, Jayme Studart (8) e Oswaldo Studart (7); na 4ª classe (curso médio) Paulino Barrozo Salgado (7) e Mario Barrozo Studart (9). Convidamos os mais votados a recitarem, de novo, perante os alumnos do curso secundário 1º anno, que se achavam presentes ao acto, ordenou o sr. Director que se fizesse nova eleição, sendo votantes estes últimos.
> Obteve maior numero de votos (11) o alumno Oswaldo Studart, a quem foi conferido o premio debaixo de uma chuva de palmas de todos os seus colegas e de palavras animadoras de seus professores.[185]

Nos dias que aconteciam as sabatinas, entrega de prêmios e exames finais, os discentes do Instituto de Humanidades entoavam hinos de louvor à Pátria e ao Ceará. Era de praxe, ainda, que os familiares, autoridades civis e eclesiásticas, literatos e jornalistas comparecessem para conferir o desempenho dos discentes e a entrega das premiações. No exame final de novembro de 1908, entre os convidados, estavam os senhores Thomas Pompeu de Souza Brasil; Joaquim José de Almeida Filho; João Alfredo Correa; Vicente de

[185] Revista Escolar do Instituto de Humanidades, ano III, n.2. Fortaleza, 10 de fevereiro de 1906, p.7.

Arruda Gondim; Dona Maria Clara de Souza Marques, que dirigia o Colégio Nossa Senhora do Carmo; Frei Marcelino de Milão, da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos; os acadêmicos Sófocles Câmara; Arthur Cirilo; Custódio Meneleu de Pontes; José Salustiano Correa; Mozart Pinto; os coronéis Arcádio L. de Almeida Fortuna; Antonio Ivo de Matos; e, os senhores João Câmara Filho, Ismael Pordeus, Rafael Pordeus e José Lopes da Silva Filho, que era proprietário do Atheneu Brasil, em Belém do Pará.

O Instituto de Humanidades Portanto ao propiciar para seu corpo discente uma formação pautada pela moral cívica-republicana buscava difundir uma cultura escolar que priorizasse o caráter, autonomia, o senso do dever para com a família e a sociedade, o respeito a ordem pública e consideração com a memória dos heróis e símbolos nacionais.

4 – MATERIAL PEDAGÓGICO EM CONSTRUÇÃO: A REVISTA ESCOLAR DO INSTITUTO DE HUMANIDADES

4.1 Salve 14 de julho! Nasce a fulgente Revista Escolar

Neste capítulo, narramos como o Instituto de Humanidades propagou suas práticas pedagógicas para seu corpo docente, discente, colaboradores e público em geral, por meio das páginas de seu periódico: a Revista Escolar.

A partir da década de 1990, a proliferação de pesquisas sobre manuais didáticos[186], como livros, revistas e jornais, tem possibilitado, aos estudiosos, caminhos para tecer escritas sobre o funcionamento das instituições escolares, por trazerem dados importantes a respeito da vida cotidiana de seus atores, como diretores, professores, alunos, funcionários, colaboradores, dentre outros. Segundo Valdemarim, essas pesquisas, que tratam de cultura escolar, produzidas sobre educandários, possibilitam:

> Sínteses analíticas dos estudos sobre cultura escolar evidenciam seu aparecimento da literatura educacional valendo-se de contribuições da antropologia e da história, principalmente, e afiançam a compreensão mais aprofundada de aspectos internos na instituição escolar. As práticas escolares cotidianas, a organização curricular prescrita e efetivada, os processos de construção do conhecimento escolar, a apropriação e circulação de concepções e métodos de ensino, rituais e comemorações escolares, dispositivos de avaliação, objetos materiais, a profissionalização docente, entre outros aspectos antes desconsiderados, têm possibilitado a construção de interpretações mais abrangentes e a compreensão da complexidade dos processos próprios da educação escolarizada.[187]

Há aproximadamente 104 anos atrás, no dia 14 de julho de 1904, nasceu, em Fortaleza, a fulgente Revista Escolar do Instituto de Humanidades. A escolha dessa data teve um significado especial, pois, simbolizando o ganho de liberdade do povo francês, devido a

---

[186] Dentre os pesquisadores que elaboraram trabalhos sobre a cultura escolar, a partir da análise de materiais didáticos, podemos citar Valdemarin, Vera Teresa. **Estudando lições de coisas:** análise dos fundamentos filosóficos do método de ensino intuitivo. Campinas-SP: Autores Associados, 2004; VALDEMARIM, Vera Teresa. Interfases de pesquisa sobre materiais didáticos. In: BENCOSTTA, Marcus Levy Albino (Org.). **Culturas escolares, saberes e práticas educativas:** itinerários históricos. São Paulo: Cortez, 2007; SOUZA, Rosa Fátima de. História da cultura material: um balanço inicial. In: BENCOSTTA, Mareus Levy Albino (Org.). **Culturas escolares, saberes e práticas educativas:** itinerários históricos. São Paulo: Cortez, 2007; CHAVES, Mirian Waidenfeld. A revista escolar argentina: reflexões sobre um periódico escolar nos anos 20 e 30. **Revista Brasileira de História da Educação**. SBHE – Sociedade Brasileira de História da Educação, julho/dezembro, 2003, n.6. São Paulo: Autores Associados.

[187] VALDEMARIM, Vera Teresa. Interfases de pesquisa sobre materiais didáticos. In: BENCOSTTA, Marcus Levy Albino (Org.). **Culturas escolares, saberes e práticas educativas:** itinerários históricos. São Paulo: Cortez, 2007, p.301-302.

Queda da Bastilha[188], deveria despertar no alunado o compromisso com a obtenção do saber, e as práticas das virtudes cívicas para com a pátria e a família.

A Revista Escolar foi idealizada e editada pelo professor Joaquim da Costa Nogueira, com o intuito de divulgar, além dos muros do educandário, as práticas pedagógicas utilizadas para formar o corpo docente e discente. A publicação do periódico era mensal, sendo que, de 1904 a 1910, a impressão foi realizada na oficina Tipographia a Vapor; de 1910 a 1914, passou a ser impressa nas oficinas da Tipografia Escolar do Instituto de Humanidades, que funcionava vizinho ao educandário, situado na Rua Sena Madureira, nº 113/113ª.

Os tipógrafos que manuseavam as máquinas da Tipografia Escolar, para dar vida à revista, foram os senhores José Martins, Francisco Gonçalves da Justa e Joaquim Alves de Oliveira. A assinatura da Revista Escolar, por um ano, custava 65$00 e, de forma avulsa, 5$000, sendo o pagamento realizado de forma adiantada. Aquele que se interessasse pela assinatura da revista poderia obtê-la a qualquer momento, tendo direito de receber os números já editados. Aos assinantes que indicassem uma lista de cinco interessados em fazer a assinatura do periódico escolar, com a devida importância, ganhava como bônus uma assinatura grátis.

Sendo editada de maneira regular, durante uma década de existência, a Revista Escolar apresentou, em 1904, sete números, com um total de 52 páginas; 1905, onze números, sendo 88 o total de páginas; 1906, doze números, com um total de 144 páginas; 1907, onze números, chegando a 224 páginas; 1908, onze números com 284 páginas; 1909, doze números, fechando um total de 300 páginas; 1910, doze números com um total de 356 páginas; 1911, seis números, num total de 176 páginas. Portanto, ao completar dez anos de existência, a Revista Escolar, em 1914, apresentava 114 números editados, com um total de 2.570 páginas[189].

A Revista Escolar de julho de 1911 mostra, em tabela, essa periodicidade[190]:

---

[188] Para maiores informações, verificar obras que abordam a Revolução Francesa, tais como: BOTTO, Carlota. **A escola do homem novo:** entre o Iluminismo e a Revolução Francesa. São Paulo: Ed. UNESP, 1996; CAMBI, Franco. A Revolução Francesa e a educação: pedagogia, escola, vida civil. In: CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. São Paulo: Ed. UNESP, 1999, p.365-374; SOBOUL, Albert. **A Revolução Francesa**. Edição comemorativa do centenário da Revolução Francesa, 1789-1989. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

[189] Revista Escolar do Instituto de Humanidades, ano X, n.6 e 7, Fortaleza, junho e julho de 1914, p.12.

[190] Revista Escolar do Instituto de Humanidades, ano VIII, n.7, Fortaleza, 14 de julho de 1911, p.19.

Volumes	Annos	Numeros de edições	PAGINAS	
			Do texto	Annexas
I	1904	7	52	-
II	1905	11	88	-
III	1906	12	144	-
IV	1907	11	224	40
V	1908	11	284	11
VI	1909	12	300	5
VII	1910	12	356	48
VIII	1911*	6	176	-
Total	-	82	1624	104

(*) Até ultima edição de Junho p. passado.

A Revista Escolar apresentou, em todas as suas edições, o tamanho de 20x15cm. A venda do periódico era realizada de duas maneiras: avulsas, que consistia na venda unitária, de cada edição, onde poderia atingir um número de 24 a 32 páginas, e brochuras, que correspondiam ao conjunto de todas as edições produzidas no decorrer do ano, ou seja, uma coletânea que tinha o formato de livro com capa dura.

Por meio das leituras dos tomos da Revista Escolar[191] percebemos que havia uma finalidade nesses dois tipos de comercialização do periódico: a maneira avulsa permitia transportar e folhear a revista com maior comodidade; já o formato em brochura, visava facilitar uma visão mais ampla sobre os conteúdos estampados nas páginas e isso preservava, ainda, a conservação do periódico.

Outros fatores a serem destacados, na materialidade da Revista Escolar, são as capas, contra-capas, letras, desenhos, propagandas, fotografias e ilustrações. As capas, que correspondem aos anos de 1906, 1907, 1908, 1911, 1912 e 1914, apresentam variações na diagramação. De janeiro de 1906 a junho de 1907, as capas da Revista Escolar são apresentadas com o mesmo padrão. Durante esses dezoito meses, as capas das referidas revistas são simples, apresentando, na parte superior, o nome da mesma; logo abaixo, a denominação do Instituto de Humanidades, Estado e cidade em que ocorria a publicação; ao centro, destaca-se um desenho de forma circular, onde, no meio, encontra-se um livro, que serve de suporte a uma ampulheta, tendo, ao lado, um diploma; ao término da folha, destaca-se o nome da tipografia na qual era editada a revista e o ano de publicação. Nos tomos

[191] Revistas Escolas do Instituto de Humanidades, brochuras que foram analisadas: 1906, 1907, 1908, 1911, 1912 e 1914.

referidos acima não havia contra-capas. Quanto ao desenho que figura nas referidas capas, o mesmo busca mostrar que o processo de aprendizagem requer leitura, tempo e dedicação.

Nas Revistas Escolares de julho de 1907 a novembro de 1908, as capas mudam de estampas, apresentando, na parte superior, o nome do periódico, com letras desenhadas de modo artístico; abaixo, o nome do instituto, cidade e estado onde a revista era publicada; na parte inferior, apresenta o nome do diretor da revista, que é o mesmo do educandário; e, à margem, a tipografia que editava estas páginas pedagógicas. No centro da revista figurava um desenho, em finos detalhes, como a saber: uma mulher majestosa, vestida com túnica em estilo greco-romano, segurando, em uma das mãos, uma coroa de louros; ao seu lado, encontra-se uma criança, bem vestida, portando uma cartilha de ABC e, na outra mão, uma tocha; abaixo da figura infantil encontra-se um tinteiro com uma pena e um livro aberto. Outros elementos que figuravam nas capas são: uma coruja, estante com vários livros e um globo.

Levando em consideração que a publicação da Revista Escolar ocorreu num momento de intensa propagação dos valores cívico-republicanos, podemos deduzir que o ambiente onde estão situados os desenhos da mulher e da criança correspondem a uma escola vista, neste momento, como templo de civilização e instrução capaz de iluminar os caminhos do saber para o progresso da nação. A mulher majestosa, portanto, representa a República coroando a criança que, por meio da instrução, adquiriu as luzes do saber letrado, moral e cívico, tão necessários na formação do cidadão republicano.

De janeiro a setembro de 1911, as capas são modificadas, passando, então, a constar, no plano superior da folha, o ano de publicação e o número correspondente ao mês de edição; logo abaixo, os nomes do periódico, do instituto e do diretor da revista e o mês de publicação. Em seguida, conta o sumário, com as sessões descritas; na parte inferior, estampam-se cidade e estado de publicação, nome e endereço da tipografia, que passou a ser Tipografia Escolar e o ano. Nessas revistas figura, ainda, contra-capas, onde aparecem o nome do periódico, caráter de publicação, local de impressão, corpo diretor, redator e colaborador, condições de assinatura e compra avulsa e, por fim, a lista de correspondentes nos Estados e Países em que a revista circulou. Ainda no ano de 1911, na edição compacta, para outubro e novembro, a Revista Escolar apresenta alterações em sua capa, que duram até o número compacto de outubro e novembro de 1912. As capas, a partir de então, passam a apresentar, na parte superior, o ano, volume e número; logo em seguida, o nome do periódico, educandário e diretor da revista, referência dos meses, ano e cidade. Ao centro da capa, aparece um desenho

que estampa uma estrela iluminando objetos escolares, como globo terrestre, livros, tinteiros, pena, compasso, folhas com sólidos geométricos, esquadro e mesa; abaixo dos elementos aparecem a frase, em latim: “Sunt sua proemia laudi”[192]. Ao final da capa encontramos menção ao estado e cidade, nome e endereço da tipografia e o ano da edição.

No desenho da capa da referida revista, a estrela iluminando os artefatos escolares tem uma relação intrínseca com a idéia de ser por meio da instrução do indivíduo que seria possível caminhar rumo ao progresso material e cultural da nação. Os objetos escolares, como compasso, esquadro e folha com desenhos de sólidos geométricos têm uma relação direta com o mundo industrial, que se desenvolvia e necessitava de pessoas capacitadas para lidar com conhecimentos técnicos. Nesses tomos das referidas revistas, a contra-capa contém o sumário, o nome da revista, periodicidade de publicação, local de impressão, corpo diretor, redator e colaborador, condições de assinatura e venda, nome e endereço do Instituto de Humanidades.

Novas modificações ocorrem na capa de janeiro a maio de 1914, que fica com a ausência de desenhos, apresentando, na parte superior da capa: ano, número e volume de publicação; na seqüência, apresenta os nomes do periódico, educandário e diretor da revista, o estado, mês e ano de publicação; ao centro da capa, destaca-se o sumário dividido em assuntos, como didática, vida escolar e notas diversas; abaixo, continua a frase “Sun sua proemia laudi”; ao final da folha, estampam-se os nomes do estado, cidade, ano e endereço da Tipografia Escolar. As contra-capas presentes nas referidas revistas continuam a apresentar o nome do periódico, caráter de periodicidade, local de impressão, corpo diretor, redator e colaborador, condições de assinatura e pagamento da revista, endereço do Instituto de Humanidades. O diferencial na contra-capa deriva da apresentação feita sobre as publicações pedagógicas elaboradas e editadas pelo Instituto de Humanidades, como a saber: o Ano Escolar, de 1908, que custava 2$000; Ano Escolar para 1910, que custava 3$000; Lições Progressivas de l^{as} Letras, que custava 1$000 e as Coleções da Revista Escolar em brochuras, custando 6$000. Para a edição compacta de junho e julho de 1914, ano de comemoração de 10 anos de existência da Revista Escolar, a capa apresenta alterações, trazendo, na parte superior da folha, um elegante desenho, representando um jarro, em forma de tocha, contendo flores e ramos, tendo ao lado o ano, número, volume da edição, país e estado. Na seqüência, aparecem o nome do periódico, do educandário e diretor da revista, assim como referência a cidade, meses e ano. No centro, aparece, estampado, o mesmo

192

desenho presente nas capas das revistas compreendidas entre outubro e novembro de 1911 até outubro e novembro de 1912, ou seja, a estrela iluminando objetos escolares. Abaixo do desenho é presente, ainda, a mesma frase, em latim "Sunt sua proemia laudi"; finalizando a folha aparecem o nome e o endereço da Tipografia Escolar. A contra-capa para esta edição compacta apresenta, apenas, o sumário, que contempla temáticas referentes ao aniversário de 10 anos da Revista Escolar, como: Parte Comemorativa, Flores da Revista, em Nossa Pasta e Notas Diversas.

A Revista Escolar, enquanto material pedagógico do Instituto de Humanidades, ao completar uma década de existência no âmbito educacional cearense, recebeu uma edição especial, na qual foram apresentadas considerações sobre o papel do periódico, lugares de circulação das revistas, representantes, colaboradores, assinantes e comentários da imprensa local e nacional.

As páginas comemorativas da Revista Escolar, de 1914, mostram sua face de propagação da cultura escolar posta em prática no cotidiano do Instituto de Humanidades, sendo destaque na escrita do professor Joaquim Nogueira, logo na primeira página:

> Completa, justamente hoje, um decennio de sua fundação, esta modesta e pequena Revista – vida e alma do Instituto de Humanidades –, que contou, também, a 15 de janeiro do corrente anno, dous lustros de fecunda e utilissima existência, toda entregue e como que absorvida nos espartanos e afanosos labores escolares Não fora a Revista – propulsor e poderosíssimo elemento de propaganda intellectual – o Instituto não estava hoje tão conhecido e nem tão pouco teria conquistado tão alto renome e feito jús aos honrosos conceitos que o fazem attingir ao nivel do progresso moral e intellectual, emulando assim com seus congeneres, os quaes se impõem por sua máxima importancia e vivo destaque no vasto proscenio do ensino cívico[193].

Na sessão intitulada "Amigos do Instituto" são feitos agradecimentos aos colaboradores, correspondentes e assinantes que, no decorrer dos 10 anos de vida da Revista Escolar, apoiaram suas edições, enviando artigos, divulgando, dando apoio financeiro e participando nas atividades do Instituto de Humanidades. Entre os vários nomes que compuseram o rol de colaboradores estavam: Odorico Castelo Branco, diretor do Instituto Miguel Borges, docente no Instituto de Humanidades e propagador da Revista Escolar; Dr. Raimundo Ribeiro, que escreveu na sessão de "História Universal" e ilustrou, com sua erudição, as páginas da Revista Escolar; Andrade Furtado, acadêmico de Direito, escreveu a sessão "Cousas Históricas", contemplando assuntos de moral-cívica e cristã; João Batista Perdigão de Oliveira, membro do Instituto Histórico do Ceará, que escrevia artigos

[193] Revista Escolar do Instituto de Humanidades, ano X, n. 6 e 7, Fortaleza, junho e julho de 1914, p.1.

diversificados para a revista; Júlio Monteiro, que escrevia na sessão “Idioma Rústico”, forte propagador da Revista Escolar; Francisca Clotilde, que permutava a Revista Estrela e escrevia poesias na Revista Escolar; coronel Francisco de Matos Brito, da cidade de Guaramiranga, amigo do professor Nogueira, desde a época do Ginásio Baturiteense; Dr. Virgílio Cardoso de Oliveira, que tinha seus livros sobre civismo adotados no educandário; Raimundo Ângelo da Silva, antigo pupilo que atuou como aluno-auxiliar no educandário e importante divulgador da revista, na Bahia; Arthur Thiré, importante colaborador, escrevia na sessão “Pontos de Aritmética”, e tinha seus livros adotados no instituto; professor F. Amédée Péret, membro do Ministério Brasileiro, em Belo Horizonte, enviava artigos sobre educação; Dr. H. Geenem, docente do Instituto de Ciências e Letras de São Paulo, enviava exercícios de matemática e lógica para a revista e tinha seu livro adotado no educandário; Dr. Nestor dos Santos Lima, dirigiu a Escola Normal de Natal, que teve sua biografia destacada na sessão “Pedagogistas Ilustres”.

No plano internacional de colaboradores destacavam-se: Dr. D. Abel J. Perez, Inspetor Nacional de Instrução Primária, em Montevidéu, recebia e divulgava a revista; prof. Marcelino M. Martinez, Diretor da Escuela Graduada Doble, de Ajos, recebia e divulgava a revista; prof. Cyridião Buarque, que fundou, em Nova York, o Brazilian Bureau of American Education e o Brazilian Guardian Institution, que recebia alunos que pretendiam realizar estudos nos Estados Unidos da América e tinha, como representante de sua instituição no Ceará, o prof. Joaquim Nogueira; Richard H. Mardock, estudante do St. Ann’s Academy, na cidade de Nova York, recebia a revista; Isaac Guadan, dirigiu a educação popular e lecionou no Instituto de Logroño – Espanha, recebia e divulgava a Revista Escolar, dentre outros.

Nas sessões da Revista Escolar Comemorativa , de 1914, alguns colaboradores emitiram seus pareceres sobre o papel da Revista Escolar. Nas sessões “Flores da Revista” e “Em Nossa Pasta” destacaram-se os pareceres de Ângelo da Silva, ex-aluno-auxiliar do Instituto de Humanidades e do docente paraguaio Marcelino M. Martinez. Ângelo da Silva, no artigo intitulado “Dez annos” e presente na referida sessão, menciona:

> Para que se dissesse, com precisão e lucidez, dos seus reaes e inilludiveis prestígios á causa da Instrução, seria mister historiar-lhe a faina incessante nessa marcha evolutiva, durante a longa e penosa travessia de um decennio, sem jamais se desviar do escabroso itinerário, traçado ao encetar a sua missão luminosa, nas pugnas augustas do pensamento, naquella rósea e esplendida alvorada de 14 de julho de 1904, em que surgiu o famoso paladino das letras. Ter-se-ia, com effeito, de enumerar-lhe a valiosa serie de ensinamentos que tem sabido docemente espargir no espírito juvenil, por todas as camadas sociaes e em todas as direcções,

> com o pabulo salutar de sua leitura amena e instructiva, que illumina e robustece a intelligencia, que conforta e vivifica o coração.[194]

O professor paraguaio, em carta dirigida ao professor Joaquim Nogueira, menciona:

> Ajos – Paraguay, abril 15 de 1914.
>
> Señor Director de ia "Revista Escolar" do Instituto de Humanidades – Fortaleza (Brazil).
>
> Habiendo tenido La feliz ocasión de leer um número de la Revista Escolar do Instituto de Hmanidades, que se publica en esa cuidad, bajo su digna Dirección, me permito rogar á Vd., señor Director, quiera incluir a la Escuela Graduada de Ajos en el número de sus suscritores. Lo materiales interesantisimos que se publican en su Revista, señalan para la misma un lugar preferente en las "Bibliotecas Escolares", e es en éste concepto que éta Dirección la solicita de Vd. É le agradece de antemano su envio.
>
> Rogándole indicar a ésta Dirección la forma en que debe efectuar-se el pago de la suscripción, ruego a Vd. Quiera considerarme como un S. Sr.
>
> Marcelino M. Martinez – Director.[195]

A imprensa, sendo um importante veículo de comunicação, no início do século XX, para a propagação de informações, idéias e debates, como a saber, sobre os rumos da educação, tornou-se um caminho viável para a divulgação da Revista e do Instituto de Humanidades. Significativa foi a presença de jornalistas, durante as sabatinas e comemorações realizadas no Instituto de Humanidades e o próprio professorado, como o padre José Arimatéa Cisne, via como benéfica essa aproximação da escola com o mundo do impresso, que poderia contribuir para formar homens capazes de honrar a pátria, por meio da sua pena. Na Revista Escolar, edição comemorativa de 1914[196], destacam-se revistas e jornais que permutavam com a mesma: Revista Phenix; Correio Eclesiástico, em Fortaleza; Revista A Estrella, de Aracati; A Alvorada, de Baturité; O Rebate, de Sobral; Crisântemo, de Camocim; O Cearense, de Belém do Pará; O Norte, de Barra da Corda, no Maranhão; O Estado de Taraucá, no Acre; A Escola, da Bahia; a Revista Acadêmica da Faculdade de Direito do Recife; Revista da Semana, do Rio de Janeiro; Revista de Ensino, de São Paulo; Revista de Ensino Mineiro, de Minas Gerais. As permutas com periódicos estrangeiros ocorrem com: Almanaque Bertad, de Lisboa; Educação Popular, de Lograño, na Espanha; Revie Internationale, da França; Boletim Salesiano, da Itália; Revista de Educación Física, do Chile; El Salvador Pedagógico, de San Salvador; Anales de Instrucción Primaria, do Uruguai, dentre outras.

---

[194] Revista Escolar do Instituto de Humanidades, ano X, n. 6 e 7, Fortaleza, junho e julho de 1914, p.41.
[195] Idem, p.16-55.
[196] Revista Escolar do Instituto de Humanidades, ano X, n. 6 e 7, Fortaleza, junho e julho de 1914, p.13-17.

As escritas comemorativas, contudo, não foram presentes apenas no tomo da Revista Escolar referentes aos meses de junho e julho de 1914, mas, também, em todas as edições de julho da mencionada revista, que traziam comentários sobre os préstitos escolares, escritas docentes, discente e colaboradores a respeito do periódico, poesias, hinos, prêmios, concursos. Três aspectos são ainda importantes para ressaltar, a respeito da Revista Escolar: as fotografias, as ilustrações e as propagandas.

Quanto ao aspecto fotográfico, percebemos, através das leituras, ser ele presente, apenas, em alguns tomos comemorativos (1906, 1907 e 1908) e, ainda, na sessão "Amigos do Instituto", de 1911. Na edição de julho de 1906, as fotografias estampadas contemplaram apenas o diretor, na folha inicial e alguns docentes, como padre José de Arimatéia Cisne, José Carlos de Matos Peixoto, Francisco de Assis Bezerra Filho, José Lopes de Aguiar e Joaquim Pimenta. Para julho de 1907, foram estampadas fotos do corpo docente e administrativo, em conjunto, alunos que obtiveram os primeiros lugares, nos exames e concursos, atividades realizadas no Salão Brasil, como o desenho da "Carta do Brasil" e, por fim, o segundo aniversário da Revista Escolar, onde os discentes, portando letras do alfabeto, em suas mãos, formavam o nome "Revista Escolar do Instituto de Humanidades". Já, em 1908, as fotografias presentes contemplaram, na folha inicial, o colaborador Dr. Virgílio Cardoso de Oliveira, um quadro ofertado pelo referido colaborador aos alunos do instituto, o corpo docente e administrativo, momentos do préstito escolar, ocorrido em 1907, e alunos que ocuparam os primeiros lugares nos exames e concursos. Por fim, na revista de 1911, as fotografias foram presentes na sessão "Amigos do Instituto", contemplando o Dr. José Lino da Justa, clínico e delegado fiscal do Governo Federal junto ao Liceu do Ceará; Alba Valdez, escritora e professora do Grupo Escolar de Fortaleza; Dr. Ildefonso Correia Lima, médico, deputado e professor do Liceu, onde lecionou Ciências Físicas e Naturais e, na época do Império, clinicou no Hospital de Misericórdia da Corte; Dr. José Maria da Silva Freire, jurista, em Recife, e Dr. Olimpio Galvão. Já as ilustrações, aparecem, apenas, nas edições da Revista Escolar referente ao ano de 1907, contemplando mapas, figuras geométricas, bustos de figuras ilustres e imagens para elaboração de histórias. Por fim, quanto as propagandas presentes nas Revistas Escolares, perfilavam o próprio periódico, o Instituto de Humanidades, o Pensionado Infantil do educandário, a Tipografia Escolar, livros, como o Ano Escolar, Compênio de Lógica, do Dr. H. Geenen; Aritmética Ginasial e Curso Ginasial Completo de Álgebra, ambos do Dr. Arthur Thiré.

Procuramos esclarecer, através dessas linhas, que a Revista Escolar do Instituto de Humanidades, criada num contexto onde o imaginário cívico-republicano influenciava a formação do alunado, tornou-se veículo de propagação e instrução de métodos e idéias pedagógicas postas em práticas pelo educandário.

4.2 A tinta no papel: escritas de docentes, discentes, colaboradores e editor

Nas linhas delineadas no item anterior, mostramos que, editada entre 1904 a 1914, a Revista Escolar do Instituto de Humanidades, tendo como diretor-editor o professor Joaquim Nogueira, tornou-se o rosto de instrução e divulgação das práticas pedagógicas e discursos cívico-patrióticos postos em ação na cultura escolar do educandário.

Neste item, dissertamos a respeito dos rastros de tinta deixados no papel da Revista Escolar, no decorrer de uma década de vida útil, por docentes, discentes, colaboradores e editor. Devido ao caráter eclético dos temas que versam as sessões da Revista Escolar, apresentamos uma visão global dos autores e assuntos presentes no periódico, pois, o estudo mais aprofundado da mencionada revista, como objeto, está reservado para um futuro bem próximo e, além disso, a escrita do historiador pede concisão e espírito de síntese. Esse espírito de concisão e síntese, postos em prática sobre a narrativa das seções presentes no periódico, toma como referência as considerações de Martinho Rodrigues, quando diz:

> Não é preciso dizer da impossibilidade de proceder-se a uma leitura exaustiva de todo o material. O volume de publicações lançadas a cada dia ultrapassa as possibilidades de leitura do mais dedicado dos pesquisadores. A seleção é inevitável, salvo nos possíveis casos de investigações voltadas para objeto muito restrito ou pioneiro. Ainda assim, o estudante poderá ser surpreendido pelo volume de textos. Os motivados poderão tentar.[197]

Nesse sentido, as seções pedagógicas selecionadas nos tomos de 1906, 1907, 1908, 1911, 1912 e 1914 foram: Cousas Históricas, Ensaios de Gramática, Lições de Desenho e Aritmética, História Universal e Geografia Política, tecidas pelo corpo docente; Ceará-República, Cronologia, Poesia e Vida Escolar, escritas pelo corpo discente; Pontos de Aritmética, Patriotas Cearenses, Reminiscência do Ofício e Idioma Rústico, oriundas da pena de colaboradores; Movimento Escolar, Ano Letivo, Boa Leitura, Echos Escolares e Amigos do Instituto, materializadas pelo punho editorial.

---

[197] MARTINHO RODRIGUES, Rui. **Pesquisa acadêmica:** como facilitar o processo de preparação de suas etapas. São Paulo: Atlas, 2007, p.20.

Para cada seção, selecionamos os nomes de autores que colaboraram com mais assiduidade no periódico escolar do Instituto de Humanidades.

A sessão "Cousas Históricas" abordou assuntos referentes à mitologia greco-romana, história dos hebreus, personagens militares, fatos da história pátria, vida de mulheres célebres e guerras gregas. Essa sessão buscava transmitir valores morais que pudessem ser postos em prática pelos discentes. No cotidiano escolar, dentre os temas, destacaram-se: O Golpe de Jarnac, A Sarça de Horeb, A Retira de Laguna, As Lamentações de Jeremias, As Conquistas de Alexandre, A Bravura de Joana D'Arc, Os Cães de Acteon, a Ambição de Themistocles, dentre outros. Andrade Furtado foi o nome mais expressivo da tessitura dessa sessão, tendo atuado no Instituto de Humanidades, como aluno-auxiliar, docente e colaborador. Dentre as temáticas que apresentou na sessão destacou-se:

> A Sarça de Horeb
>
> Moysés, estando a pastorear ovelhas aos pés do Monte Horeb, viu uma chamma que ardia em torno de uma sarça verde, a qual não soffria a acção consumidora do fogo. Admirado, ia a avizinhar-se della, quando uma voz lhe ordenou, que se descalçasse porque aquelle pedaço de terra era santo. Moysés, conhecendo naquella ordem a voz de Deus, prompto obedeceu. O Senhor, então, mando-o libertar os israelitas do julgo de Pharaó, no Egyto.
>
> E Moysés foi, trabalhou e conseguiu a liberdade do povo captivo. A sarça de Horeb, allude-se, quando se quer representar um abrazamento qualquer em que um coração todo se inflamma.[198]

José Carlos de Matos Peixoto, na sessão "Ensaio de Gramática", priorizou que o corpo discente conhecesse substantivos, artigos, adjetivos e sintaxe. Sobre o tema substantivo, destacou a origem do prenome e cognome, afirmando que muitos eram de origem bíblica, histórica, geográfica, botânica e indígena. Na sessão "Explicações de Aritmética", cujo autor era o professor H. Autran, os discentes aprendiam a conhecer grandezas, números, operações de adição, subtração, multiplicação e divisão. H. Autran foi responsável, ainda, pela sessão "Lições de Desenho", que iniciou narrando a noção de desenho a partir da concepção de autores estrangeiros, como Th. Braun, L. d'Henriet, Walter Smith Iollet de Duque e Gerard de Lairesse. O docente apresentava, ainda, as categorias de desenho imitativo, de aproximação rigorosa, linear, subdividido em geométrico e a vista. Essa sessão buscou acompanhar o dito progresso do mundo industrial, que necessitava, no alvorecer do século XX, de bons engenheiros, matemáticos e desenhistas em suas fileiras. De autoria do Dr. Raimundo Francisco Pinheiro, a sessão "História Universal" destacava a História Antiga, Moderna e Contemporânea. O docente dava ênfase na importância do corpo

[198] Revista Escolar do Instituto de Humanidades, ano VIII, n.1, Fortaleza, janeiro de 1911, p.6.

discente conhecer as instituições políticas, religiosas, militares e o saber dos eruditos, caso quisessem contribuir para o progresso da sociedade. Dentre os conteúdos abordados na sessão, destacamos: I. Grécia – A Região e o povo; II – O culto, instituições e leis de Sparta; III – Idem Athenas, IV – Arte militar dos gregos, V – Guerra dos gregos com os persas, VI – Idem entre si, VII – Causas e consequencias dessas guerras[199]. Essa sessão era extensa, chegando a ocupar até nove páginas com densos conteúdos. A sessão "Geografia Política" foi tecida para os alunos do Liceu do Ceará e do Instituto de Humanidades, pelo professor Antônio Theodorico da Costa Filho, que, por meio dela, buscava ofertar lições objetivas, sintéticas e atraentes, que despertassem, no alunado, a curiosidade em conhecer o papel do homem em sociedade, as formações sociais, raças humanas, formas de governo, línguas do mundo, religiões, economia, instrução, dentre outros aspectos. Na lição intitulada "Formas Sociais – Raças Humanas", Theodorico da Costa destaca o que vem a ser civilização. "A civilização é o grau de desenvolvimento de um povo sob o ponto de vista moral, intellectual e material".[200]

Os discentes, ao elaborarem a sessão "Ceará-República", deveriam narrar datas, fatos, nomes de pessoas ilustres, inaugurações de monumentos ocorridos a partir de 15 de novembro de 1889. Dentre os alunos que mais produziram nessa sessão estavam José Mendonça Nogueira, Raimundo Ângelo, Antonio Bezerra, Corlett Pereira e Costa Ribeiro. Dentre os fatos considerados importantes estavam: 1907, Conferência na Phenix Caixeiral, do Dr. Antônio Theodorico da Costa, com o tema "O homem e o progresso de sua locomoção" J. Nogueira; 1897, publicação de "O Reporter", tendo como redator Arthur Theophilo. Corlett Pereira [...][201]. Por meio dessa sessão, o educandário visava proporcionar, ao alunado, conhecimentos mais específicos sobre a História do Ceará. Para a sessão "Cronologia – Efemérides Nacionais", os discentes deveriam escrever sobre principais fatos da História do Brasil, compreendendo Colônia, Império e República. Dentre essas datas estavam: "1549 – estabelecimento do Governo Geral; 1763 – Tomada da Ilha de Santa Catarina; 1890 – Separação da Igreja do Estado; 1822 – Resolução de D. Pedro I de ficar no Brasil..."[202]. No rol de alunos que colaboravam na sessão estavam: Aarão, Cabral, Barreto Bezerra, Agripino, Clóvis, Ribeiro, Pantaleão, Monte, Carvalho. Essa sessão possibilitava que os alunos ampliassem seus conhecimentos sobre as datas cívicas nacionais. Escrita pelo

[199] Revista Escolar do Instituto de Humanidades, ano X, n.e, Fortaleza, janeiro de 1914, p.10.
[200] Revista Escolar do Instituto de Humanidades, ano VIII, n.3, Fortaleza, março de 1911, p.8.
[201] Revista Escolar do Instituto de Humanidades, ano IV, n.2, Fortaleza, 10 de fevereiro de 1907, p.7-9.
[202] Revista Escolar do Instituto de Humanidades, ano VIII, n.1, Fortaleza, janeiro de 1911, p.18.

aluno Luiz Veiga, a sessão “Poesia” versava sobre os tipos de poesia, o papel do teatro e tipos de peças. Dentre os tipos de poesia, destacaram-se epigrama, madrigal e décima. A sessão possibilitava o desenvolvimento da linguagem artística do discente. Na sessão “Vida Escolar”, os discentes eram incentivados a escrever sobre os exercícios que realizavam durante as aulas, como por exemplo, Anatomia e Aritmética. O estilo de redação a ser seguido pelo aluno deveria ser de acordo com a Gramática, de José Portugal. Já para os exercícios de Aritmética, era importante a orientação do docente. Destacou-se, nessa sessão, o aluno Manoel dos Passos Barros, que escreveu sobre Anatomia. Essa sessão era uma maneira de por em prática o método de ensino intuitivo, uma vez que, incentivava o aluno a aprender fazendo.

Ativo correspondente do Instituto de Humanidades, o professor Dr. Arthur Thiré exerceu intensa colaboração nas páginas da Revista Escolar, tendo organizado a sessão “Pontos de Aritmética”, onde primava por apresentar, para o alunado, teoremas que facilitassem, por exemplo, a aprendizagem das operações matemáticas. Dentre os teoremos destacou-se o da prova dos nove para multiplicação e divisão. Após as teorias, na mesma sessão, o professor A. Thiré elaborava problemas para desenvolver o raciocínio lógico do alunado, concluindo que “A resolução dos problemas de aritmética é uma questão com a qual deve ser familiarizar praticamente aquelles que desejam estudar proveitosamente este ramo da ciência”[203]. Os problemas matemáticos elaborados pelo professor Arthur Thiré e a sua resolução é destaque na Revista Escolar de 1911:

> 3º Problema
>
> Achar um numero, sabendo-se que dividindo-se 2800 por esse numero, a divisão dá o quociente 32 e o resto 16.
>
> Sabe-se que, numa divisão de numeros inteiros, o dividendo é igual ao produto do divisor pelo quociente, mais o resto.
>
> Dahi resulta o seguinte: si do dividendo fôr diminuído o resto. O resultado será igual ao producto do divisor pelo quociente.
>
> No nosso problema, trata-se de uma divisão em que o dividendo é 2800; o divisor é o numero procurado; o quociente é 32 e o resto 16.
>
> 2800
> 16
> 2784
>
> Do dividendo 2800 subtraindo-se o resto 16, obtem-se como resultado 2784.
>
> Este resultado é igual ao producto do divisor pelo quociente: é igual ao produto do divisor (desconhecido) pro 32.
>
> Este divisor desconhecido (e que é o numero procurado) é, por conseguinte, um dos factores de uma multiplicação em que o producto é 2784 e o outro factor é 32.

[203] Revista Escolar do Instituto de Humanidades, ano VIII, n.3, Fortaleza, março de 1911, p.18.

2784|32
256 87
224
224
000

Sabe-se que neste caso, para se obter o factor desconhecido, basta dividir o producto 2784 pelo factor conhecido 32. Fazendo-se a divisão, acha-se o quociente 87.

Conclusão: o numero procurado é 87.

2784|87
261 32
190
174
16

Verificação:
Verifica-se effectivamente que, dividindo-se 2800 por 87, o quociente da divisão é 32 e o resto é 16.[204]

A intitulada sessão "Patriotas Cearenses", nascida da pena de Antonio Bezerra de Menezes, tinha a finalidade de narrar biografias de vultos cearenses que se destacaram pela participação em movimentos políticos, como a República, guerras, como a do Paraguai, batalhas, dentre outros.

O intuito do Instituto de Humanidades com essa sessão era mostrar aos alunos a importância de conhecer seu passado pátrio, para, assim, construir os caminhos de uma nação brasileira que tendia para o progresso.

Dentre as biografias de vultos estavam: padre de Loyola Albuquerque Mello Mororó, Tristão Gonçalves, João de Andrade Pessoa Anta, Francisco Miguel Pereira Ibiapina, dentre outros[205]. Assíduo colaborador da Revista Escolar, o professor Odorico Castelo Branco escreveu a denominada sessão "Reminiscência do Ofício", onde narrava sua experiência enquanto mestre-escola e diretor do Instituto Miguel Borges, em Fortaleza. Dentre os temas dessa sessão constaram: De graça, Corrida, O Capim do Pátio, Economias do Coronel, A Reforma, Para o Acre, O Bicho, O Chico, Feia, dentre outros[206]. As temáticas presentes na sessão, além de fragmentos da memória do mestre-escola, tinham um caráter humorístico. A sessão "Idioma Rústico" foi escrita pelo punho de Julio Cícero Monteiro[207], natural de Camocim, servidor federal, exerceu atividades na Estrada de Ferro de Camocim,

[204] Revista Escolar do Instituto de Humanidades, ano VIII, n.4, Fortaleza, abril de 1911, p.21-22.
[205] A sessão "Patriotas Cearenses": Revista Escolar do Instituto de Humanidades, ano V, n.1, Fortaleza, janeiro de 1908 à Revista Escolar do Instituto de Humanidades, ano V, n.8, Fortaleza, agosto de 1908.
[206] Os temas abordados na sessão "Reminescencia do Ofício", encontram-se nas seguintes revistas: Revista Escolar do Instituto de Humanidades, ano VIII, n.8, Fortaleza, agosto de 1911 à Revista Escolar do Instituto de Humanidades, ano IX, n.9, Fortaleza, setembro de 1912.
[207] CAMPOS, Eduardo. Subsídios ao adagiário cearense. In: CAMPOS, Eduardo. **Cantador, musa e viola**. Rio de Janeiro: Companhia Editora Americana, 1973, p.111-127.

vocação para o jornalismo e autor de inédita pesquisa denominada “Idioma rústico outras formas dialetais cearenses”, que constou apenas nas páginas da Revista Escolar. Nessa sessão, apresentava a importância das locuções populares, das quais fazia estudo comparativo com a linguagem erudita. Dentro das locuções populares, destacaram-se: Malhar em ferro frio, Remar contra maré, Maria vai com as outras, Pelos santos se beijam os altares, Caro pela hora da morte, A roupa suja lava-se mesmo em casa, Tirar o cabelo da venta, Deus escrever certo em linhas tornas, dentre outras.[208]

Enquanto editor, o professor Joaquim da Costa Nogueira teceu as narrativas de diversas sessões, das quais destacamos: Movimento Escolar, Ano Letivo, Boa Leitura, Echos Escolares e Amigos do Instituto. Com “Movimento Escolar, presente na última página de cada mês da Revista Escolar, o educador destacava as médias mensais, promoções de alunos, matrículas e concursos. Através dessa sessão, pais, sociedade cearense e outros locais em que circulavam a revista tinham o acesso ao movimento do educandário. Em “O Ano Letivo”, o mestre-escola destacava os aspectos positivos e negativos ocorridos no decorrer do ano escolar. A sessão “O Ano Letivo” para 1907, mencionava:

> O Anno Lectivo
>
> Conforme determinam os Estatutos, foram dadas ás férias aos alumnos no dia 15 de novembro ultimo, encerrando-se os trabalhos do 4º anno de vida escolar do Instituto de Humanidades. Como nos annos anteriores, correu placidamente o anno lectivo, sem que uma só nuvem viesse toldar o CEO da vida intima collegial. Os nossos desejos foram bem correspondidos pelos esforços dos jovens educandos e pela generosa confiança dos srs. Paes a quem muito devemos o bom exito da nossa causa.
>
> Bem contentes do que temos feito já demasiadamente penhorado com o prematuro reconhecimento dos digníssimos srs. Chefes de família, animamo-nos a prosseguir a caminho que, embora escabrosa e cheia de espinhos, nos mostra, ao fim, o penhor sincero da gratidão.[209]

O Ano Letivo, constava no último mês de edição da Revista Escolar de cada ano, ou seja, entre os meses de outubro e novembro. Nome de batismo da Biblioteca do Instituto de Humanidades, “Boa Leitura”, também enquanto sessão apresentava livros, revistas e jornais que faziam permutas com a Revista Escolar. Dentre livros, revistas e jornais, podemos destacar: “O Universo”, jornal publicado no Rio de Janeiro, sob o olhar redacional de Ramalho Ortigão e F. Ribeiro de Goveia; “Pio X”, periódico mensal do corpo discente do Colégio Diocesano Pio X, na Paraíba do Norte; “O Mineiro”, jornal católico da cidade de

[208] Revista Escolar do Instituto de Humanidades, ano X, n.1, Fortaleza, janeiro de 1914, p.4-6.
[209] Revista Escolar do Instituto de Humanidades, ano IV, n.11, Fortaleza, 30 de novembro de 1907, p.4-5.

Minas Novas, em Minas Gerais; "O Monitor do Povo", jornal publicado no Piauí; "O Congresso", jornal do Congresso Litero-Sobralense, de Sobral-Ceará; "O Lírio", revista literária de São Paulo, oferecida ao educandário pelo professor H. Geenen; e, "Vozes de Petrópolis", revista mensal da Ordem dos Franciscanos Menores[210]. Essa sessão era das mais importantes, a qual possibilitava, ao corpo docente e discente, acompanhar o que estivesse sendo produzido no mundo editorial. Ao tecer as linhas de "Echos Escolares", o professor Joaquim Nogueira ofertava destaque para exames, reformas de ensino, notícias de educandários, concessão de certificados, matrículas de outros educandários, exames de admissão, instrução secundária, garantias do ensino, renúncias, curso ginasial, concursos literários, dentre outros. A sessão trazia informações gerais sobre os últimos acontecimentos do ensino no Brasil e no Exterior. Por fim, através da sessão "Amigos do Instituto", o mestre-escola buscava homenagear colaboradores que incentivavam o funcionamento do educandário e a circulação da revista. No universo onomástico desses amigos estavam: Dr. José Lino da Justa, Alba Valdez, Dr. Ildefonso Correia Lima, Dr. José Mário da Silva Freire e Olimpio Galvão[211].

Portanto, as sessões tecidas pelo corpo docente, discente, colaboradores e editor, nas páginas da Revista Escolar, possibilitaram que a construção do periódico, enquanto material didático, pusessem em divulgação métodos pedagógicos considerados renovadores, que eram pautas do debate educacional no contexto republicano. A Revista Escolar, apresentando ainda, uma boa qualidade de impressão e encadernação, foi, a cada ano, obtendo o respaldo e aumento do seu público leitor em âmbito nacional e internacional, multiplicando, assim, o rol de correspondentes do periódico, como podemos destacar na Revista Escolar, de 1911:

> São dignos correspondentes da Revista:
>
> Neste Estado
>
> Aracaty – Dr. Pedro Paulo da S. Moura
> Baturité – Major João Ramos Filho
> Canindé – Thomaz Barbosa Cordeiro
> Camocim – Coronel Ignácio d'A. Fortuna
> Humaytá – Coronel Leonel R. do Valle
> Itapipoca – Dr. A. Drummond
> Pedra Branca – Dr. José Odorico de Moraes
> Quixeramobim – C. Raphael Pordeus
> Sobral – Dr. G. de Souza Pinto
> Viçosa – Dr. Claudio Idelburque C. Leal

[210] Revista escolar do Instituto de Humanidades, ano VIII, n.1, Fortaleza, janeiro de 1911, p.22-24.

[211] A sessão "Amigos do Instituto" abrange o ano de 1911: Revista Escolar do Instituto de Humanidades, ano VIII, n.1, Fortaleza, janeiro de 1911 à Revista Escolar do Instituto de Humanidades, ano VIII, n.8, Fortaleza, agosto de 1912.

Amazonas

Manaus – Mons. Antero J. de Lima
Borba – Dr. Jeronymo de Xerez
Coary – Dr. Ângelo Baptista

Pará

Belém – Anacleto Pamplona
Anajás – Major Euclides Camarú

Maranhão

Caxias – Prof. João Soares de Anadras

Piauhy

Parnahyba – Dr. Theophilo d'A. Fortuna

Rio Grande do Norte

Natal – Antonio V. de Miranda

Pernambuco

Recife – Dr. José Mário de S. Freire

Bahia

Castro Alves – Prof. Eugenio de Araujo

Espírito Santo

Victoria – Prof. Francisco Loureiro

Rio de Janeiro

Capital Federal – Dr. Arthur Thiré, Octavio Dutra e Gustavo Barroso

São Paulo

São Paulo – Dr. H. Geenen

Santos – Dr. Japhet V. P. da Motta

Minas Gerais

Bello Horizonte – Dr. F. Amédée Peret

Portugal

Lisboa – Dr. Vasconcellos Veiga

Cabo Verde – Prof. José Lopes da Silva.[212]

Sendo editada durante uma década, sem interrupções, a Revista Escolar cessa a sua circulação, assim como, o funcionamento do Instituto de Humanidades, em 1914, devido ao assassinato de José Mendonça Nogueira. O periódico renasceu em julho de 1925, sob o mesmo nome de Revista Escolar, propagando a cultura escolar do Colégio Nogueira, nova denominação dada, pelo mestre-escola, ao antigo Instituto de Humanidades. Nessa nova fase, a Revista Escolar funcionou de julho de 1925 a outubro de 1926, com o corpo redator composto por Plácido Aderaldo Castelo e João Perboyre Silva, sendo editadas pela

[212] Revista Escolar do Instituto de Humanidades, ano VIII, n.1, Fortaleza, janeiro de 1911, contra-capa.

Tipografia Iris e São José. Foi de interesse da Instrução Pública do Ceará, que a Revista Escolar fosse seu órgão oficial, o que não se concretizou, devido à falta de investimentos necessários, por parte do governo. Enquanto material didático, a Revista Escolar possibilitou, através dos rastros de tintas deixados em suas páginas, caminhos que permitiram compreender a cultura escolar considerada adequada, para preparar o educando, de acordo com as exigências da modernidade republicana.

5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer das linhas tecidas nesta dissertação detectamos que o contexto da Belle Époque internacional, nacional e local, foi marcado por um imaginário de progresso, civilização, industrialização e modernidade. Esses ares de modernidade influenciaram a educação européia, norte-americana e brasileira propondo, a adoção do método do ensino intuitivo como inovador nas práticas e saberes pedagógicos. Percebido por educadores e intelectuais como método moderno, o ensino intuitivo, pautado pelas idéias Pestalozzi, Fröebel, Herbart e Norman Alisson Calkins influenciou a formação pedagógica de docentes e discentes, organização escolar, arquitetura de educandários, a cultura material escolar como mobiliários, materiais didáticos dentre os quais livros e revistas, avaliações, premiações, festividades cívicos-patrióticas, ou seja, toda a cultura escolar de uma época. O movimento republicano brasileiro de 15 de Novembro de 1889, estabeleceu um projeto sócio-educativo no qual defendia o método de ensino intuitivo e um discurso cívico-patriótico que percebia na educação o caminho mais eficaz para se colocar o Brasil nos trilhos do progresso, do qual fazia parte nações ditas mais civilizadas como a Inglaterra, França, Alemanha e Estados Unidos da América. Partindo dessas considerações, a escola na primeira república deveria ofertar ao alunado uma formação integral, pautada por um ensino enciclopédico que abrangia leitura, escrita, aritmética, higiene, religião, moral, civismo, ciências físicas e naturais, instrução militar, ginástica, música, história do Brasil, geografia e trabalhos manuais. Em virtude da ampliação da indústria e comércio no Brasil eram ofertado ainda, as disciplinas de desenho e escrituração comercial.

Estando inserido nesse projeto sócio-educativo republicano a educação cearense, de âmbito público e privado acompanhou os debates e aplicação do método de ensino intuitivo ou lições de coisas, na formação de seu corpo docente e discente. A chegada em solo cearense do método do ensino intuitivo deveu-se as viagens que educadores cearenses como José Barcellos e Amaro Cavalcante realizaram para a Europa e Estados Unidos da América, onde tomaram conhecimento das leituras de manuais sobre as Lições de coisas. Enquanto Instituição escolar pública a Escola Normal do Ceará, através do seu anexo, ou seja, sua Escola de Aplicação colocou em prática o método de ensino intuitivo no seu cotidiano escolar. No rol de Instituições escolares privadas cearenses que puseram em prática o método de ensino intuitivo estavam o Instituto Miguel Borges, o Colégio Colombo e o Instituto de Humanidades, que constituiu-se em objeto de estudo dessa dissertação.

O Instituto de Humanidades cujo funcionamento ocorreu entre 1904 à 1914, volveu seu olhar para os debates que mostravam os métodos do ensino intuitivo como renovadores na educação. A construção dos saberes e fazeres pedagógicos do educandário, como a saber, conteúdo de disciplinas, programas de ensino, sabatinas, prêmios, avaliações, concursos, organização escolar, préstito escolar e construção de materiais didáticos como a Revista Escolar, pautaram-se pelo método de ensino intuitivo incentivando aos educandos desenvolverem seus conhecimentos partindo do simples para o complexo, conforme refletia o lema do educandário. O alunado oriundo da elite econômica, política e intelectual cearense e de outras localidades, que freqüentavam o Instituto de Humanidades, recebiam ainda uma formação cívico-patriótica, pautada pelo imaginário republicano vigente, onde aprendia a cumprir os seus direitos e deveres para com a família, pátria e sociedade possibilitando assim, o progresso da nação. Assim a escola para o professor Joaquim Nogueira:

> ...É na escola que se organiza a sociedade e que se consolidam e fortificam os sentimentos nobres de patriotismo e lealdade(...) por isso nos esmeramos com zelo e o aluno no ensino de civismo e procuramos fazer de cada menino de hoje em cidadão íntegro de amanhã, incutindo no seu espírito ainda em botão o germem do bem, o amor à dignidade, a sede e a fome da perfeição, o apreço a nobreza de caráter!..[213]

A sociedade cearense tomava parte do imaginário cívico-patriótico do Instituto de Humanidades por meio das sabatinas, prêmios, concursos e préstitos escolares no qual os alunos desfilavam pelas ruas de Fortaleza portando os símbolos da república. O corpo docente que lecionava no educandário era composto por acadêmicos de direito, militares, engenheiros, literatos, cléricos e membros do Instituto Histórico do Ceará. O rol de colaboradores contava com educadores, literatos, intelectuais, autoridades civis e religiosas do âmbito internacional, nacional e local. Importa salientar ainda, que a Revista Escolar do Instituto de Humanidades, durante a década de sua circulação de 1904 a 1914, serviu como rosto de propagação da cultura escolar que norteava as práticas pedagógicas e educativas do educandário. Portanto, o Instituto de Humanidades colaborou para consolidar na formação do seu alunado e na sociedade cearense o imaginário social, cultural, educacional e político da República.

[213] Revista Escolar do Instituto de Humanidades ano VIII. nº.1. Fortaleza, Janeiro de 1911. P.1 - 2.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Joaquim. **O Ensino Primário na primeira metade do século XX**. In: Martins Filho, Antônia; Girão, Raimundo. **O Ceará.** 3. Ed. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1966.

ARAÚJO, José Carlos Souza; Júnior, Décio Gatti (Orgs) **Novos temas em história da educação brasileira: instituições escolar e educação na imprensa**. Campinas, SP: Autores Associados, Uberlância, MG, EDUFU, 2002.

ARCE, Alessandra. **Friedrich Fröebel: O Pedagogo dos Jardins de Infância**. Petrópolis – RJ: Vozes, 2002.

AZEVEDO, Fernando. **A Cultura brasileira: introdução ao estudo de cultura no Brasil**. 3vol – A Transmissão da Cultura. 9 ed. Brasília: Editora Universidade Brasília, 1963.

BARREIRA, Dólor. **História da Literatura Cearense.** Fortaleza. Edições Instituto do Ceará, Imprensa Oficial do Ceará – IOCE, 1987 - Tomos I a II.

BATISTA, Henrique Sérgio de Araújo. **Assim na morte como na vida – Arte e Sociedade no Cemitério São João Batista (1866 – 1915).** Fortaleza: Museu do Ceará, 2002.

BENCOSTTA, Marcus Levy Albino (Orgs) **Culturas Escolares, saberes e práticas educativas: Itinerários Históricos.** São Paulo: Cortez, 2007.

BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. **História da Educação, arquitetura e espaço escolar**. São Paulo: Cortez, 2005.

BEZERRA, Antonio. **O Ceará e os Cearenses.** Edições Fac-símile. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcantra, 2001.

BROCA, Brito. **A Vida Literária no Brasil.** 5 Ed. Rio de Janeiro: José Olympio – Academia Brasileira de Letra, 2005.

BURKE, Peter. **A História dos Acontecimentos e o Renascimento da Narrativa**. In: Burke, Peter. **A Escrita da História: Novas Perspectivas.** São Paulo, Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

BURS, E. Bradford. **A aliança não escrita: O Barão do Rio Branco e as relações do Brasil com os Estados Unidos**. Rio de Janeiro: EMC, 2003.

CALDEIRAS, Jorge. **Mauá: empresário do Império São Paulo**. Companhia das Letras, 1995.

CALÓGERAS, J. Pondiá. **Formação histórica do Brasil**. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1957.

CAMBI, Franco. **História da Pedagogia.** Trad. Álvaro Lorencini, São Paulo: UNESP, 1999.

CAMPOS, Eduardo. **Cantador, Musa e Viola,** Ministério da Educação – MEC Companhia Editorial Americana, 1973.

CAMPOS, Eduardo. **Capítulos de História da Fortaleza XIX.** Fortaleza, Edições UFC, 1985.

CAMURÇA, Marcelo. **Marretas, Malambos e Rabelistas. A Revolta de 1914 em Juazeiro.** São Paulo, Maltese, 1994.

CARVALHO, José Murilo de. **A Formação das Almas: O Imaginário da República do Brasil.** São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

CARVALHO, José Murilo. **Os bestializados:** o Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.

CARVALHO, Rómulo de. **História do Ensino em Portugal: desde a fundação da nacionalidade até o fim do regime de Salazar – Caetano.** Lisboa: Edição de Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

CASTELO, Plácido Aderaldo. **História do Ensino no Ceará.** Monografia nº.22. coleção do Instituto do Ceará. Dep. Imprensa Oficial, 1970.

CASTRO, Ana Célia. **As empresas estrangeiras no Brasil** (1860-1913). Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

CATROGA, Fernando. **Nação, mito e rito: religião civil e comemoracionismo (EUA, França e Portugal).** Fortaleza: Edições Nudoc – Museu do Ceará, 2005.

CAVALCANTE, Maria Juraci Maia (Org) **História e Memória da Educação no Ceará.** Fortaleza: Imprensa Universitária, 2002.

CAVALCANTE, Maria Juraci Maia. **João Hippólyto de Azevedo e Sá: o Espírito da Reforma de 1922 no Ceará.** Edições UFC, 2000.

CAVALCANTE, Maria Juraci Maia; Bezerra, José Arimatéa Barros (Orgs). **Biografias, instituições, idéias, experiências e políticas educacionais.** Fortaleza: editora UFC 2003.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano** 2 Ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 1996.

CHARTIER, Roger. **Textos, Impressões, Leituras**. In: Hunt, Lynn. **A Nova História Cultural.** São Paulo: Martins Fontes, 1992.

COMTE, Augusto. **Catecismo Positivista.** São Paulo: Abril Cultural, 1978.

CORDEIRO, Celeste. **Brinquedos de Memória: Em Fortaleza no Início do Século XX.** Fortaleza: Demócrito Rocha, 1996.

COSTA, Ângela Marques da. Schwarcz, Lilian Moritz (Orgs) **1890-1914: No Tempo das Certezas.** São Paulo. Companhia das Letras, 2000.

COUTINHO, Afrânio. **Introdução a Literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Distribuidoras de Livros Escolares, 1972.

CRUZ M.Braga do. **Teorias Sociológicas: Os Fundadores e os Clássicos (Antologia de Textos)** 4 Ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

DAOU, Ana Maria. **A Belle Époque Amazônica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2004.

DICKENS, Charles. **David Copperfield**. Rio de Janeiro: Edições de Ouro S/A.

DUTRA, Eliane de Freitas. Mollice Jean – Yves (ORGS). Política, nação e edição: **O Lugar das Imprensas na Construção da vida política do Brasil, Europa e Américas nos séculos XVIII-XX.** São Paulo: Anablume, 2006.

EKSTEINS, Modris. **A Sagração da Primavera: A Guerra e o Nascimento da Era Moderna.** Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

ESPÍNDOLA, Itamar. **Professor às Completas.** In: Revista do Ceará. Fortaleza, V 105, 1991.

FARIA FILHO, L. M. **Dos Pardieiros ao Palácios: Cultura escolar e urbana em Belo Horizonte na Primeira República.** Passo Fundo: UPF, 2000.

FREITAS, Marcos Cesar de; Kuhlman Jr, Moisés (ORGS). **Os intelectuais na história da infância**. São Paulo: Cortez, 2002.

FREYRE, Gilberto. **Ordem e Progresso.** 6ª Ed. Ver. São Paulo: Global, 2004.

YERGIN, Daniel. **O petróleo: Uma história de ganância, dinheiro e poder**. São Paulo: Scritta 1992.

GIRÃO, Raimundo. **Evolução histórica cearense Fortaleza**: BNB/ETENE, 1985.

GIRÃO, Raimundo. **Geografia Estética de Fortaleza.** Fortaleza: BNB, 1959.

GONDRA, José. **História, infância e escolarização.** Rio de Janeiro: 7 letras, 2007.

GUAZELLI, Cesar Augusto Barcellos (Org). **Questões da teoria e metodologia da história.** Porto Alegre: Editora Universitária: UFGRS, 2000.

HARTOG, François. **A arte da narrativa histórica**. In: Boutier, Jean; Julia, Dominique. **Passados recompostos, campos e canteiros da história.** Rio de Janeiro. Editora UFRJ. Editora FGV, 1998.

HOBSBAWN, Eric. **A era dos impérios 1875-1914**. Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

KUHLMANN Jr. M. (Orgs**) Os intelectuais na história da infância.** São Paulo: Cortez, 2002.

KUHLMANN Júnior, M. **As grandes festas didáticas: a educação brasileira e as exposições internacionais (1962-1922).** Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2001.

INCONTRI, Dora. **Pestalozzi: Educação e Ètica.** São Paulo: Scipioni, 1997.

LAMPEDUZA, G. Tomasi. **O Leopardo**. São Paulo: Difusão Européia do Livro

LE GOFF. Jacques. **A História e Memória.** 4 Ed. Campina – São Paulo: UNICAMP, 1996.

LE GOFF. Jacques. **A História Nova.** Trad. Eduardo Brandão. 4 Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LE GOFF. Jacques. **A História Novos Objetos.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

LEIF, J; Rustin, G. **Pedagogia Geral: pelo estudo das doutrinas pedagógicas**. São Paulo: Companhia Editoral Nacional, 1968.

LIMA, Herman. **Poeira do Tempo: Memórias.** Rio de Janeiro. Editora José Olympio, 1962.

MAGALHÃES, Justino Pereira de. **A História das Instituições Educacionais em Perspectiva**. In: Júnior, Décio (Org) História da Educação em Perspectiva: Ensino, Pesquisa, Produção e Novas Investigações. Campinas – São Paulo: Autores Associados, 2005.

MAGALHÃES, Justino Pereira de. **A Voz e a Vez na História da Educação (Conversa à boca de Cena)** In: Vasconcelos, José Gerardo (Org) **Interfases Metodológicas na História da Educação,** Fortaleza: Edição UFC, 2007.

MAGALHÃES, Justino Pereira de. **Breve apontamento para a História das Instituições Educativas** In: Sanfelice; Saviani; Lombardi (Orgs) **História da Educação: Perspectivas para um Intercâmbio Internacional.** Campinas – São Paulo: Autores Associados, 1999.

MAGALHÃES, Justino Pereira de. Fernandes, Rogério (Orgs) **Para a História do Ensino Liceal em Portugal.** Edição II E. Univ. Minho – Braga, 1999.

MAGALHÃES, Justino Pereira de**. Tecendo Nexos: História das Instituições Educativas.** Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2004.

MALERBA, Jurandi (Org). **A velha história: teoria, método e historiografia.** Campinas.

MANSON, S. F. **História da Ciência: As principais correntes do pensamento científico**. Rio de Janeiro: Globo, 1962.

MARTINHO RODRIGUES, Rui. **A Busca das Fontes na Pesquisa Histórica e na Educação**. In: Vasconcelos, José Gerardo, Vasconcelos Júnior, Raimundo Elmo de Paula (Orgs), **Interfases Metodológicas da Educação.** Fortaleza: Edição UFC, 2007.

MARTINHO RODRIGUES, Rui. **Pesquisa Acadêmica: Como Facilitar o Processo de Preparação de Suas Etapas.** São Paulo: Atlas, 2007.

MARTINHO RODRIGUES, Rui. **Príncipe, Lobo e Homem Comum: Análises das Idéias de Maquiavel, Habbos e Locke.** Fortaleza: Casa José de Alencar UFC – Programa Editorial, 1997.

MARTINHO RODRIGUES, Rui. **Teorias, Fontes e Períodos na pesquisa Histórica**. In. Cavalcante, Maria Juraci Maia, Queiroz, Zuleide Fernandes, Vasconcelos Júnior, Raimundo Elmo de Paula, Araújo, José Edvar Costa (Orgs) **História da Educação vitrais da Memória: Lugares, Imagens e Práticas Culturais.** Fortaleza: Edições UFC, 2008.

MARTINS, Ana Luiza. **Revista em Revista: Imprensa e Prática Culturais em Tempos de República. Em São Paulo (1890 – 1922).** São Paulo: FAPESP – Imprensa Oficial do Estado, 2001.

MENEZES, Anderson. **História da Faculdade de Direito do Amazonas.** Manaus, 1959.

MENEZES, Djacir. **A educação no Ceará. Repasse histórico (das origens a 1930)** In: Martins Filho, Antônio; Girão, Raimundo. **O Ceará**. 3. Ed. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1966.

MOTA, Haroldo. **História Política do Ceará 1889-1930.** Fortaleza Editora Stylus comunicações, 1987.

NAGLE, Jorge. **Educação e Sociedade na Primeira República.** São Paulo: EPU, 1974.

NASCIMENTO, Maria Isabel Moura (Org) **Instituições Escolares no Brasil: Conceito e Reconstituição Histórica.** Campinas – SP: Autores Associados – HISTEDBR, Sorocaba-SP: Usina, Ponta Grossa-PR: UEPE, 2007.

NAVA, Pedro. **Baú de Ossos.** Rio de Janeiro José Olympio, 1973.

NIEDEL, Jeffrey D. **Belle Époque Tropical: Sociedade e Cultura de Elite no Rio de Janeiro na virada do século**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

NOBRE, Geraldo. **Introdução à história do jornalismo cearense**. Fortaleza: Gráfica editorial cearense. Gráfica Editorial Cearense 1975.

NOGUEIRA, Joaquim da Costa. **Ano escolar.** Livro de Leitura. Rio de Janeiro: Editor Leite Ribeiro e Maurillo, 1921.

NOGUEIRA, Joaquim da Costa. **Meu Filho** 5 Ed, 1915.

NOGUEIRA, José Mendonça. **Anuário Cearense para 1912**. Ano I, Fortaleza: TPY, Escolar. São Paulo: Ed. Papiros, 1996.

NOGUEIRA, Rubem. Rui Barbosa. **Contemporâneo do futuro episódio de suas lutas parlamentares**. Brasília. Senado Federal, Gabinete de Antônio Carlos Magalhães, 2006.

OLINDA, Ercilia Maria Braga de. **Formação integral do educando no tempo da Escola normal.** Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora Ltda, 2005.

OLINDA, Ercilia Maria Braga de. **Tinta, Papel e Palmatória: a Escola no Ceará do século XIX.** Fortaleza: Museu do Ceará – Secretaria de Cultura do Estado do Ceará 2004.

OLIVEIRA, João Hipólito Campos de. **Professor Joaquim da Costa Nogueira.** Revista do Instituto do Ceará. Fortaleza: Edições Instituto do Ceará, 1966.

PIMENTA, Joaquim. **Retalhos do Passado.** Rio de Janeiro: Dep. De Imprensa Nacional, 1949.

PONTE, Sebastião Rogério. **Fortaleza Belle Époque: reforma Urbana e Controle Social (1860-1930)** Ed. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2001.

QUINDERÉ, José. **Reminiscências.** Ed. Edições UFC: Casa José de Alencar. Programa Editorial, 1998.

REIS Filho, C. **A educação e a ilusão liberal:** origens da escola pública paulista. São Paulo: Cortez, 1981.

RENÉ, Humbert. **História da Pedagogia**. São Paulo: Editora Nacional, 1967.

Revista de Manguinhos, nº 7, maio 2005. **Coordenadoria de Comunicação Social**. Fio Cruz.

Revista para Professor de Português e de Literatura de Língua Portuguesa, Ano II, n.5, maio/agosto. Rio de Janeiro: Grifo, 1972.

SAMPAIO, Rosa Maria Writaver. Freinet: **Evolução História e Atualidades**. São Paulo. Scipione, 2002.

SANFLICE, José Luís. **História das Instituições Escolares**. In: Nascimento, M. I. M; Sandano, W; Lombardi, J. C; Saviani, Dores. **Instituições Escolares no Brasil: conceito e reconstrução histórica.** Campinas, SP: Autores Associados: HISTEDBR; Sorocaba, SP: UNISO, Ponta Groso, PR: UEPG, 2007.

SANTOS, Theobaldo Miranda. **Noções de História da Educação**. 12 ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1967.

SAVIANI, Demeval (Org) **História e História da Educação.** Campinas, São Paulo: Autores Associados – HISTDBR, 2000.

SCHNERB, Robert. **O século XIX: o apogeu da civilização européia.** São Paulo difusão européia do livro, 1961.

SCHWARCZ, Lílian W. Moriz. **O Espetáculo das Raças: Cientistas, Instituições e Questões Raciais no Brasil.** São Paulo. Companhia das Letras, 2005.

SEVCENKO, Nicolau (Org) **História da vida privada no Brasil.** República: da belle époque à era do rádio. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

SILVA, Kalina Vanderlei, Silva, Maciel Henrique. **Dicionário de Conceitos Históricos.** Ed. São Paulo: Contexto, 2006.

SOUSA, Rosa Fátima de; Valdemorin, Vera Teresa (Orgs) **A cultura escolar em debate: questões conceituais, metodológicas e desafios para a pesquisa.** Campinas: Autores associados, 2005.

SOUZA, Marcio. **Silvino Santos: O Cineasta do ciclo da borracha.** Rio de Janeiro: FUNART, 1999.

SOUZA, Rosa Fátima de. **A difusão da Escola Primária de campinas**. In: Nascimento, Terezinha, Aparecida Ribeiro. **Memória da Educação Campinas (1850-1960).** São Paulo Editora UNICAMP, 1999.

SOUZA, Rosa Fátima de. **História da Cultura Material Escolar: Um balanço inicial**. In: Bencostta, Marcus Levy Albino. **Culturas Escolares, saberes e praticas educativas: itinerários históricos.** São Paulo: cortes, 2007.

SOUZA, Rosa Fátima de. **Templos de civilização: Implantação da Escola Primária Graduada no Estado de São Paulo (1890 – 1910).** São Paulo Fundação Editora da UNESPE, 1978.

STEPHANOU, Maria Bastos, Maria Helena Câmara. H**istórias e Memórias da Educação no Brasil**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2005. (séc. XX).

STUDART, Guilherme Chambly. **Dicionário Bibliográfico Cearense**. 2 ed. Fortaleza: Tipografia Progresso, 1980.

TREVISAN, Leonardo. **A república velha**. São Paulo: Global, 1985.

TUCHMAN, Bárbara Wertheim. **A Marcha da Insensatez: De Tróia ao Vietnã.** Trad. Carlos de Oliveira Gomes. 7 Ed. Ed. José Olympio, 2005.

TUCHMAN, Bárbara Wertheim. **A Prática da História.** Trad. Waltensim Dutra. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.

TUCHMAN, Bárbara Wertheim. **Canhões de Agosto: Prêmio Pulitzer.** 1963. Trad. Eliana Sabino. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 1994.

TUCHMAN, Bárbara Wertheim. **O telegrama Zimmermann.** (Como os EUA entraram na primeira Guera Mundial) Trad. Waltensim Dutra. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.

VALDEMARIN, Vera Teresa. **Estudando as lições de coisas: análise dos fundamentos filosóficos do método de ensino intuitivo.** Campinas. São Paulo: autores associados, 2004.

VALDEMARIN, Vera Teresa. **Interfases e pesquisa sobre manuais escolares**. In: Bencostta, Marcus Levy Albino. **Culturas Escolares, saberes e praticas educativas: itinerários históricos.** São Paulo: cortes, 2007.

VASCONCELOS, Abner de. **Perfil de educador: Antonio Augusto de Vasconcelos**. Rio de Janeiro: Gráfica Editora Aurora LTDA, 1955.

WARDE, M. J. **Oscar Thompson na Exposição de St. Lois (1904): a exhibit showig "machinery for making machines"**. In: Freitas, M. C; Huhlmann Jr. M;. (Org) **Os intelectuais na história da infância.** São Paulo: Cortez, 2002.

XAVIER, Maria Sampaio Prado ((ORG) **História da Educação: A Escola no Brasil**. São Paulo: FTO, 1994.

FONTES CONSULTADAS

- Revista Escolar do Instituto de Humanidades de 1906. (jan. à dez.)
- Revista Escolar do Instituto de Humanidades de 1907. (jan. à nov.)
- Revista Escolar do Instituto de Humanidades de 1908. (jan. à nov.)
- Revista Escolar do Instituto de Humanidades de 1911. (jan. à out/nov.)
- Revista Escolar do Instituto de Humanidades de 1912. (jan. à out/nov.)
- Revista Escolar do Instituto de Humanidades de 1914. (jan. à jun/jul.)
- Revista Escolar do Colégio Nogueira de 1925 – 1926 (jul. de 1925 à jan. de 1926)

ANEXOS